

1999

2000

**DF**  
**LETRAS**  
A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO V Nº 59/62  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

IMPRESSO

CONTRATO Nº 281-0/97  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP. AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**BRASIL**  
500

Reportagens  
Poemas  
Entrevistas  
Idéias  
Leis

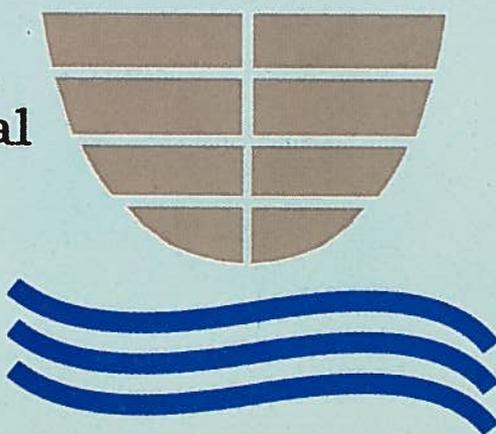
Centro-  
Oeste

250

Brasília 40

**Câmara**  
**Legislativa**  
do Distrito Federal

10



**Especial**  
Carta de Caminha narra  
o descobrimento  
do Brasil

# Brasília, capital da língua portuguesa

**Q**ue maravilhosa cidade a nossa, onde podemos reunir na mesma revista cultural-literária todos os sotaques, riquezas, sutilezas, saudades e perspectivas desta nossa pátria, a língua portuguesa! Com suas concordâncias, sintaxes, acentos e toda essa infinidade de recursos, é uma língua que une cerca de 220 milhões de falantes em quatro continentes.

O Brasil tem grande responsabilidade neste momento de revalorização da língua portuguesa em todo o mundo. É com esse espírito que a revista **DF Letras** volta a circular, depois de seis meses fora do circuito literário. Nesta nova fase, a revista engaja-se no movimento cultural que toma conta do Brasil, às vésperas das comemorações de seus 500 anos.

Instrumento de consulta e divulgação dos escritores do Distrito Federal, a **DF Letras** não poderia deixar de celebrar também os 40 anos de Brasília. É aí que convocamos todos os poetas, escritores, jornalistas e amantes das letras e das artes para essa empreitada cultural.

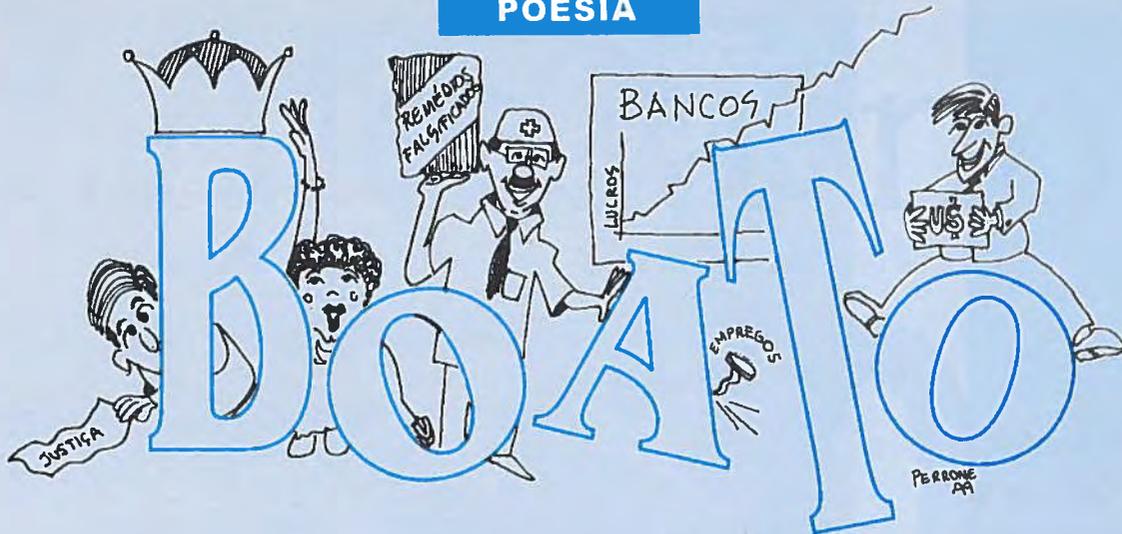
Entre os projetos de minha autoria apresentados até agora na Câmara Legislativa, tenho como principal a criação do Instituto Brasil. O novo espaço, localizado em área nobre de Brasília, vai reunir academias literárias, científicas e culturais de todo o Brasil. O projeto está dentro do contexto proposto pelo arquiteto Oscar Niemeyer.

Inspirado no Instituto da França, o Instituto Brasil será coordenado pela Academia Brasileira de Letras, trazendo essa importante instituição para nosso convívio. E ninguém fica de fora. Todas as academias já existentes no Distrito Federal terão espaço garantido no Instituto Brasil. A idéia é criar empregos, incentivar o turismo e dar a Brasília impulsos para um salto cultural.

Eis a boa nova para os escritores locais e do Brasil. Vamos fazer de Brasília também a capital da língua portuguesa.

**Gim Argello**

Vice-presidente da Câmara Legislativa do DF



*Quando D. Pedro II  
governava a Palestina  
e Dona Leopoldina,  
devia a Deus e ao mundo  
o poeta Zé Raimundo  
começou a capar jumento.*

*Daí veio  
um pensamento:*

*tudo  
aquilo era* **boato.**

*Oito noves fora quatro,  
Diz o Velho Testamento.*

**José Limeira,  
o Poeta do Absurdo**



# Cultura

*O embaixador Lauro Barbosa da Silva Moreira esteve na Câmara Legislativa do DF, no último mês de março, para apresentar o projeto das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil. Na ocasião, ele deu entrevista à DF Letras e detalhou os aspectos culturais e literários do evento.*

“*Quando falo das comemorações nos planos histórico, reflexivo e prospectivo, não estou excluindo a festa. Evidentemente vai haver festa. Só que para fazer festa no Brasil, não precisamos nos sacrificar muito. É fácil.*”

# & Poesia nos

# 500 anos

Festa da  
Língua Portuguesa

*Quem foi que descobriu o Brasil?*

*Minha terra tem palmeiras*

*E agora José? E agora José?*

*Foi "Seu" Cabral*

*Foi "Seu" Cabral*

*Vou-me embora pra Pasárgada*

*Porque hoje é sábado*

*Ai que preguiça*

*O meu nome é Severino*

*- Nonada. Tiros que o senhor ouviu...*

*Milho virado, maduro, onde o feijão enrama*

*Era tão linda! E estou triste*

*À parte isso, tenho em mim todos os sonhos  
do mundo*

*No dia 22 de abril*

*Dois meses depois do carnaval*

**POR LUIS TURIBA  
E  
ANA LÚCIA MOURA**

O

Brasil vai celebrar seus 500 anos sob o signo da poesia. Comemorações, encontros, reencontros cármicos, carnais e históricos. Reflexões e ações.

E por que não, festa? Portugal, África. Tupi or not tupi! A fome ainda mora aqui. O carnaval do ano 2000 será cabralino. Olha o povo brasileiro aí, gente! Morte e vida severina.

O embaixador Lauro Moreira, presidente da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil, portanto, o comandante das comemorações dos 500 anos, é um amante da poesia.

E este não é um fato isolado (apenas) dentro do contexto das comemorações dos 500 anos. A poesia (queira Deus!) marcará os acontecimentos culturais e sociais que

acontecimentos culturais e sociais que se multiplicarão ao longo deste ano e do próximo.

Ao longo de toda a sua vida, o embaixador Lauro Moreira conviveu com poemas e poetas. Aprendeu ainda menino a música das palavras. Seu padrinho de casamento com a poeta Marly de Oliveira (hoje casada com o poeta João Cabral de

Melo) foi o eterno Manuel Bandeira. Goiano de nascimento, Lauro Moreira passou a adolescência no Rio de Janeiro, a então glamorosa capital do país. Frequentou os ambientes literários e as melhores escolas de teatro. Conviveu com Guimarães Rosa, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade. Acompanhou o nascimento da bossa-nova, foi aluno da escola de teatro do mestre Paschoal Carlos Magno. Desta época, guarda uma lembrança: o encanto dos olhos, da palavra, da elegância e da poesia de Cecília Meireles, de quem ganhou, certa feita, uma caravela de madrepérola. "Cecília era realmente uma dama. No escrever e no viver", resume.

Foi toda essa experiência de vida que levou Lauro Moreira a aproveitar o seu dom de oratória, seu trato com a música das palavras, a gravar um álbum de poemas, "Mãos Dadas", com dois CDs. "Sempre estive no meio da poesia e até me atrevo a escrever, mas não sou poeta", disfarça.

Se não é, tem pelo menos o dom da oratória. Seus CDs reúnem 85 poemas de dezoito poetas brasileiros - entre



**Moreira gravou um CD onde recita 85 poemas da língua portuguesa**

eles, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Marly de Oliveira, João Cabral e Vinícius -; três portugueses - Luís de Camões, Fernando Pessoa e Mário de Sá Carneiro -; e sete africanos de expressão lusófona - vale citar Jorge Barbosa, de Cabo Verde; Agnello Regalla, de Guiné Bissau; e Arlindo Barbeitos, de Angola.

No total, são 28 poetas e duas horas e meia de poesias,

algumas com uma introdução musical para "criar" um clima. O álbum incluiu também um encarte com pequenas biografias de cada um dos poetas declamados.

Nesta entrevista o embaixador Lauro Moreira revela a filosofia do programa comemorativo dos 500 anos: aproveitar a data para tirar o Brasil da adolescência existencial, jogando-o em compromissos sociais mais justos e duradouros.

No entanto, no Brasil, não há comemoração sem celebração, e Lauro Moreira pretende aproveitar nossa maior festa popular, o carnaval, para contar ao mundo, através dos enredos das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo, a história do Brasil.

"Faremos do carnaval do ano 2000 o carnaval dos 500 anos. As escolas vão contar quatorze diferentes fases da nossa história. E no desfile das campeãs, realizado no Sambódromo no sábado, uma escola de samba formada por pessoas de todo o mundo - o Grêmio Recreativo Escola de Samba do Mundo - que está sendo montada pela Internet, vai desfilar homenageando o Brasil."

*Olha os 500 anos aí, gente!*

“

*São mais de setenta projetos. Um deles é o projeto Barão do Rio Branco, que já é popularmente conhecido como Resgate. Consiste na microfilmagem e posterior distribuição no Brasil de todos os documentos do período colonial que se encontram hoje nos arquivos ultramarinos de Portugal.*

”

**DF Letras - As comemorações dos 500 anos do Brasil terão um forte caráter cultural e, dentro disso, uma grande participação da literatura. Esta é uma festa da língua portuguesa?**

**Lauro Moreira** - Se quiséssemos falar como Fernando Pessoa, "minha pátria é a língua portuguesa", já estaríamos certamente respondendo a isso. É claro que é uma festa da língua portuguesa. Uma celebração em que, desde o início, estamos voltados para três planos distintos.

O primeiro deles é o que eu chamaria de plano histórico. É a comemoração dos 500 anos do encontro das culturas, da chegada dos portugueses, do descobrimento do Brasil. Falo em descobrimento no sentido de ser até então um território encoberto para o mundo da época e que foi descoberto.

Nesse plano, temos tudo a ver com Portugal. Por isso formamos uma Comissão Executiva - uma Comissão Bilateral -, que está tratando dos projetos de interesse comum dos dois países. São mais de setenta, alguns já realizados, outros em andamento e os demais, que serão concluídos até o ano 2000.

Destes, eu lembraria o projeto Barão do Rio Branco, que já é popularmente conhecido como Resgate. Trata-se da microfilmagem e posterior distribuição no Brasil de todos os documentos do período colonial que se encontram hoje nos Arquivos Ultramarinos de Portugal.

Esse projeto já está concluído e vem sendo levado adiante com grande êxito. As pesquisas estão sendo realizadas por regiões brasileiras, ou melhor, por províncias. A Província de Minas Gerais, por exemplo, que é uma das mais ricas em documentação, já teve todo seu material transferido para os arquivos mineiros, o que terminou em outubro de 1997.



Ora, é desnecessário lembrar a dimensão do projeto, seu alcance e sua importância para as futuras pesquisas das fontes históricas de nosso país.

**Quer dizer que já havia uma equipe trabalhando nisso? Algo feito com antecipação?**

Nós temos uma equipe do Arquivo Nacional que está trabalhando nisso. Temos também historiadores que estão indo fazer pesquisas em Lisboa. Neste momento, temos dezenove pesquisadores trabalhando nos arquivos portugueses. Como se pode imaginar, será uma contribuição muito importante para a historiografia deste país. Uma vez concluída esta parte dos Arquivos Ultramarinos de Portugal, passaremos para os de

*Dezenove pesquisadores brasileiros trabalham nos arquivos portugueses levantando detalhes de fatos históricos, como a primeira missa em terras brasileiras*

“

*Ao mesmo tempo que o Brasil é um país tão miscigenado, com uma crescente integração racial, é também iníquo em sua desigualdade social, por exemplo. Quando me dizem que no Brasil não existe uma democracia racial, eu digo: é evidente, pois não existe sequer uma democracia social.*

”

outros países como Holanda, Espanha – pelo menos estes dois – e, talvez, França.

Outro projeto que eu gostaria de mencionar, dentro da Comissão Executiva Brasil-Portugal, é provavelmente o mais ambicioso de todos eles. É o chamado Congresso Brasil-Portugal Ano 2000, que se compõe de oito grandes seminários, realizados de junho deste ano a dezembro do ano 2000, abrangendo oito áreas diferentes do conhecimento. São áreas que variam de economia a geografia, de história a literatura e de direito a meio ambiente. Cada uma delas é coordenada por uma autoridade do setor.

Do lado brasileiro, o projeto está sendo comandado pelo ministro Marcos Vilaça. Do lado português, por outra grande personalidade, que é o professor Ernani Lopes, ex-ministro da Fazenda e um acadêmico respeitadíssimo em Portugal.



**Esses projetos estão voltados somente para o passado ou existem ações que vão repercutir no futuro do País?**

Esse projeto, com seu alcance enorme, está voltado sobretudo para o futuro. Não é passadista. Não é passar a limpo o nosso relacionamento pretérito com Portugal, mas mostrar o que os dois países pretendem para o futuro. Portanto, é consultar os interesses comuns.

Serão quatro seminários realizados em Portugal e quatro no Brasil, em oito cidades diferentes dos dois

países. No Brasil, o primeiro será em Brasília, em setembro deste ano, e vai ser sobre Economia. Em Portugal, teremos eventos cujos temas pertencem ao Direito e à Geografia. Depois, teremos um de Antropologia, no Rio de Janeiro. As outras duas capitais onde os seminários vão acontecer são Recife e Salvador.

É um projeto de grande alcance e repercussão. E as colaborações das autoridades de todas essas áreas serão

recolhidas em livros a serem editados pela Comissão Nacional do V Centenário e pela Comissão Executiva Brasil-Portugal. Todo este material vai ficar como contribuição efetiva e terá grande divulgação. Este seria, portanto, o primeiro plano. O plano histórico.

**Já que o senhor falou em projetos voltados para o futuro, uma das queixas que mais se ouvem, tanto do lado português quanto do brasileiro, é de que existem dois**

**mercados editoriais que não se encontram. Isso será assunto do seminário?**

É um dos temas da agenda. Será tratado em todos os módulos, mas principalmente na área específica de literatura, inclusive com a reunião de livreiros portugueses e brasileiros. Espero que seja uma contribuição realmente efetiva para a solução, pelo menos em parte, deste problema, que é sério.

**Nas festas dos 500 anos fala-se muito em reflexão. Como é isso?**

# Câmara Legislativa nos 500 anos do Brasil



**A**lguns dias após ter assumido o mandato, o vice-presidente da Câmara Legislativa, deputado distrital Gim Argello, visitou o embaixador Lauro Moreira, convidando-o a fazer uma apresentação do programa da Comissão Nacional do V Centenário do Descobrimento do Brasil no plenário da Câmara. Na ocasião, o embaixador Lauro Moreira apresentou ao deputado detalhes das comemorações e lembrou a Gim que o arquiteto Oscar Niemeyer poderia desenhar um monumento dos 500 anos para Brasília. O vice-presidente levou a proposta ao arquiteto.

É o segundo aspecto das comemorações. O que nós, brasileiros, fizemos deste país nestes 500 anos? Esta é a pergunta-chave. E, dentro disso, obviamente temos muito o que refletir.

Certamente, vamos nos dar conta de que este é um país formidável, mas que poderá ser muitíssimo melhor. Agora, para que ele seja melhor, depende exclusivamente de nós. E aí é que entra aquela frase do V Centenário: O Brasil somos nós – 500 anos de história.

As palavras são simples. Mas têm muito a dizer. Se o Brasil somos nós, não há um Brasil fora de nós. Isso significa que ele será o que nós

queremos que seja. Significa introjetar finalmente, em cada um de nós, um conceito fundamental, que é característico de uma idade mais amadurecida, mais adulta, não da adolescência. É o conceito de que nós somos responsáveis pela nossa própria história, pela nossa própria biografia, pelo nosso próprio destino. E quando digo nós, é cada um de nós, cada brasileiro. Não é o governo brasileiro.

A atitude típica do adolescente é a de sempre atribuir responsabilidades ao pai, à mãe ou a terceiros. A atitude típica do povo brasileiro ainda é esta: responsabilizar os outros. Nunca é conosco o problema. É do governo.

## Bibliografia

*Obras fundamentais da bibliografia brasileira vão estar nas bancas de jornais e revistas a partir do ano que vem. Escritores e historiadores estão selecionando cerca de 70 livros, que serão lançados semanalmente. O projeto, que tem a supervisão do ex-secretário de Cultura de São Paulo, José Mindlin, é conhecido como Biblioteca dos 500 Anos. Algumas obras, como Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, Macunaíma, de Mário de Andrade, e Dicionário da terra e da gente do Brasil, do historiador Bernardino José de Souza, já foram selecionadas.*

“

*Não existe hoje no mundo – e juro que isso não é patriotada – música melhor que a brasileira. A única que é e sempre foi páreo para a nossa é a norte-americana. Mas eu diria que hoje a música brasileira é superior em termos de criatividade, riqueza melódica e variedade.*

”

Como se nós não fôssemos responsáveis pelo governo também. Como se tudo isso não fosse uma coisa só. E o governo, por sua vez, procura também se eximir destas responsabilidades.

Este é o momento de refletirmos um pouco sobre isto – será um dos temas de debate – para fazer com que possamos realmente começar a amadurecer como povo, como país, como nação.

É evidente que o Brasil tem características extraordinariamente importantes. Eu diria quase que particulares, especiais e que o tornam um país diferente dos outros. Isso não é patriotada. Por exemplo, apesar de todas as divergências, desequilíbrios, conflitos e problemas presentes na formação do povo brasileiro, existe uma característica que supera tudo isso. Chama-se tolerância, capacidade de conviver, de aceitar o outro. Capacidade de aceitar o diferente ao invés de rechaçá-lo. Foi assim que nós fizemos a nossa história. E é assim que nós estamos nos construindo como nação, como povo.

O tipo de raça – a palavra é péssima – que está em gestação nestes trópicos é exatamente o fruto desta mistura extraordinária, que está presente desde o momento fundacional deste país. Desde o momento em que Caramuru naufraga em 1508 na costa da Bahia e se casa com a filha de uma índia, Paraguaçu. Ele leva Paraguaçu para a Europa, batiza-a e deixam uma prole enorme, uma grande descendência. É o mesmo caso de João Ramalho e da índia Bartira.

Quer dizer, são mitos fundacionais do Brasil, o tronco original de tudo isso. Neste sentido, nós somos diferentes. Depois, vem a terceira vertente, o elemento negro. Estas três raças básicas realmente começam a se misturar para formar o país. O que não existe ainda é uma simetria, um equilíbrio social. Isso é óbvio que não existe até hoje.

**O senhor classificaria a**

## Guia das comemorações

A idéia é servir como guia das comemorações dos 500 anos do Brasil. Mas não só isto. A revista *Rumos – caminhos do Brasil em debate* –, lançada em março, no Teatro Nacional de Brasília, contém um vasto e rico material de reflexão.

Criada pela Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, *Rumos* pretende divulgar, a cada dois meses, os projetos relacionados à festa dos 500 anos e discutir os caminhos e perspectivas de nosso país no novo milênio.

A primeira edição traz como tema “Conflitos da identidade nacional”. São mais de trinta textos e ensaios fotográficos em quase cem páginas. A segunda edição, lançada em março, examina o federalismo brasileiro pelos caminhos da história, política, economia e cultura e lança a questão: Quem és tu, Federação? Um ótimo material de leitura e pesquisa, principalmente para os especialistas do meio acadêmico.

Os textos, escritos por antropólogos, escritores, poetas e filósofos, possuem informações tão curiosas e importantes que instigam o leitor a ir até a última linha. É o que acontece, por exemplo, no texto da filósofa Olgária Matos, na revista de número um, onde ela relata as experiências do antropólogo Lévi-Strauss em suas viagens pelas matas brasileiras, no século passado.

A edição traz ainda teses do historiador Carlos Guilherme Mota para o redescobrimento do Brasil; um texto do escritor Eduardo Portella sobre Gilberto Freire; do antropólogo Massimo Canevacci sobre o sincretismo cultural das metrópoles; de Ismail Xavier sobre

**miscigenação como a principal qualidade do nosso país? A tal democracia racial de que fala Gilberto Freire?**

É o maior tesouro de que o Brasil dispõe e que o torna diferente de todos. Veja bem, em certos países do Mundo Novo o elemento europeu era



o renascimento do cinema brasileiro; da filósofa e escritora Rosa Maria Dias sobre o músico e compositor Cartola; uma análise do filósofo Renato Janine Ribeiro sobre a política brasileira vista a partir das telenovelas; fotografias de Cristiano Mascaro; uma entrevista com João Luís Fragoso; contos de Ferreira Gullar; e poesias de Marly de Oliveira.

A segunda edição traz artigos de Francisco de Oliveira, Fernando Luiz Abrucio, Isabel Lustosa, Rui de Britto, Álvaro Affonso, Celso Furtado, Luiz Roncari, Milton Hatoum, Rubens Ricúpero, Roberto DaMatta e Daniel Piza. São historiadores, economistas, filósofos e escritores questionando as relações entre os estados brasileiros e a União. O número dois traz também um ensaio do caricaturista Cássio Loredano e uma entrevista com o filósofo José Arthur Giannotti.

## Serviço

A revista *Rumos* pode ser adquirida nas bancas de jornais e livrarias ao custo de R\$ 10,00. Mais informações pelo telefone (061) 411-6222/ 224-2667, ou pela Internet, no site da Comissão Nacional para as Comemorações do V Centenário: <http://www.mre.gov.br/cnvc/entrada.html>

avassalador e praticamente anulou o elemento nativo. Em outros países – eu não vou citar nomes – o elemento nativo era muito forte e não houve possibilidade de uma mistura maior com o elemento europeu. Em terceiros países, houve uma grande imigração. Mas em nenhum deles se processou, com a plasticidade com

que se processa no Brasil, essa miscigenação, essa mistura.

Ora, este é um tema que deve fazer parte da nossa reflexão sobre estes 500 anos, porque se de um lado nos dá uma grande satisfação, de outro tem que nos levar a assumir mais nossa responsabilidade diante de nós mesmos e do mundo. Entretanto, ao mesmo tempo que o Brasil é tão miscigenado, com uma crescente integração racial, é também iníquo em sua desigualdade social, por exemplo.

O que o presidente Fernando Henrique Cardoso diz é perfeito. O Brasil não é um país subdesenvolvido: é um país injusto. Quando me dizem que no Brasil não existe uma democracia racial, eu digo: é evidente, pois não existe sequer uma democracia social. Não é o negro que é necessariamente discriminado. A elite discrimina o pobre e o impede, muitas vezes, de ascender. É isso que nós temos de combater. Esta é uma reflexão dos 500 anos.

## Com esta crise econômica da globalização, como é que o mundo está vendo o Brasil? O Senhor acha que o nosso país já se firmou como nação?

Eu acho que o Brasil é percebido como um país diferente. Isto eu posso falar a partir de uma experiência pessoal, por ter vivido muitos anos no exterior, mas sempre morando temporariamente no Brasil, entre uma mudança e outra.

Por todos os países por onde passei e vivi, como Estados Unidos, Suíça, Argentina e Espanha, percebemos claramente que a palavra Brasil sempre desperta no povo em geral uma empatia natural e apriorística. Mesmo que não conheçam, ele evoca sentimentos positivos. Nem todos os lugares do mundo despertam este mesmo sentimento.

Com o Brasil é diferente. Mesmo que todos saibam – porque a

## História

*Conhecer a história e a cultura brasileira vai*

*ficar mais fácil. Os 413*

*volumes da Coleção*

*Brasiliana, da*

*Companhia Editora*

*Nacional, serão reunidos*

*em uma caixa com três*

*CD ROM, acompanhada*

*de um livreto explicativo*

*e índice das obras. A*

*Brasiliana é a mais*

*conhecida série editorial*

*sobre temas da cultura e*

*da história brasileira,*

*mas, devido à sua*

*extensão, nem todos os*

*volumes são encontrados*

*pelos leitores. Agora,*

*todas as obras estarão*

*disponíveis nas*

*bibliotecas públicas de*

*todo o país, que*

*receberão as cinco mil*

*cópias dos CDs.*



***A antropofagia era uma prática entre os índios tupi-guaranis e faz parte da cultura brasileira***

páreo para a nossa é a norte-americana. Mas eu diria que hoje a música brasileira é superior em termos de criatividade, riqueza melódica e variedade. Basta ver que os músicos brasileiros são idolatrados pelos músicos norte-americanos e de outras nacionalidades.

No ano passado, tive o enorme prazer de participar de um evento que me deu grande alegria e orgulho. Foi o Salão do Livro de Paris, onde o Brasil foi o país homenageado.

Durante o período de dez dias, fomos realmente alvo de toda a atenção dos franceses. Não pelo futebol ou o carnaval. Nem mesmo pela música ou por nossas mulatas, mas pela nossa literatura. Estavam presentes em Paris cerca de quarenta escritores brasileiros, metade convidada pelo governo francês e outra metade pela Biblioteca Nacional.

Tivemos uma cobertura extraordinária na mídia francesa. Mas, quando digo extraordinária, estou me referindo a quatorze páginas do "L'Express", quinze do "L'Observateur", um caderno inteiro do "Le Monde". Tudo isso sobre a literatura brasileira.

Nós fomos lá para tratar, e tratamos, de literatura brasileira o tempo inteiro. Ocupamos cinco salas do Grande Salão do Livro permanentemente ocupados com

imprensa mostra isso o tempo todo – que este é um país onde há muitas injustiças, desequilíbrios, insegurança nas ruas das grandes cidades e bolsões de subdesenvolvimento terríveis em certas áreas.

Na verdade, não é apenas um Brasil. São quinze ou vinte. Quer dizer, você tem um Brasil praticamente na idade da pedra na Floresta Amazônica, um outro no final do século XX em São Paulo e pelo menos mais de uma dezena entre um e outro. São brasis em diferentes estágios de desenvolvimento. Mas tudo isto, inegavelmente, é unido por alguns denominadores comuns, que são uma língua única, um território completamente assentado e, por último, este espírito brasileiro.

**Este espírito brasileiro – que o Darcy Ribeiro chamou de “Nova Roma” – quer dizer que o Brasil está deixando de ser somente o País do futebol para se transformar em uma cultura forte? Vale citar os acontecimentos recentes, como a indicação ao Oscar pelo segundo ano consecutivo e a música recebendo, também pela segunda vez, um prêmio importantíssimo como o Grammy.**

Vamos ser mais concretos. Talvez não exista hoje no mundo – e juro mais uma vez que isso não é patriotada – música melhor que a brasileira. A única que é e sempre foi

“

*Tive o prazer de participar do Salão do Livro de Paris, onde o Brasil foi o país homenageado. Durante o período de dez dias, fomos alvo de toda a atenção dos franceses. Tivemos uma cobertura extraordinária na mídia: 14 páginas do “L’Express”, 15 do “L’Observateur” e um caderno inteiro do “Le Monde”.*

”

palestras, leitura de poesias e tudo mais. Falamos exclusivamente de cultura e literatura brasileira em um país como a França, que cultua, de fato, o livro.

**Acabamos de ter mais uma vitória neste segmento, que é bem representativo da nossa diversidade cultural. Refiro-me ao Prêmio Octávio Paz concedido ao poeta Haroldo de Campos.**

É verdade. Mandei um telegrama para ele.

**O senhor falou sobre três planos nas comemorações dos 500 anos. Nós passamos pelo histórico e o reflexivo. E o terceiro?**

Estes dois planos, onde tudo isso cabe, têm que nos levar necessariamente ao terceiro plano, que é o da prospecção, pois de nada vale ficarmos apenas refletindo sobre o passado. Temos de tirar nossas conclusões. Temos de avançar. Portanto, o plano da prospecção é fundamental porque para ele convergem os outros dois. É aí que eu digo: não adiantará nada fazer toda esta reflexão se não formos conseqüentes. Se não tomarmos atitudes, medidas e iniciativas que possam realmente transformar.

Por exemplo, nós, a Comissão

Nacional do V Centenário, temos procurado incentivar cada vez mais a criação de comissões municipais e estaduais para comemorar os 500 anos. E, sobretudo nos municípios, nossa mensagem tem sido sempre a da necessidade de fixar metas sociais. Esta é a melhor maneira de comemorar os 500 anos em cada lugar do Brasil.

Um município no interior do Piauí, por exemplo, poderia se fixar uma meta para no ano 2000, 2002 ou 2004 – o dia e o ano não têm importância, o que interessa é a oportunidade – reduzir a níveis ínfimos o número de crianças sem escola ou o índice de mortalidade infantil. Agora, para isso, é necessária a participação de todos os segmentos da sociedade de cada uma dessas cidades, e não apenas do governo.

Infelizmente, no Brasil, não temos – talvez por nossa adolescência ou nosso individualismo de adolescente – o hábito de trabalhar de maneira convergente. Voluntariado é uma palavra ainda estranha no nosso País. Já nos Estados Unidos – a meca do capitalismo e do individualismo – é uma palavra que sustenta a sociedade. É a participação do cidadão. Então, em última instância, estamos falando de cidadania. É o cidadão participando da vida de sua comunidade, cidade, bairro, escola, igreja, clube etc.

Nesse sentido, na medida em que



**“ Não adianta somente refletir. É preciso tomar atitudes, medidas e iniciativas que possam realmente transformar o Brasil ”**

## Viva o povo brasileiro

*Em 35 milímetros e duas horas de duração, um filme de longa-metragem. Em super 16 milímetros e 15 capítulos de duração de 50 minutos cada um, uma minissérie para a televisão. É em dose dupla que o romance Viva o povo brasileiro, do escritor e acadêmico baiano João Ubaldo, se transformará em cinema para atingir o grande público. O projeto, com roteiro e direção de André Luiz Oliveira, será produzido por Ronaldo Duque e Márcio Curi, e tem lançamento previsto para 22 de abril de 2000. Viva o povo brasileiro, lançado em 1984, tem 700 páginas e já foi publicado em oito países, firmando-se como um clássico da moderna literatura brasileira.*

# M O N U M E N T O

No coração de Brasília, Capital da República, será erguido um monumento em homenagem aos 500 anos do descobrimento do Brasil. A proposta, de autoria do deputado Wilson Lima (PSD), um apaixonado pela história do Brasil, foi aprovada por unanimidade na Câmara Legislativa.

Mas o parlamentar não se contentou somente com o projeto: já definiu também uma área para a construção do monumento, que será entre a Rodoviária de Brasília e a Esplanada dos Ministérios, no Eixo Monumental. A inauguração também já tem data certa: abril do ano 2000, mês em que o Brasil completará oficialmente 500 anos de descobrimento.

Os recursos para a obra também já foram garantidos pelo deputado. Eles virão de uma parceria da Associação Brasileira de Supermercados (Abras) com o governo do Distrito Federal.

Outro projeto do deputado Wilson Lima solicita a criação de uma Comissão Especial, formada por deputados distritais, para acompanhar as atividades da Comissão Nacional encarregada oficialmente das comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil.

a gente vai entendendo que é possível transformar o país e, nos dispomos a fazer isso, já estamos então começando a transformá-lo. A atitude passiva que temos tido até hoje é que realmente não nos leva a nada.

A comemoração, no sentido prospectivo tem a ver, portanto, com a transformação. É o entendimento de que somos realmente responsáveis por este país e que ele depende de nós. Se quisermos, vamos transformá-lo. Este é o terceiro plano.

**Quer dizer, de um plano cultural espera-se que a festa leve à atitude concreta, no sentido de uma melhor distribuição de renda, menor violência, baixos níveis de corrupção etc.?**

Sim. Este é um dos planos.

**O senhor falou sobre voluntariado, mas a televisão está cheia de exemplos de solidariedade. Ou não?**

Sim. Está cheia. Ela existe. O que não existe é um movimento mais organizado e permanente. É tão excepcional que é mostrada no noticiário da televisão. Solidariedade no Brasil é notícia e se apresenta quase

somente nos momentos de tragédia. É nesse sentido que acho que precisamos aprimorar muito nosso comportamento com relação ao outro.

Agora, quando falo das comemorações do V Centenário nos planos histórico, reflexivo e prospectivo, não estou excluindo, naturalmente, a festa. Evidentemente vai haver festa. Só que para fazer festa no Brasil, não precisamos nos sacrificar muito. É fácil.

Eu faço sempre uma distinção entre aquilo que seria a celebração e o que chamo de comemoração. A celebração tem a ver com a festa. Então vamos celebrar nossos 500 anos. Vamos celebrar a fundação deste país, os 500 anos do encontro dos nossos índios com nossos antepassados europeus. Vamos festejar, celebrar tudo isso.

Por outro lado, uso a palavra comemoração em seu sentido etimológico, que é memorar ou refletir conjuntamente. Então esta eu reservo para o campo da reflexão. Mas é claro que o plano da reflexão não tem de ser chato. Não tem de ser apenas um plano do livro, do intelectual. Não é isso. É a tomada de consciência de nosso papel de brasileiros e de cidadãos deste país. Em última instância, nós estamos lidando com a questão da identidade nacional. ■

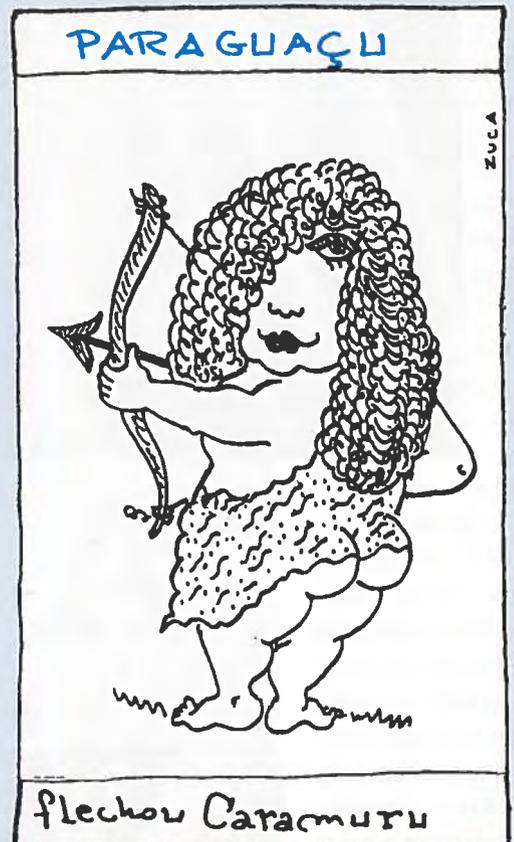
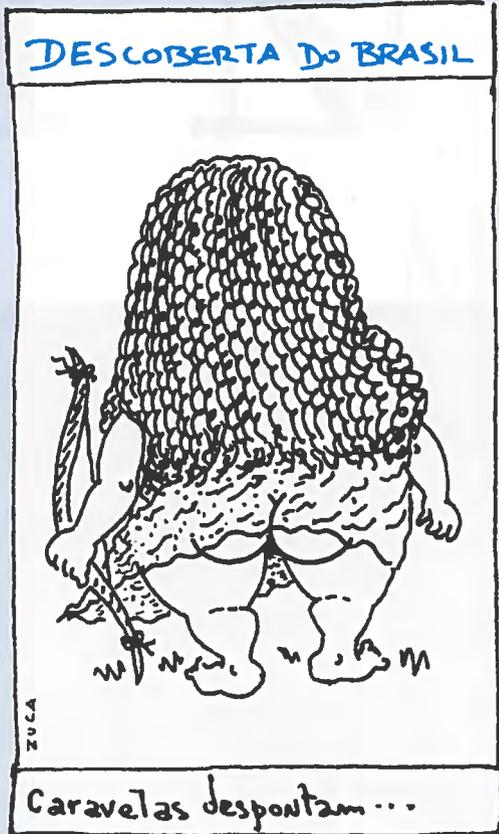


*Infelizmente, no Brasil não temos – talvez por nossa adolescência – o hábito de trabalhar de maneira convergente. Voluntariado é uma palavra ainda estranha no nosso país. Já nos Estados Unidos – a meca do capitalismo e do individualismo – é uma palavra que sustenta a sociedade. É a participação do cidadão.*



# DESCOBERTA DO BRASIL

ZUCA SALDANHA



REPORTAGEM

# BRAZIL

ANA LÚCIA MOURA



## A cidade visual

DF LETRAS

# ÂNDIA

**M**ãos pequenas manipulam com tranqüilidade um velho estilete. Pernas finas e de pouca força sustentam um tronco de buriti de quase um metro de comprimento. Olhos castanhos e brilhantes cuidam de cada detalhe ao cortar a madeira. Unhas amareladas pelo tempo corrigem os excessos de tinta da figura.

Tereza Tervina da Luz não se cansa. Aos 75 anos, levanta-se todos os dias às 6 horas da manhã e dedica todo o tempo que tem à sua arte. A arte do artesanato. Nunca aprendeu a ler e nem a escrever, mas transforma o grande tronco de buriti em totens de cores, formas e tamanhos variados.

A simplicidade é tamanha que ela não sabe definir que tipo de trabalho é o seu, nem qual é o nome dos objetos que fabrica. "O pessoal chama de totem, dizem que está escrito no dicionário", conta com humildade. Não sabe que reproduz símbolos criados em tribos indígenas da antigüidade. Sabe apenas que não vive sem esse exercício diário e que dele tira seu próprio sustento.

Tereza é uma artesã nata, apaixonada pelo seu trabalho. É uma, e a mais antiga, entre muitos artesãos que se escondem na pacata e pequena cidade de Brazlândia, a cerca de 30 quilômetros de Brasília, uma cidade instalada dentro do maior manancial de água do Distrito

Federal. Uma cidade que nasceu para abrigar os moradores de um antigo assentamento, conhecido como Vietkong. Uma cidade onde os artesãos se multiplicaram, principalmente na década de 70, graças aos voluntários do Centro de Desenvolvimento Social (CDS).

Foram os assistentes sociais dessa antiga instituição que lutaram, durante quase dez anos, para conseguir materiais de trabalho para os profissionais do artesanato local.

Levaram, para além das fronteiras da cidade, a arte nativa dos moradores de Brazlândia. E trouxeram gente de fora para conhecer. Do Brasil e de outros países.

Infelizmente, esse tempo ficou para trás. O CDS não dá mais assistência aos artesãos e nem a outros artistas. Mas a boa fama ficou e a arte continua a fervilhar na cidade. Tereza, por exemplo, não precisa sair de casa para vender seus totens. Os compradores a procuram. Alguns chegam a gastar R\$ 500,00 em peças. Cada totem custa em média R\$ 25,00.

Mas as visitas dos compradores não são freqüentes. "Tem meses que não aparece ninguém e aí só pedindo ajuda a Deus", conta Tereza. Muitas vezes, centenas de totens ficam acumulados no canto da pequena cozinha, que serve também como



sala, da modesta casa onde mora.

Mesmo assim, ela não pára. Levanta-se cedo, aquece os pedaços de madeira de buriti no fogão caseiro, de quatro bocas, para facilitar o corte e passa o resto do dia fazendo arte. O buriti ela compra de outras artesãs que percorrem o cerrado das proximidades da cidade de Padre Bernardo em busca da árvore. As pernas cansadas já não resistem mais a grandes excursões no meio do mato, como fazia há 20 anos.

Tereza é a pioneira do artesanato local. Fabrica totens há mais de 15 anos. Mas a história da arte em sua família, e particularmente em Brazlândia, começou muito antes de ela mesma descobrir seu próprio dom. Começou com Quinca, seu marido, quando eles chegaram à cidade, em 1971.

Para sustentar os quatro filhos, Tereza ia todos os dias, de ônibus, para Brasília, trabalhar como doméstica. Quinca não conseguiu emprego e ficava em casa "brincando com pedaços de madeira", como diz ela. E, da madeira pesada, fazia galinhas, passarinhos, bonecas e vários insetos, com os quais os filhos brincavam.

Depois de alguns anos, Quinca

descobriu o buriti, uma madeira típica do cerrado, mais leve e mais fácil de esculpir. Foi quando os assistentes sociais do CDS decidiram apoiar seu trabalho. Buscavam a madeira, compravam a tinta e vendiam as peças em Brasília. O dinheiro nunca foi muito, mas o suficiente para que Tereza deixasse de trabalhar como doméstica e os filhos pudessem comprar o material escolar.

Quando Quinca sofreu um derrame e ficou com uma parte do corpo paralisada, Tereza começou a fazer as peças. A arte virou uma questão de sobrevivência. Durante quase dez anos, ela esculpia os totens e ele assinava. Depois que Quinca morreu, o artesanato passou a ser um refúgio para a solidão e, ao mesmo tempo, um prazer. Algo que ela jamais poderia deixar de fazer. "Dou a vida por isso", assegura.

O artesanato de Quinca acabou estimulando o CDS a investir em outros artesãos, e a arte de Brazlândia

**“Chamam meu trabalho de totens. Dizem que está no dicionário. Não sei ler. Arte é tudo que sei fazer. Não vivo sem isso.”**

começou a mostrar sua cara. Manoel Aires, 65 anos, esculpe não apenas os totens que aprendeu a fazer com Quinca, mas também presépios, bichos, flores, balaios e mais uma infinidade de objetos da madeira do buriti.

Para ele o artesanato é uma diversão e uma dádiva. "É um dom de Deus", define. Quando chegou a Brazlândia, não tinha dinheiro, emprego e morava em um barraco emprestado. "Pedi ao nosso Senhor que me mostrasse um caminho porque eu não tinha como sustentar a minha família", conta.

Foi quando decidiu consertar um prendedor de roupa que já não funcionava mais e descobriu que podia fazer muitos outros iguais àquele. "Presente de Deus", garante. Começou a vender prendedores para as donas de casa e depois a consertar sombrinhas. "Passava a madrugada toda trabalhando", conta sua esposa, Joana de Alcântara Luz, 67 anos.

Acabou sendo descoberto pelos assistentes sociais do CDS. Passou então a fazer peças para vender na Feira da Torre de Televisão, em Brasília, além de dar cursos temporários no próprio CDS. Com o artesanato, conseguiu construir a casa própria, onde mora atualmente com sua mulher.

Pena que as mais de trezentas peças artesanais criadas por ele estejam hoje amontoadas em um quatinho apertado, construído nos fundos da casa. Em uma caixa, guarda antigas matérias de jornais que elogiam o seu trabalho. Em outra caixa maior, esconde mais de mil folhas de papéis cortados, que ele usa para fazer quadros. "Só que ninguém mais aparece para comprar e fora da cidade não tenho como vender", lamenta.

É que Manoel Aires



tem uma deficiência na perna, há mais de 20 anos. Resultado de um acidente na carroceria de um caminhão de bóias-frias, que o levava para trabalhar nas lavouras do Maranhão.

Para vender as peças, Manoel Aires precisaria sair de Brazlândia, mas ele não tem carro. O dinheiro que ganha não vem mais da arte, e sim da aposentadoria que recebe por invalidez. Ainda assim, ele continua esculpindo o buriti. "Existe uma força que não me deixa parar", garante.

É essa força de que fala Manoel Aires que estimula Maria Esmelinda da Silva, 70 anos, a levantar-se da cama todos os dias, mesmo depois de ter perdido o neto que morava com ela. Há menos de três meses, o garoto foi vítima de um assalto fatal, ao voltar de uma festa. "Não consigo ficar quieta", justifica.

Nunca conseguiu. Quando morava em Sertânia, em Pernambuco, trabalhava na enxada para ajudar a família. Aos sete anos, já fazia a comida da casa e cuidava dos irmãos. O pai era doente e não podia trabalhar. Com a mãe, aprendeu a fazer chapéus de palha, costura em pano de saco, crochê e até esculturas em cerâmica. Tudo para ajudar no orçamento da casa.

Casou cedo, mas abandonou o marido e foi para Brasília em busca de uma vida melhor e emprego para os quatro filhos. Trabalhava como doméstica no Plano Piloto, mas caiu de uma escada, fraturou o fêmur e aposentou-se por invalidez. Decidiu investir naquilo que realmente aprecia e sabe fazer: arte.

Optou por esculpir santos usando o buriti. Assim como os outros, com apoio do CDS, vendeu seus trabalhos na Feira da Torre de Televisão, durante sete anos. "Ganhava dez vezes mais que a aposentadoria que recebo hoje", garante. "Vendia umas 250 peças em um final de semana".

A clientela era grande, mas, por causa do problema na perna, Esmelinda decidiu abandonar as vendas na Torre de Televisão, embora continue fabricando os santos, e outras peças de buriti, em casa e vendendo para alguns fiéis compradores.

Mas o artesanato de Brazlândia vai

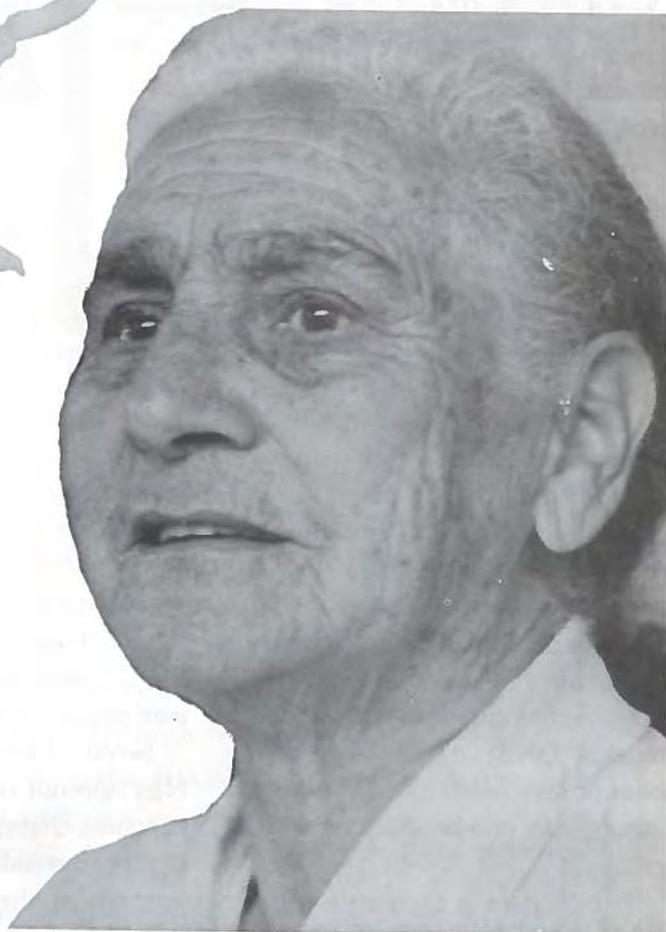
***Minha arte é um dom de Deus, uma força impulsiva, positiva. Pedi a Ele que me mostrasse um caminho. Eu não tinha como sustentar minha família.***

além dos totens, bichos e santos. Os artesãos contemporâneos aproveitam a casca do buriti para fabricar balaios, cestos e até mesmo mesas, cadeiras e armários.

A maioria desses artistas vendem seus trabalhos nas ruas, nas feiras de outras cidades do DF e ao longo das estradas de viagem. Outros, como Anastácia Correia da Silva, 43 anos, conseguiram um espaço em um local mais privilegiado: a Feira da Torre de Televisão.

Alguns cestos fabricados por ela chegam a medir quase um metro de comprimento, uma semana de trabalho. Custam em média R\$ 30,00. Vendem bastante. Mas para pagar o pão, o leite e os livros dos dois filhos, todos em casa trabalham na confecção das peças.

É um trabalho conjunto, familiar, espiritual, quase de uma tribo. Brazlândia é assim. Uma cidade com características especiais, interioranas, ruas tranquilas, crianças no gramado, povo acolhedor. Tem uma tradição, um rosto, um modo particular de retratar e fazer arte.



# De Brazlândia para o mundo

O nome soa europeu. Os quadros se espalham por vários países da Europa. Mas foi em Brazlândia que ele se criou, desenvolveu seus trabalhos e busca inspiração, até hoje, para sua arte. E não troca a cidade por nenhuma outra do mundo. "Brazlândia é e sempre foi o ponto de partida da minha arte, confessa.

Para entender a afirmação, é preciso olhar as pinturas desse artista plástico. Francisco Galeno, 41 anos, impressiona os observadores mais exigentes com suas pinturas. Lamparinas, barracos de madeira, arames, carrinhos de latas de sardinha são objetos que povoam seus quadros. Objetos que marcaram sua infância, sobretudo no Delta do Parnaíba, no Piauí, onde nasceu. Objetos que ele mesmo fabricava para passar o tempo.

Mas foi só na adolescência que ele percebeu o seu dom, olhando Quinca esculpir seus potens, Tereza pintar os desenhos e Manoel Aires criar presépios. E exemplos tinha muitos. O bisavô era marceneiro, o avô, artesão, o pai, também marceneiro, a mãe, costureira e o irmão, escultor.

Tentou futebol. Descobriu que sua arte não estava nos pés, muito menos nas pernas. Tinha necessidade de trabalhar com as mãos, manipular objetos, dar vida a eles. Escolheu a música. Talvez a melodia, o som e os acordes fossem a saída para a sua inquietude em produzir, inventar, criar.

Entrou para a Escola de Música de Brasília. Comprou uma flauta

O

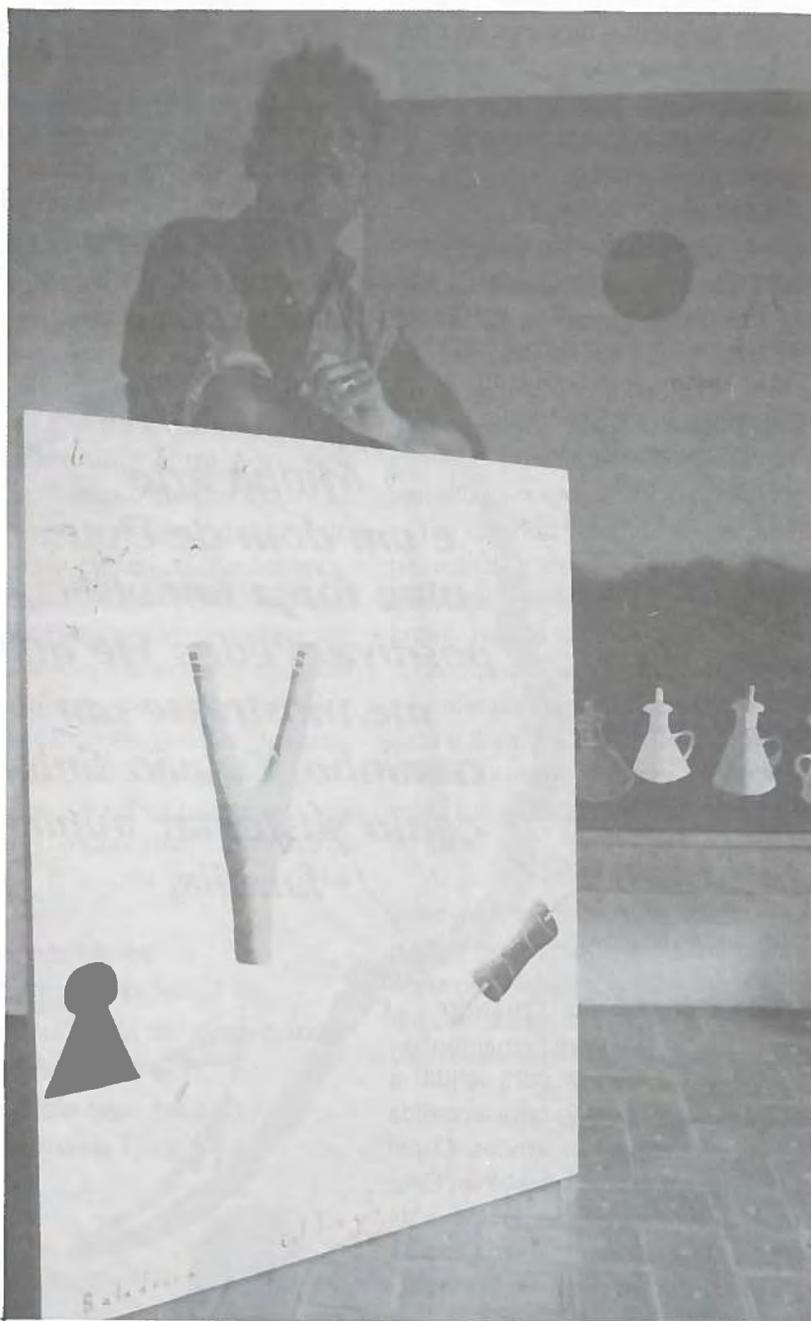
N

E

L

A

G



*No atelier em Brazlândia, Galeno pinta e borda*

transversal. Aprendizado muito complicado. Em poucos meses, desistiu e vendeu o instrumento. "Querida ser livre. Aquelas notas, arranjos, partituras e livros me prendiam, me seguravam, não me deixavam seguir", revela.

Serviu o Exército. "Perda de tempo. Não aprendi nada", desabafa. Fez concurso. Entrou para o Banco Central. Dentro das salas, entre máquinas xerox e muitos papéis, entendeu definitivamente que não podia viver

sem a sua liberdade de criação.

Artista. Tinha certeza. Continuou no banco. Precisava do salário, mas decidiu entrar para um grupo de teatro. Chegou a encenar mais de uma dezena de peças, em várias casas de espetáculos do Plano Piloto e de Brazlândia. "Fui me decepcionando. Ensaiei seis meses, para mostrar o trabalho em apenas uma semana", conta.

Começou a pintar camisetas, depois passou para as telas. Nunca mais precisou mudar de opção. Sabia que tinha encontrado o

caminho. No final da década de 70, exibiu alguns de seus primeiros quadros nos salões que aconteciam em Brazlândia e em outras cidades do Distrito Federal.

Mas antes de saltar para o mundo, sofreu muito preconceito. "Era um garoto pobre, que pintava lamparinas, barracos, elementos do cerrado, uma arte considerada marginal. Ninguém queria saber disso. Pintura é uma arte de elite", explica.

Galeno lembra-se do tempo em que circulava pelas galerias mais conhecidas de Brasília, olhando quadros e recolhendo *folders*. "Uma vez correram atrás de mim. Acharam que eu estava roubando alguma coisa. Me mandaram devolver os catálogos", lembra. Depois de alguns anos, Galeno foi chamado para expor seus quadros no local. "Não aceitei", revida.

A fama veio depois do Salão de Artes Plásticas da Aeronáutica, em Brasília, que o selecionou para o Salão Nacional de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Na capital carioca, decidiu deixar fotos de seus quadros na Galeria Ana Maria Niemeyer. Quando chegou a Brasília, recebeu um telefonema dela pedindo para voltar.

A carreira deslanchou. Expôs no exterior. Tomou coragem e saiu do banco. O dinheiro que começou a ganhar já era suficiente para se garantir. Hoje, um quadro seu custa em média R\$ 2 mil. Nas exposições saem por mais que isso. A última de que ele participou foi em março, no Rio de Janeiro, na Galeria Ana Maria Niemeyer.

Propostas para morar em outros países não faltam, mas Galeno não abandona a velha Brazlândia. "Preciso estar, morar, viver nesta cidade. É dela que enxergo o mundo", garante. Só lamenta a falta de incentivo aos artistas locais. "Os políticos levantam bandeiras de que a identidade de um povo é a arte e a cultura, mas cortam as verbas para esse fim", reclama.



## EDIMAR PIRENEUS

“*Brazlândia tem naturalmente um grande potencial artístico*”

O cargo de presidente da Câmara Legislativa do Distrito Federal não esconde a simplicidade de Edimar Pireneus. Morador de Brazlândia desde os tempos do antigo assentamento do Vietkong, nos anos 60, o deputado é o representante mais fiel da mina de artistas que é a cidade.

Edimar Pireneus foi um dos precursores do movimento teatral que marcou Brazlândia, sobretudo nas décadas de 70 e 80. No Teatro de Arena, que existe até hoje, apresentou a maior parte de seus espetáculos. Como artista, ajudou a promover e diversificar a produção cultural da cidade.

A paixão pelo teatro foi tão grande que ele chegou a pensar em estudar artes cênicas na Universidade de Brasília. Mas a vontade de refletir, entender e mudar seu próprio país gritou mais alto. Acabou cursando sociologia e ingressou no movimento estudantil da universidade.

Como líder, incentivou as atividades artísticas entre os estudantes da UnB. Viveu e fez teatro em Brazlândia por mais alguns anos, até ingressar na política como um dos fundadores do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no Distrito Federal.

Agora, como deputado distrital, quer investir nos artistas de Brazlândia, da cidade onde mora até hoje e que não troca por nenhuma outra. "Brazlândia tem naturalmente um grande potencial artístico, mas pouco ou quase nada explorado", garante. "O que mais falta é espaço para os artistas exibirem sua arte", diz.

# Redescobrimento

CARLOS HENRIQUE

Releio o escrivão da frota  
desde o seu Porto Seguro.

Quase nada da viagem:  
tudo é a gente e a terra.

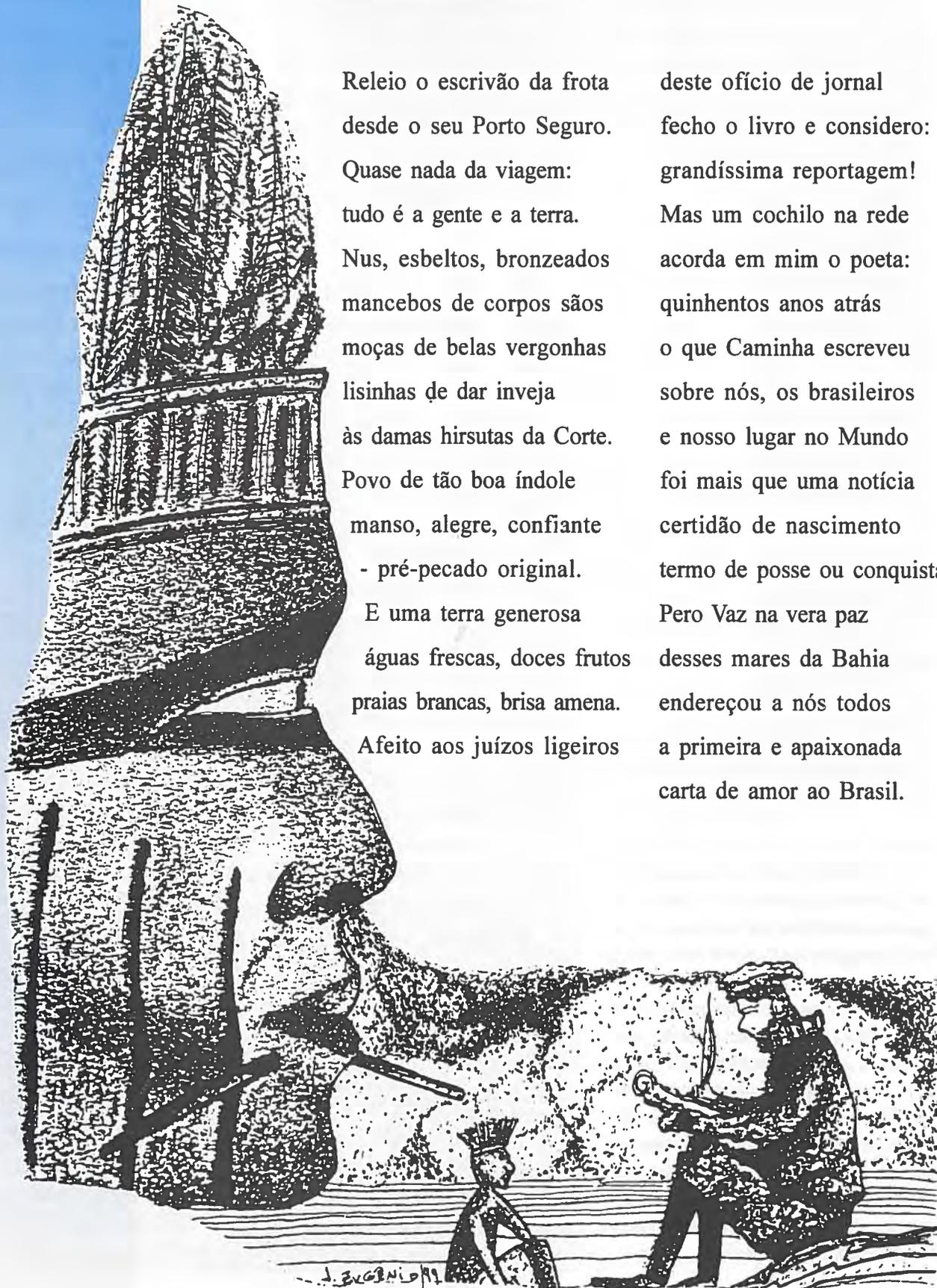
Nus, esbeltos, bronzeados  
mancebos de corpos são  
moças de belas vergonhas  
lisinhas de dar inveja  
às damas hirsutas da Corte.

Povo de tão boa índole  
manso, alegre, confiante  
- pré-pecado original.

E uma terra generosa  
águas frescas, doces frutos  
praias brancas, brisa amena.

Afeito aos juízos ligeiros

deste ofício de jornal  
fecho o livro e considero:  
grandíssima reportagem!  
Mas um cochilo na rede  
acorda em mim o poeta:  
quinhentos anos atrás  
o que Caminha escreveu  
sobre nós, os brasileiros  
e nosso lugar no Mundo  
foi mais que uma notícia  
certidão de nascimento  
termo de posse ou conquista;  
Pero Vaz na vera paz  
desses mares da Bahia  
endereçou a nós todos  
a primeira e apaixonada  
carta de amor ao Brasil.



# DF

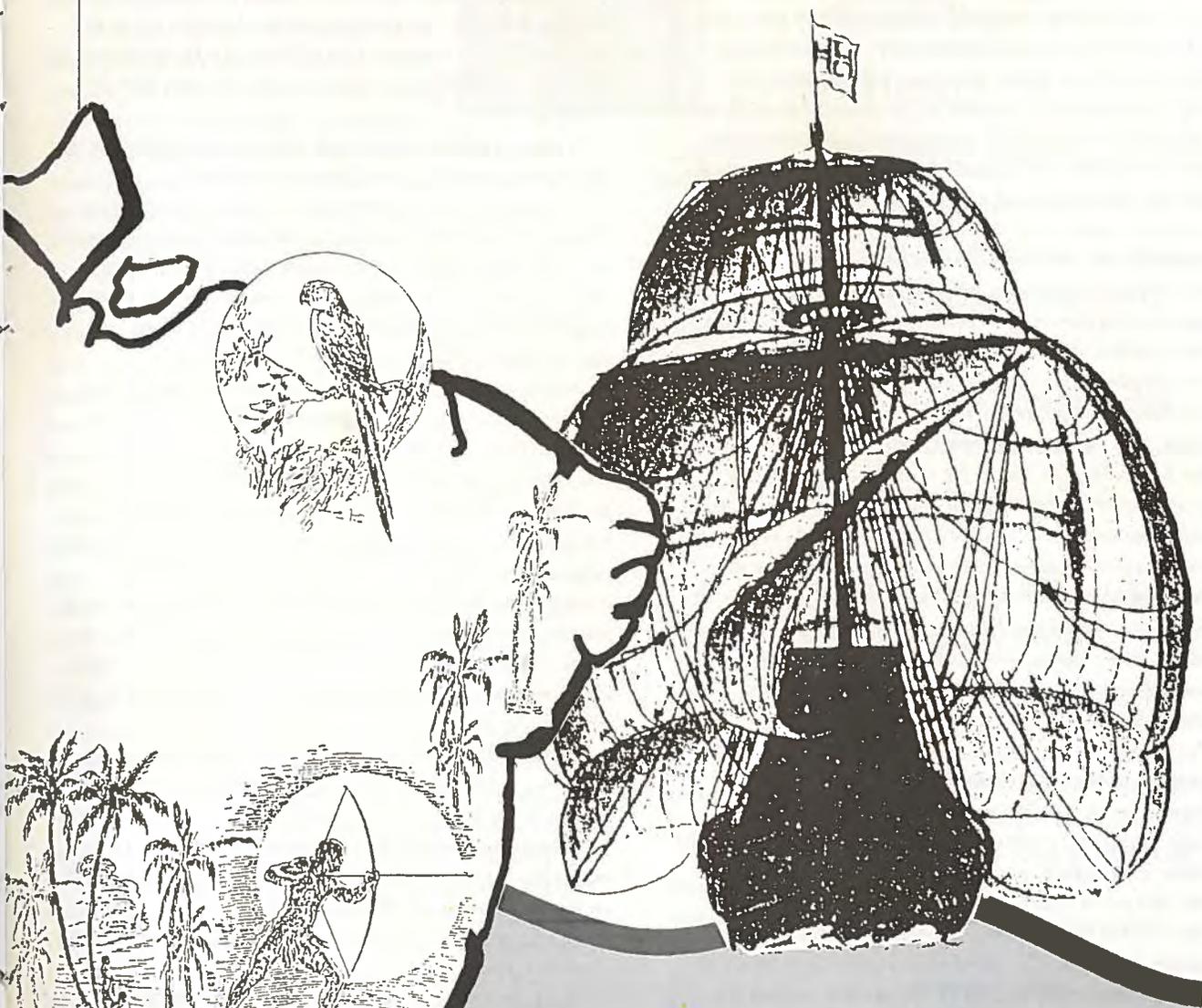
# DOCUMENTO

Ano I - nº 1

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

1999

ENCARTE DA DF LETRAS



CARTA DE  
**Pero Vaz**  
de Caminha

# Senhor

Mesmo que o Capitão-mor desta vossa frota e também os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta vossa Terra Nova que, agora, nesta navegação se achou não deixarei, também, de dar disso minha conta a Vossa Alteza, tal como eu melhor puder ainda que para bem contar e falar o saiba fazer pior que todos. Mas tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade; e creia, como certo, que não hei de pôr aqui mais que aquilo que vi e me pareceu, nem para aformosear nem para afeiar.

Da marinhagem e singraduras do caminho não darei, aqui conta a Vossa Alteza que o não saberei fazer e os pilotos devem ter esse cuidado; e, portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo: que a partida de Belém como Vossa Alteza sabe, foi segunda-feira, 9 de março; e sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e as 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grã-Canária; e ali andamos todo aquele dia, em calma, à vista delas, obra de três ou quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às 10 horas, pouco mais ou menos, houvemos vista das ilhas do Cabo Verde, a saber: da ilha de São Nicolau, segundo dito de Pedro Escolar, piloto. A seguir à noite, quando segunda-feira amanheceu, perdeu-se da frota Vasco de Ataíde, com sua nau, sem que houvesse tempo forte nem contrário, para poder acontecer. O Capitão fez suas diligências para o encontrar, numa e noutra parte; mas não apareceu mais. Então seguimos nosso caminho, por esse mar de longo até terça-feira de Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, quando topamos alguns sinais de terra, sendo da dita ilha, segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas; os sinais eram: muita quantidade de ervas compridas, às quais os mureantes chamam botelho; e, ainda, outras u que também chamam rabo d'asno.

Na quarta-feira seguinte, pela manhã topamos aves a que chamam fura-buchos e neste dia, a horas de véspera, avistamos terra, a saber: em primeiro lugar um monte grande, muito alto e redondo e outras serras mais baixas ao sul dele; e terra rasa, com grandes arvoredos. Ao mesmo monte alto pôs o Capitão o nome de Monte Pascoal; e à Terra – Terra de Vera Cruz. Mandou lançar o prumo e acharam 25 braças e ao pôr do sol, a cerca de 6 léguas da terra, lançamos âncoras com 19 braças; ancoragem boa. Ali ficamos toda aquela noite e na quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos diretos à terra com os navios pequenos diante assinalando, 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10 e 9 braças até meia légua da terra, onde todos lançamos âncoras em frente da boca dum rio; e chegaríamos a este ancoradouro às 10 horas, pouco mais ou menos. Dali houvemos vista de homens que andavam pela praia, cerca de 7 ou 8, segundo os navios pequenos disseram, porque chegaram primeiro. Ali lançamos os batéis e esquifes à água e vieram logo todos os capitães das naves a esta nau do Capitão-mor e ali conversaram. E o Capitão mandou no batel, a terra, Nicolau Coelho para ver aquele rio; e quando começou a ir para lá acudira, à praia, homens, aos dois e

aos três. Assim, quando o batel chegou à foz do rio estavam ali 18 ou 20 homens, pardos todos nus, sem nenhuma roupa que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos e suas setas. Vinham todos rijos para o batel e Nicolau Coelho fez-lhes sinal para que deixassem os arcos e eles os pousaram. Mas não pôde ter deles fala nem entendimento que aproveitasse porque o mar quebrava na costu. Apenas lhe deu um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. E um deles deu-lhe um sombreiro de penas de aves, compridas, com uma copazinha pequena, de penas vermelhas e pardas como as de papagaio. E outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas e miúdas que parecem ser de aljaveira, peças que, creio, o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto voltou às naus por ser tarde e deles não poder haver mais fala pelo estado do mar.

À noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus e, especialmente, a capitânia.

Na sexta-feira pela manhã, às 8 horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela e fomos ao longo da costa com os batéis e esquifes amarrados pela popa, para norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde estivéssemos, para tomar água e lenhu; não por já escassear, mas para nos completarmos aqui. Quando nos fizemos de vela estariam na praia, sentados, junto ao rio, cerca de 60 ou 70 homens que se juntaram ali, a pouco e pouco. Fomos de longo e mandou o Capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados à terra e que, se achassem porto seguro para as naus, amainassem. Indo nós pela costa cerca de 10 léguas donde nos levantamos acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto interno, muito bom e muito seguro, com uma entrada bem larga; entraram e amainaram. E as naus arribaram sobre eles. Um pouco antes do sol posto amainaram cerca de uma légua do recife e ancoraram em 11 braças.

Estando Afonso Lopes, nosso piloto, num daqueles navios pequenos, a mando do Capitão, por ser homem vivo e destro para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto, dentro, e tomou numa almadia dois daqueles homens da terra, mancebos e de bons corpos. E um deles trazia um arco e 6 ou 7 setas; e andavam muitos na praia, com seus arcos e setas, mas não lhe serviram. Trouxe-os logo e já de noite ao Capitão e foram recebidos com muito prazer e festa.

A feição deles é serem pardos, quase avermelhados, de rostos regulares e narizes bem feitos; andam nus sem nenhuma cobertura; nem se importam de cobrir nenhuma coisa, nem de mostrar suas vergonhas. E sobre isto são tão inocentes, como em mostrar o rosto. Traziam, ambos, os beiços de baixo furados e, cada um, metidos neles, ossos de osso mesmo, brancos, medindo uma mão travessa e da grossura de um fuso de algodão e agudo na ponta, como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço e o que lhes fica entre o beiço e os dentes é feito como castelo de xadrez. E de tal maneira o trazem ali encaixado que os não magoa, nem estorva a fala, nem o comer ou o beber. Os seus cabelos são corredios; e andavam tosquiados de tosquia mais alta que sobre-pente de bom tamanho e raspados até

acima das orelhas. Um deles trazia por baixo da solapa, de fonte por detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave, amarela, que seria do comprimento de um coto, muito basta e muito cerrada, que lhe cobria o touço e as orelhas. A mesma andava pegada aos cabelos, pena por pena, como uma massa branda com cera, mas que não o era. Desta forma andava a cabeleira muito redonda e muito basta e tão igual, que não fazia falta mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, com uma alcatifa aos pés, por estrado, e bem vestido com um colar de ouro muito grande ao pescoço. E Sancho de Tovar e Simão de Miranda e Nicolau Coelho e Aires Correia e nós outros que aqui vamos, com ele, na nau, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortesia nem de falar ao Capitão nem a ninguém. Mas um deles viu o colar do Capitão e começou a acenar com a mão para terra e depois para o colar, como a dizer-nos que havia ouro em terra; e também viu um castiçal de prata e da mesma forma acenava para a terra e para o castiçal como que havia, também, prata. Mostraram-lhe um papagaio pardo que o Capitão aqui traz; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como que os havia ali; mostraram-lhe um carneiro e não fizeram caso dele; mostraram-lhe uma galinha e quase tiveram medo dela e não lhe queriam pôr a mão; e depois a pegaram como que espantados. Deram-lhe, então, de comer pão e peixe cozido, confeitos fartéis, mel e figos secos. Não quiseram comer daquilo, quase nada; e alguma coisa, se a provaram, lançavam-na logo fora. Trouxeram-lhe vinho por uma taça; puseram um pouco na boca e não gostaram nada dele, nem o quiseram mais. Trouxeram-lhe água por uma albarrada; tomaram dela cada um uma pouca e não beberam. Somente lavaram a boca e a lançaram fora. Viu, um deles, umas contas de rosário, brancas e acenou que lhas dessem; folgou muito com elas e lançou-as ao pescoço; depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para terra e então para as contas e para o colar do Capitão, como que dariam ouro por aquilo. Isto entendíamos nós, por assim desejarmos; mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, porque lho não havíamos de dar. E depois restituiu as contas a quem lhas deu e, então, estiraram-se de costas na alcatifa a dormir, sem terem nenhuma preocupação de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas e as cabeleiras delas bem raspadas e feitas. O Capitão mandou pôr-lhes, a cada um, coxins; e o da cabeleira preocupava-se por não quebrá-la; e lançaram-lhe um manto em cima e eles consentiram; e aquietaram-se dormiram.

No sábado pela manhã, o capitão mandou fazer vela e fomos demandar a entrada a qual era muito larga e alta de 6 ou 7 braças e entraram todas as naus dentro; ancoraram com 5 ou 6 braças. A mesma ancoragem é, dentro, tão



grande e tão formosa e tão segura que podem ficar dentro dela mais de 200 navios e naus. E logo que as naus ficaram paradas e ancoradas vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor; e daqui mandou o capitão a Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias que fossem a terra e levassem aqueles dois homens e os deixassem ir com seu arco e setas, aos quais mandou dar, a cada um, camisas novas e também carapuças vermelhas e dois rosários de contas brancas de osso, que eles levaram nos braços; e cascavéis; e suas campainhas. Mandou com eles, para ficar lá, um mancebo degredado, criado de D. João de Telo, a quem chamam Afonso Ribeiro, para

andar lá com eles e saber de seu viver e modos; e a mim mandou que fosse com Nicolau Coelho. Fomos então, retos, diretos à praia; acudiram ali, logo, obra de 20 homens, todos nus e com arcos e setas na mão. Aqueles que nós levávamos acenaram-lhes que se afastassem e pousassem os arcos e eles pousaram e não afastaram muito. Assim que depuseram seus arcos, logo saíram os que nós levávamos e o mancebo degredado com eles, os quais, assim que saíram, não pararam mais, nem esperavam um pelo outro; antes cada qual corria mais; e passaram um rio que por aí corre, de água doce, de muita água que lhe dava pela braga e outros muitos com eles. E foram correndo assim, para lá do rio, entre umas moitas de palmas onde estavam outos e ali pararam. E assim foi o degredado com um homem, que logo ao sair do batel o acolheu e o levou até lá. E logo o enviaram a nós e com ele vieram os outros que nós levamos, os quais vinham já nus e sem carapuças. Então começaram a chegar muitos e entravam pela beira do mar para os batéis até que não podiam mais e traziam cabaças de água e tomavam alguns barris que nós levávamos; enchiam-nos de água e traziam-nos para os batéis. Não chegavam mesmo à borda do batel; mas, junto dele lançavam-nos da mão e nós apanhávamo-los e então pediam que lhes dessem alguma coisa. Nicolau Coelho levava cascavéis e manilhas; a um dava cascavel; a outro uma manilha; de maneira que, com aquele chamariz, faziam por ajudar-nos. Davam-nos daqueles arcos e setas por sombreiros e carapuças de linho ou por qualquer coisa que alguém lhe queria dar. Então partiram os outros dois mancebos a quem não vimos mais.

Andavam ali muitos e a maior parte deles, ou quase, traziam aqueles bicos de osso nos beijos; e alguns que andavam sem eles, traziam os beijos furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha; e alguns deles traziam três daqueles bicos, da seguinte maneira: um no meio e dois nos lados; e andavam ainda outros quartejados de cores; assim: metade do corpo da própria cor; outra metade de tintura negra, de tom azulado; outros quartejados de xadrez. Ali andavam, entre eles, três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos, caídos pelas espáduas abaixo; e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras, que de as olharmos muito bem não tínhamos

*nenhuma vergonha. Ali e então, não houve mais fala nem entendimento com eles, por ser a algazarra deles tão grande que não se entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que se fossem e assim o fizeram. E passaram para lá do rio. Então saíram três ou quatro homens dos nossos, dos batéis e encheram, não sei quantos barris de água, que nós levávamos e tornamo-nos às naus.*

*E, quando vínhamos, acenaram que tornássemos; voltamos e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles. O mesmo levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas, para dar ao Senhor de lá, se o houvesse. Não trataram de lhe tirar nada e mandaram-no com tudo. Então Bartolomeu Dias fê-lo voltar outra vez para que lhe desse aquilo. Ele voltou e deu-o à nossa vista e àquele que primeiro o acolheu. Veio então e trouxemo-lo. Este que o acolheu era já de idade e andava todo, por louçania, cheio de penas pregadas pelo corpo, parecendo assetado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. Uma daquelas moças estava toda tinta, de baixo acima, daquela tintura, a qual, na verdade, era tão bem feita e tão redonda; e sua vergonha, que ela não tinha, tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições, fazia vergonha, por não terem a sua como ela. Nenhum deles era fanado, mas todos assim como nós. Com isto nós voltamos e eles foram-se.*

*À tarde, saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós e com os outros capitães das naus em seus batéis, a folgar pela baía, frente à praia, mas ninguém saiu em terra porque o Capitão não queria, sem embargo de ninguém, estar nela. Apenas saiu ele com todos nós num ilhéu grande que na baía está e que da baixa-mar fica muito vazio; mas, é por todas as partes cercado de água, não podendo ninguém ir ali sem barco ou a nado. Ali folgou ele e todos nós bem uma hora e meia. Marinheiros, que aí andavam, pescaram com um chinchorro e mataram pescado miúdo, não muito. Então voltamos às naus já bem de noite.*

*No domingo de Pascoela, pela manhã, determinou o capitão de ir ouvir missa e pregação naquele ilhéu e mandou todos os capitães que se acomodassem nos seus batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar naquele ilhéu um esperável e dentro dele levantar um altar muito bem arranjado. E, ali, com todos nós, fez dizer missa, que celebrou o padre frei Henrique, em voz entoada e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes todos que ali estavam. Esta missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção. Estava ali, com o capitão, a bandeira de Cristo, com que saiu de Belém, a qual esteve sempre elevada na parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o padre e pôs-se numa cadeira alta e nós todos espalhados pela areia; e pregou uma solene e proveitosa pregação da história do Evangelho. No fim dela tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, conformando-se com o sinal da Cruz, sob cuja obediência vimos, que veio muito a propósito e fez muita devoção.*

*Enquanto estávamos à missa e à pregação estaria na prua outra tanta gente, pouco mais ou menos, como ontem,*

*com seus arcos e setas; os mesmos andavam folgando e olhando-nos; sentaram-se. E depois de acabada a missa, sentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço. E alguns deles se meteram em almadias, duas ou três que aí tinham, as quais não são feitas como as que já vi. Somente são três traves atadas juntas e ali se metiam quatro ou cinco, ou aqueles que queriam, não se afastando quase nada da terra, senão quanto permitia tomar pé.*

*Acabada a pregação foi o Capitão e todos para os batéis, com nossa bandeira levantada e embarcamos; e, assim, fomos todos em direção à terra, para passarmos ao longo, por onde eles estavam, indo Bartolomeu Dias em seu esquife, por mando do capitão, adiante, com um pau de uma almadia, que o mar lhes levara, para lhe entregar. E nós todos, cerca de um tiro de pedra atrás dele.*

*Quando eles viram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhe que pousassem os arcos e muitos deles os iam pôr logo em terra; e outros os não punham. Andava ali um que falava muito aos outros, que se afastassem; mas nem me pareceu a mim que lhe tinham acatamento nem medo. Este que os assim andava afastando, trazia seu arco e setas e andava tingido de tintura vermelha pelos peitos e espáduas e pelos quadris, coxas e pernas até em baixo; e os vazios, com a barriga e estômago, eram da sua própria cor; e a tintura era tão vermelha que a água lha não comia nem desfazia; antes, quando saía da água era mais vermelha. Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava entre eles, sem eles implicarem com ele, nem para lhe fazerem mal; ao invés, lhe davam cabaças de água e acenavam aos do esquife para que saíssem em terra. Com isto voltou Bartolomeu Dias ao capitão e viemos para as naus a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem lhes dar mais enfado e eles tornaram-se a assentar na praia. E assim, por então ficaram.*

*Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e pregação, espraia muita água e descobre muita areia e muito cascalho. Foram alguns, quando nós ali estávamos, buscar marisco, mas não o acharam; e acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um camarão muito grande e muito grosso, como em nenhuma ocasião vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e de amêijoas, mas não toparam com nenhuma peça inteira. Quando comemos vieram logo todos os capitães a esta nau, por mando do Capitão-mor com os quais ele se afastou e eu em companhia. E perguntou, então, a todos, se nos parecia ser bem mandar a nova do achamento desta Terra a Vossa Alteza, pelo navio dos marinheiros, para melhor a mandar descobrir e saber dela, mais do que agora nós podíamos saber, por irmos de nossa viagem. E entre muitas falas, que na ocasião se fizeram, foi por todos, ou a maior parte, dito que seria muito bem. E nisto concluíram.*

*Logo que a conclusão foi tomada, perguntou, mais, se seria bom tomar, aqui, à força, um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza e deixar aqui, em troca, outros dois destes degredados. Nisto concordaram que não era necessário tomar por força homens, porque, geralmente, era*

# Consolidação da democracia brasiliense



**A**no 2000, 500 anos de Brasil, 40 anos de Brasília, dez anos de Câmara Legislativa. O tempo não pára. A virada do novo milênio traz perspectivas positivas. É o momento em que os povos do mundo todo refletem sobre seu passado e traçam metas para um futuro mais humano. É o início de uma nova etapa na história do Brasil e de todos os outros países. Para a Câmara Legislativa, que iniciou este ano sua terceira legislatura, é o momento de consolidar a democracia brasiliense, conquistada há quase dez anos. Até o início desta década, os habitantes do Distrito Federal não puderam eleger seus representantes locais. Somente em 1990 garantiram este direito e elegeram o primeiro governador e os primeiros deputados distritais. Nesta nova legislatura, iniciada no início deste ano, os novos deputados distritais prometem não somente dar continuidade à democracia conquistada com a criação da Câmara Legislativa, mas estimular e ensinar o povo a exercer sua cidadania. Isto significa que todos os brasilienses estão convidados a conhecer e participar das decisões de cada um de seus representantes.



*Na posse dos novos Deputados Distritais, as perspectivas de uma nova era para Brasília*



## Anilcéia Machado

PSDB

A deputada Anilcéia Machado (PSDB) quer imprimir ao Pólo de Cinema e Vídeo do Distrito Federal

o ritmo de produção da época em que ela era administradora regional de Sobradinho. Naquele período, entre 1992 e 94, o Pólo rodou dezenas de filmes de curta-metragem e um longa premiado nacionalmente - *A Terceira Margem do Rio* -, com direção do cineasta Wladimir de Carvalho. "Nossa cidade tem um grande potencial para a produção cultural, especialmente para o cinema", afirma. Anilcéia vê no incentivo ao Pólo de Cinema uma forma de incrementar a economia da região. "Um bom filme movimentava toda a cidade e aumenta a auto-estima da população, que se orgulha de ver seus talentos projetados para fora de Brasília", completa.

## Alírio Neto

PPS



Brasília abrirá as diversas manifestações culturais de todas as regiões do país. A nossa proposta, agora

transformada em realidade, através de projeto que estarei apresentando na Câmara Legislativa, é que seja construído um espaço para sediar todas as manifestações de nossa cultura popular. A idéia é que seja construída pelo Governo do Distrito Federal, com o apoio do Ministério da Cultura e Turismo, a Casa da Cultura Brasileira, um cartão postal aos visitantes de todas as partes do mundo e do próprio país. Será uma espécie de Conheça o Brasil!

A Casa da Cultura funcionará também como um pólo dinamizador, com espaço para exposições, oficinas, espetáculos, além de preservar todas as expressões da arte popular brasileira.

## Gim Argello

PFL



Conhecida como ponto de encontro de namorados na década de 70, a Praça Portugal será reinaugu-

rada. Localizada atrás da catedral e encostada nas embaixadas dos Estados Unidos e Portugal, a praça estava totalmente degradada. O mato alto, o lago imundo, a estátua em bronze do Infante Dom Henrique toda pichada e a calçada portu-guesa, de tão suja, já não mostrava mais as pedras brancas.

Português de sangue e brasileiro de coração, batalhei pela limpeza e reforma da praça, por meio de moção aprovada pela Câmara e GDF.

O término das obras, iniciadas em maio, está previsto para setembro. Quero revitalizar a Praça Portugal e transformá-la em um dos palcos das comemorações dos 500 anos do Brasil.

## César Lacerda

PTB



A Lei nº 2.365/99, sancionada em maio deste ano e originada de um projeto de lei de minha autoria, representa uma

revolução no mercado de artes plásticas. Pela lei, todo prédio de uso público edificado no DF, com área igual ou superior a mil metros quadrados, terá que contar com uma obra de arte original (painel, escultura, mosaico, etc.) como parte integrante do projeto arquitetônico, não podendo dele ser desmembrado. No caso de prédio público, a escolha da obra de arte se dará mediante concurso público.

Cabe agora aos artistas brasileiros lutar para que essa conquista seja levada adiante, tendo em vista os benefícios que ela proporciona à categoria, sobretudo para aqueles que se dedicam, exclusivamente, ao fazer artístico.

## Daniel Marques

PMDB



Como parlamentar tenho procurado valorizar a cultura de Planaltina, cidade onde moro, e seus diversos artistas, con-

tribuindo, por exemplo, com o Projeto de Lei nº 2.498/96, que determina a obrigatoriedade da apresentação de artistas locais em *shows* de artistas de outras localidades, quando se apresentarem em locais próprios do governo ou quando os *shows* forem financiados pelo GDF. Por outro lado, buscando incentivar a comunidade a participar dos espetáculos culturais, apresentei o Projeto de Lei nº 2.116/96, isentando os idosos do pagamento de ingresso para o Jardim Zoológico, Jardim Botânico e para espetáculos artísticos, culturais e esportivos realizados às expensas do GDF ou em suas instalações.

## Lucia Carvalho

PT



Em reconhecimento ao empenho que os profissionais de cinema brasileiro têm dedicado para man-

ter viva a arte cinematográfica nacional, apresentamos e tivemos sancionada a lei que obriga os cinemas locais a exibirem curta-metragens brasileiros antes dos longametragens. A seleção dos curtas é feita com a participação de representantes dos produtores, exibidores e outros segmentos da sociedade. Essa determinação só é válida quando o longa-metragem tiver até duas horas e quinze minutos de duração e for feito sem qualquer participação brasileira na produção. O nosso objetivo é incentivar o cinema nacional e levar à sociedade um produto com qualidade cada vez mais reconhecida pelo mundo.

## Adão Xavier

PPB



Minhas atenções estão voltadas para a solução dos problemas que mais afligem nossa cidade. Não me

esqueço, um só momento, da população de baixa renda e de suas dificuldades para vencer. Grande parte dos projetos de lei de minha autoria beneficiam esta camada da população, como a lei que proíbe o corte de água e luz de pessoas desempregadas. A par de tudo isso, não podemos descuidar do desenvolvimento cultural. Apresentei moção reivindicando a implantação de dois importantes projetos em Samambaia. O primeiro, visando a implantação de um Centro de Idiomas pela Fundação Educacional, para estudo de língua estrangeira. O segundo, a construção de um Ginásio de Esportes para a realização de eventos culturais na cidade.

## Chico Floresta

PT



Brasil, 500 anos. Cinco séculos já se passaram e o nosso país, apesar de todas as riquezas e potencialidades, ainda os-

tenta indicadores sociais alarmantes como os da mortalidade infantil, do trabalho escravo e da miséria humana, que demonstram um traço marcante da nossa história: a exclusão social e a marginalização de nosso povo como consequência da ação de suas elites. Nós, do PT, lutamos por uma nação brasileira soberana, livre, independente, socialmente justa e ambientalmente equilibrada. Na Câmara Legislativa, nosso mandato está a serviço destes ideais, realçados em nossa recente experiência no governo do Distrito Federal. Queremos que o Brasil, por ocasião do balanço que a comemoração dos 500 anos enseja, siga o exemplo da bolsa-escola, do BrB-trabalho, da coleta seletiva e do orçamento participativo, assegurando para todo o nosso povo a qualidade de vida.

## Deputado Rajão



**PSDB**

Como homem público luto na Câmara Legislativa do DF pelos direitos dos cidadãos à saúde, educação, moradia, e, em especial, pelo

policia civil, militar e bombeiro militar. Meu projeto que implanta o Colégio Militar Dom Pedro II, destinado a servir os vários segmentos da Segurança Pública, se aprovado, deve vigorar no início do ano 2000. E, para atender a uma antiga aspiração, que é a de criar condições de oferecer uma vida decente às diversas categorias da Segurança Pública, foi aprovada também a vila militar. Sou grato a Deus por ter permitido a criação desta cidade tão perfeita, e pelos 40 anos da cidade, a qual me acolheu com suas asas abertas, quando aqui cheguei, em 1964. Parabéns, Brasília!

## João de Deus



**PDT**

O Brasil já existia antes da chegada dos portugueses. Aqui havia um povo que vivia feliz, na sua simplicidade e ingenuidade. Mas a história tem sido assim: povos com superioridade de força dominam outros, levando suas pretensões culturais ou ambições. Em seguida foram trazidos os negros como escravos. Outros chegaram, compondo o grande mosaico do Brasil atual: plural, miscigenado, de uma só língua veiculadora, com várias expressões e riquezas culturais.

Ainda há 500 problemas a resolver, gerados nesses 500 anos. Mas o nosso povo tem energia e soluções para gerar a felicidade deste país continental. É preciso acreditar, cada um fazendo a sua parte, com sua identidade, suas possibilidades. Nós estamos fazendo a nossa parte.

## Wilson Lima



**PSD**

Cultura não se compra, não se vende, não se aprende. Cultura se conquista e ela é, com certeza, uma das maiores heranças de uma nação a seu povo. É por isso que apresentei um projeto na Câmara Legislativa, para que todas as isenções, os benefícios e incentivos fiscais à cultura de Brasília passem a vigorar por prazo indeterminado.

Atualmente, por força de lei, esses benefícios deverão ser revogados após seis anos de promulgação da Lei Orgânica do Distrito Federal; ou seja, em junho deste ano. Deixar que isto aconteça é o mesmo que acabar com a vida cultural de Brasília, e também com parte da história artística do nosso Brasil. Investir em cultura é apostar nas próximas gerações.

## Maria José - Maninha



**PT**

Em dezembro do ano passado, foi sancionada lei de minha autoria que dispõe sobre a criação das bienais regional e nacional de arte em Brasília. O prazo para regulamentação, pelo GDF, venceu no final de março. A lei precisa ser regulamentada logo para que a Secretaria de Cultura comece a planejar a primeira bienal a tempo de realizá-la no próximo ano. O aniversário dos 500 anos do Brasil seria um bom mote para inaugurar as bienais brasilienses. A capital do Brasil tem que se transformar num dos principais pólos de comemoração dessa efeméride, que enseja um amplo debate sobre a formação da cultura brasileira. Nada mais inspirador para as artes, que seriam incentivadas com a premiação prevista na lei.

## DF Câmara Legislativa

## Wasny de Roure



**PT**

O atendimento a alunos portadores de altas habilidades (superdotados) na rede pública de ensino do DF é o

que determina a Lei nº 2.352/99, de autoria do deputado Wasny de Roure. O atendimento se dará em núcleos especializados, com recursos pedagógicos adequados; acompanhamento psicológico; orientação específica aos pais e alunos; e promoção de estudos e pesquisas nessa área de atendimento. "Cabe ao poder público reconhecer o talento dessas pessoas, dando-lhes o direito de serem assistidas no desenvolvimento de suas potencialidades". "Reconhecer a importância sociocultural e econômica dessa clientela é a garantia de um futuro promissor para a sociedade".

## Rodrigo Rollemberg



**PSB**

Apresentamos moções para conceder o título de cidadão honorário de Brasília a três expoentes de nosso universo cultural: os músicos Gilberto Gil e Reco do Bandolim, e o arquiteto Zanine. Também queremos a extensão da Escola Candanga para todas as unidades de ensino fundamental do DF, tornando essa nova concepção de ensino uma realidade a partir do ano 2000. Desejamos também levar a cultura aos idosos e apresentamos projeto de lei que permite um intercâmbio cultural entre grupos de terceira idade de todas as cidades do DF. Vamos exigir, ainda, do GDF um maior cuidado na manutenção de nosso patrimônio cultural.

Ao completar 40 anos, queremos que a capital do país seja uma realidade cultural dos nossos 500 anos de história.

## Sílvio Linhares



**PMDB**

No dia 22 de abril de 2000, comemoraremos 500 anos de descobrimento do Brasil. A data é significativa, pois

nestes cinco séculos, em nosso país, formou-se um dos povos mais ricos em manifestações culturais do mundo. Porém quem produz toda esta riqueza cultural a ela não tem acesso. Apresentei projetos na Câmara Legislativa no sentido de o povo ter acesso à cultura. São os Projetos de Lei nº 125/99, que dispõe sobre a obrigatoriedade de se reservarem 10% da lotação de teatros aos alunos da rede oficial de ensino, o de nº 328/99, instituindo a meia entrada para os doadores de sangue em teatros e cinemas, e o de nº 293/99, criando o Festival Brasiliense de Música Popular Brasileira.

## José Tatico



**PSC**

Antigo desejo das comunidades de Samambaia e Ceilândia, a ligação entre as duas regiões administrativas

vem sendo cobrada ao governador Joaquim Roriz pelo deputado José Tatico. Compromisso de campanha do parlamentar, a medida reduzirá em aproximadamente 15km a distância entre as localidades.

Medida semelhante é a ligação entre a Ceilândia e a região de Santo Antônio do Descoberto - GO, reduzindo as distâncias em, pelo menos, 40 quilômetros.

Tatico é conhecedor das dificuldades encontradas por aqueles que necessitam percorrer o trajeto entre aquelas regiões e do preço do transporte que fatalmente é repassado ao consumidor.

## Edimar Pireneus

PMDB

500 anos do Brasil. É hora de pensarmos o futuro, sem cometer os erros do passado.

É hora de resgatar nossa dívida com os mais carentes e ajudar o país a entrar de vez nos trilhos do desenvolvimento.

A solução, sem dúvida, passa pela Educação. Nós que fazemos a Câmara Legislativa do Distrito Federal temos um compromisso com a população brasileiro de fazer cumprir a legislação no que diz respeito à garantia do acesso à sala de aula, a um ensino público de qualidade e a ações complementares que possam fazer de cada habitante da Capital Federal um verdadeiro cidadão.

## Jorge Cauhy

PMDB



O Brasil se prepara para completar 500 anos.

Que belo momento para pensarmos um pouco mais no próximo e refletirmos sobre os valores que vivemos e queremos deixar para nossos filhos e netos.

Não podemos compactuar com tanta violência gratuita e desrespeito aos mais sagrados valores morais e espirituais.

Precisamos reagir e entender que todos nós somos responsáveis pela sociedade em que vivemos. Portanto, não podemos compactuar com a degradação da natureza, com a falta de respeito ao idoso e com tantas outras omissões.

Vamos pois parar e refletir sobre o que representaram esses 500 anos para nosso crescimento, e o que pretendemos deixar para as gerações futuras.

## Benício Tavares

PTB



As comemorações que se fazem necessárias para marcar a passagem dos 500 anos do Brasil devem ser acompanhadas de um grande debate em torno de questões cruciais.

É necessário que as lições que nos foram dadas nesse meio milênio sejam suficientes para as correções do longo percurso até o desenvolvimento pleno.

Em meio a tudo isso, não podemos nos esquecer dos deficientes que – junto com outras “minorias” – não têm tido o apoio suficiente para uma vida digna.

Vamos trabalhar, nos próximos anos, pela inclusão dos que têm algum tipo de deficiência na escola e na sociedade.

## Agrício Braga

PL



Antes de ser considerado um modismo, a prática cada vez maior de atividades esportivas representa a consciência de

que é preciso investir na saúde. E o esporte é o melhor remédio contra o estresse, comprovadamente o principal causador das doenças modernas. Pelo menos é a melhor prevenção; enquanto se exercita o corpo, a mente descansa e se descontraí. Qualquer que seja o esporte, o corpo e a mente agradecem. Por ter o esporte como bandeira de minha atuação parlamentar, vejo com alegria esse aumento de conscientização e percebo que a minha luta está valendo e vai valer a pena.

A chegada do ano 2000 vai ser marcada pela valorização do esporte, não só por essa necessidade de preservação da saúde, mas pela integração entre as pessoas e os povos.

## Paulo Tadeu

PT



M e s m o tendo sido celeiro de grandes nomes da música brasileira, as emissoras de rádio local, com honrosas exce-

ções, insistem em manter a hegemonia de espaço para as grandes gravadoras, em detrimento da produção dos artistas do DF. Em razão disso, o deputado Paulo Tadeu está apresentando na Câmara Legislativa projeto de lei que obriga as emissoras de rádio AM e FM a veicularem em sua programação diária 5% de música gravada por músicos independentes locais. “É uma ironia que nossos artistas consigam tocar seu trabalho nas rádios da cidade só depois de saírem daqui e se consagrarem nos grandes centros, como aconteceu com Legião Urbana, Capital Inicial, Paralamas do Sucesso, Plebe Rude, Oswald Montenegro, Zélia Duncan, Cássia Eller e tantos outros”.

## Renato Rainha

PL



Uma das principais preocupações do deputado distrital Renato Rainha, com relação à área cultural, é poder propiciar

aos artistas da cidade locais para que eles possam desenvolver seus trabalhos. Nesse sentido, estão em fase final de tramitação na Câmara Legislativa dois projetos muito importantes. O primeiro é o Projeto de Lei nº 1.721/96, que destina área para construção de um teatro público em Taguatinga. E o segundo é o Projeto de Lei nº 2.368/96, que torna obrigatória a existência de salas de teatro nos *shopping centers* que venham a ser construídos ou ampliados no DF. Com isso, Rainha espera aumentar consideravelmente o número de salas na cidade, beneficiando os artistas locais.

## José Edmar

PMDB



Onde reina a democracia, as pessoas são esclarecidas e gostam de política, existe riqueza, cultura e desenvolvimento. A

Austrália, com apenas 211 anos de existência, é um país consolidado porque a política faz parte da cultura do povo. Nos países onde não há democracia e as pessoas não gostam de política, prevalece a miséria, a pobreza, a alienação e a ignorância. No Brasil, todos almejam o desenvolvimento do país, mas poucos se esforçam por isso. Muitos dizem não gostar de política e se esquecem de que é através dela que as coisas acontecem. Ao completar 500 anos de existência, o Brasil necessita urgentemente se firmar como nação democrática e soberana. Mas antes o povo brasileiro precisa eliminar o preconceito que tem da política e dos políticos e se desenvolver culturalmente e acordar do sono profundo em que se encontra desde o descobrimento.

## Aguinaldo de Jesus

PFL



É necessário que a política de incentivo à cultura que se tem adotado em nosso Brasil, bem como

em Brasília, venha a ser ponto de análise e reflexão profunda por parte das autoridades, pois os maiores problemas da oitava economia do mundo são justamente as carências nas áreas de educação e cultura.

Infelizmente, a tão rica cultura deste país continental, em suas diversas características, é afogada no mar do interesse comercial. Temos algumas propostas em fase de estudo para apresentar à nossa sociedade brasileiro, que visam aproveitar todo esse potencial que acaba por convergir para o Distrito Federal.

A cultura não pode ser feita e definida por poucos, mas devem ser respeitadas as diversas visões culturais.

costume dos que assim levavam, à força, para alguma parte, dizerem que há aí de tudo o que lhes perguntam. Melhor; e muito melhor informação da terra dariam dois homens destes degredados que aqui deixassem, do que eles dariam se os levassem, por ser gente que ninguém entende; nem eles tão cedo aprenderiam a falar, para o saber tão bem dizer, que muito melhor o não digam estoutros, quando aqui Vossa Alteza mandar. E que, portanto, não cuidassem de, por força, aqui tomar ninguém, nem fazer escândalo, para os de todo mais amansar e apaziguar; em vez disso, somente deixar aqui os dois degredados, quando daqui partíssemos. E assim, por melhor parecer a todos, ficou determinado.

Acabado isto disse o capitão que fôssemos nos batéis em terra e ver-se-ia bem como era o rio e também para folgarmos. Fomos todos nos batéis, em terra, armados e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, onde nós íamos e, antes que chegássemos, do ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos e acenaram que saíssemos. E, logo que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se todos além do rio, o qual não é mais largo que um jogo de mancal. E logo que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio e foram entre eles. E alguns aguardavam; e outros afastavam-se. Mas era a coisa de tal maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho e por qualquer coisa que lhes davam. Passaram, além, tantos dos nossos e andavam tão misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam e iam-se alguns para cima onde outros estavam. Então o Capitão fez-se tomar ao colo de dois homens e passou o rio e fez tornar a todos. A gente que ali não seria mais que aquela que costumava. E logo que o Capitão fez voltar todos, vieram alguns deles, perto dele, não por conhecê-lo por Senhor, que me parece que não entendem nem tomavam disso conhecimento, mas porque a nossa gente passava já para cá do rio. Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas, daquelas já ditas e as resgatavam por qualquer coisa; de tal maneira que trouxeram, dali para as naus, muitos arcos e setas e contas. E, então, tornou-se o capitão para cá do rio e logo acudiram muitos à beira dele.

Ali vertéis galantes, pintados de preto e vermelho e quartejados, tanto pelos corpos como pelas pernas, que, na verdade, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres moças, à mesma nuas, que não pareciam mal e entre as quais andava uma, com uma coxa toda, do Joelho até ao quadril e a nádega toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua própria cor. Outra trazia ambos os Joelhos com as curvas assim tingidas e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas que não havia, nisso, nenhuma vergonha. Também andava lá outra mulher moça com um menino ou menina no colo, atado com um pano, não sei de que, aos peitos e não lhe apareciam senão as perninhas. Mas as pernas da mãe e tudo, não trazia nenhum pano.

E depois foi o capitão para cima, ao longo do rio, que anda sempre em frente da praia e ali esperou um velho que trazia na mão uma pá de almadiá; falou, estando o capitão com ele, perante nós todos, sem nunca ninguém o entender, nem ele a nós, sobre as coisas que a gente lhe perguntava de ouro, que nós desejávamos saber se o havia na terra. Trazia este velho o

beijo tão furado que lhe caberia, pelo furado, um grande dedo polegar; e trazia metido no furado uma pedra verde, ruim que fechava, por fora, aquele buraco. E o capitão lha fez tirar; e ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do capitão para lha meter. Estivemos rindo um pouco com isso. Então enfadou-se o capitão e deixou-o; e um, dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela valer alguma coisa, mas para mostra. E depois adquiriu-a o capitão, creio que para, com as outras coisas mandar a Vossa Alteza.

Andávamos por ali vendo a ribeira, a qual é de muita água e muito boa. Ao longo dela há muitas palmas, não muito altas, em que há muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos deles. Então, voltou o Capitão para baixo, para a boca do rio onde desembarcamos e, além do rio, andavam muitos deles dançando e folgando uns frente aos outros, sem se pegarem as mãos e faziam-no bem. Passou, então, além do rio Diogo Dias, almoxarife que foi de Sacavém, que é homem gracioso e de prazer e levou consigo um gaiteiro nosso, com sua gaita e meteu-se com eles a dançar, tomando-os pelas mãos. E eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem, ao som da gaita. Depois de dançarem fez-lhe, ali, andando no chão, muitos saltos ligeiros e salto real, de que eles se espantavam e riam e folgavam muito. E, conquanto os seguiu muito com aquilo e afagou, tomaram logo uma esquiveza como monteses. E foram-se para cima.

Então o capitão passou o rio com todos nós e fomos pela praia, ao longo, indo os batéis, também em frente da terra e fomos até uma lagoa grande de água doce, que está junto com a praia, razão porque toda aquela ribeira do mar é apaulada, por cima, e sai água por muitos lugares. E, depois de passarmos o rio, foram uns 7 ou 8 deles, andar entre os marinheiros, que se recolhiam aos batéis; e levaram dali um tubarão que Bartolomeu Dias matou e lho levava e lançou-o na praia. Anote-se que, até aqui, como quer que eles se amansassem, em alguma parte, logo de uma mão para outra se esquivavam como pardais de cevadouro e a gente não ousa falar-lhes rijo para não se esquivarem mais; e tudo se passa como eles querem para bem amansá-los. Ao velho com que o Capitão falou deu uma carapuça vermelha. E com toda a fala que com ele passou e com a carapuça que lhe deu, logo que se despediu começou por passar o rio, que se foi logo recatando e não quis mais voltar do rio para cá. Os outros dois que o capitão teve nas naus e a quem deu o que já foi dito nunca mais aqui apareceram, do que concludo ser gente bestial e de pouco saber e por isso são assim esquivos. Eles, porém, contudo, andam muito bem curados e muito limpos e nisso me parece, ainda mais, que são como aves, ou alimárias monteses que lhes faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não podem ser mais. E isto me faz presumir que não têm casas nem moradas em que se acolham e o ar a que se criam os faz tais. Nós não vimos, até agora, ainda, nenhuma casa nem maneira delas.

Mandou o capitão aquele degredado, Afonso Ribeiro, que se fosse outra vez com eles. O mesmo foi e andou lá um bom pedaço; e à tarde tornou-se, que o fizeram eles vir e não o quiseram lá consentir; deram-lhe arcos e setas e não lhe tomaram nenhuma coisa de seu. Antes, disse ele, que lhe tomara um deles umas continhas amarelas que ele levava e fugia com

elas; e ele se queixou e os outros foram logo atrás dele e lhas tomaram e tornaram a dar-lhas; então mandaram-no vir. Disse ele que não vira lá, entre eles, senão umas choupaninhas de rama verde e de fetos, muito grandes, como Dentre Douro e Minho. E, assim, nos tornamos às naus, já quase noite a dormir.

Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram, então, muitos; mas não tantos como das outras vezes e traziam já muitos poucos arcos e estiveram, assim, um pouco afastados de nós. E depois, poucos a poucos, misturaram-se conosco. E abraçavam-nos e folgavam; e alguns deles se esquivaram logo. Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma carapucinha velha ou por qualquer coisa. De tal maneira se passou a coisa, que bem 20 ou 30 pessoas das nossas se foram com eles, onde muitos outros deles estavam, com moças e mulheres e trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, alguns verdes e alguns amarelos, de que creio o capitão há de mandar mostra a Vossa Alteza; e, segundo diziam esses que lá foram, folgavam com eles. Neste dia os vimos de mais perto e mais à nossa vontade, por andarmos todos quase misturados. E, ali, alguns deles andavam quartejados daquelas tinturas e outros de metade; outros de tanta feição como de panos de armar; e todos com os beijos furados e muitos com os ossos neles e alguns sem ossos. Traziam alguns deles uns ouriços verdes, de árvores, que na cor, quase queriam parecer de castanheiros; apenas que eram mais e mais pequenos. E os mesmos eram cheios de grãos vermelhos, pequenos, que, esmagando-os entre os dedos, faziam tintura muito vermelha, da que eles andavam tintos; e quanto se mais molhavam tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam raspados até acima das orelhas; e também as sobrancelhas e as pestanas. Trazem, todos, a testa, de fonte a fonte, tinta de tintura preta, que parece uma fita preta larga, de dois dedos; o capitão mandou aquele degredado, Afonso Ribeiro e outros dois degredados, que fossem lá entre eles também a Diogo Dias, por ser homem ledo, com quem eles folgavam. E aos degredados mandou que ficassem lá esta noite. Foram-se lá todos e andaram entre eles. E, segundo eles diziam, foram, bem uma légua e meia, a uma povoação de casas em que havia 9 ou 10 casas as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau capitânia; e eram de madeira; e das ilhargas de tábuas; cobertas de palha, de razoável altura e todas numa só casa sem nenhum compartimento. Tinham por dentro muitos esteios e de esteio a esteio uma rede, atada pelos cabos, em cada esteio e altas, nas quais dormiam; e, por baixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas, pequenas, uma em um cabo e outra no outro. E diziam que em cada casa se acolhiam 30 ou 40 pessoas e que assim os achavam. E que lhes davam de comer daquela vianda que eles tinham, ou seja: muito inhame e outras sementes que na terra há e que eles comem.

E quando ficou tarde fizeram-nos logo tornar a todos e não quiseram que lá ficasse nenhum; e, ainda, segundo eles diziam, queriam-se vir com eles. Resgataram lá, por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes, pequeninos, carapuças de penas verdes e um pano de penas de muitas cores, parecendo tecido, assaz formoso, segundo Vossa Alteza verá todas estas coisas, porque o capitão vo-las há de mandar, segundo ele

disse; e com isto vieram; e nós tornamo-nos às naus.

Na terça-feira, depois de comer, fomos em terra dar guarda de lenha e lavar roupa. Estavam na prua, quando chegamos, cerca de 60 ou 70, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram-se logo para nós sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam uns 200, todos sem arcos. E misturaram-se todos, tanto, conosco, que nos ajudavam, alguns, a acarretar lenha e metê-la nos batéis; e disputavam com os nossos e tomavam muito prazer. Enquanto nos fazíamos a lenha, dois carpinteiros faziam uma grande cruz de um pau, que ontem se cortou para isso. Muitos deles vinham, ali, estar com os carpinteiros; e creio que o faziam mais por verem a ferramenta de ferro com que a faziam, que por verem a cruz, porque eles não têm coisa que disso seja e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau, entre duas talas muito bem atadas; e de tal maneira, que ficam fortes, segundo os homens, que ontem foram a suas casas, diziam, porque lhas viram lá. Era já a conversação, deles conosco, tanta, que quase nos estorvavam no que havíamos de fazer. O capitão mandou os dois degredados e a Diogo Dias que fosse lá à aldeia e a outras, se tivessem delas notícia e que de toda a maneira não se viessem a dormir às naus, ainda que eles os mandassem. E então se foram. Enquanto andávamos nesta mata a cortar a lenha, atravessaram alguns papagaios por essas árvores, alguns verdes e outros pardos; grandes e pequenos de maneira que me parece que haverá nesta terra muitos, mas eu não vi mais que até 9 ou 10. Outras aves, então, não vimos; somente algumas pombas seixas e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam que viram rolas, mas eu não as vi; mas, segundo os arvoredos são, muitos e muitos e grandes e de infindas maneiras, não duvido que por esse sertão haja muitas aves. E cerca da noite nos volvemos para as naus com nossa lenha. Eu creio, Senhor, que não dei ainda, aqui, conta a Vossa Alteza da feição dos seus arcos e setas. Os arcos são pretos e compridos; e as setas compridas e os ferros delas de canas aparadas segundo Vossa Alteza verá, por alguns que creio que o capitão a ela há de mandar.

Na quarta-feira não fomos a terra porque o capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos, a despejá-lo e fazer levar às naus aquilo que cada um podia levar. Eles acudiram à praia muitos, segundo das naus vimos, que seriam obra de 300, segundo disse Sancho de Tovar, que lá foi. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, a quem o capitão ontem mandou que, de toda a maneira, lá dormissem, volveram-se, já de noite, por eles não quererem que dormissem lá. Trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quase como pegas; apenas que tinha o bico branco e os rabos curtos. E quando Sancho de Tovar se recolheu à nau queriam-se vir com ele, alguns, mas ele não quis senão dois mancebos dispostos e homens de prol. Mandou-os, essa noite, muito bem pensar e tratar; e comeram toda a comida que lhes deram e mandou-lhes fazer a cama de lençóis, segundo ele disse. Dormiram e folgaram aquela noite. E, assim, não foi este dia mais que para escrever.

Na quinta-feira, último de abril, comemos logo quase pela manhã e fomos em terra por mais lenha e água. E estando o capitão para sair desta nau chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E, por ele não ter ainda comido, puseram-lhe toalhas e veio-lhe comida e comeu. Os hóspedes sentaram-se

cada um em uma cadeira e de tudo o que lhes deram comeram muito bem, especialmente presunto cozido, frio, e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem. Acabado o comer, metemo-nos todos no batel e eles conosco. Deu um grumete, a um deles, uma armadura grande, de porco montês, bem revolta. E tanto que a tomou meteu-a logo no beço. E porque se lhe não queria fixar deram-lhe uma pequena de cera vermelha e ele adaptou-lhe detrás sua base para se segurar e meteu-a no beço, assim retorcida para cima. E vinha tão contente com ela como se trouxesse uma grande jóia. E assim que saímos em terra foi-se logo com ela que não apareceu aqui mais. Andavam na praia, quando saímos, 8 ou 10 deles; e daí a pouco começaram a vir. E parece-me que viriam este dia à praia 400 ou 450. Traziam deles, arcos e setas e todos os deram por carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos e bebiam, alguns deles, vinho e outros o não podiam beber. Mas parece-me que se lho avezarem que o beberão de boa vontade. Andavam todos tão dispostos e tão enfeitados e galantes, com suas tinturas, que pareciam bem. Acarretavam dessa lenha, quanta podiam, com muito boas vontades e levavam-na uos batéis: e andavam já mais mansos e seguros, entre nós, do que nós andávamos entre eles.

Foi o capitão, com alguns de nós, um pedaço por este arvoredo, até uma ribeira grande, de muita água, que a nosso parecer era esta mesma que vem ter à praia em que nós tomamos água. Ali estivemos um pedaço bebendo e folgando ao longo dela, entre esse arvoredo, que é tanto e tamanho e tão basto e de tantas folhagens que lhe não pode homem dar conto. Há entre ele muitas palmas de que colhemos muitos e bons palmitos. Quando saímos do batel disse o capitão que seria bom irmos direitos à Cruz, que estava encostada a uma árvore junto do rio, para se erguer umunhã que é sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos, para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim o fizemos. E a esses 10 ou 12 que aí estavam acenaram-lhes que fizessem assim e foram logo todos beijá-la.

Parece-me gente de tanta inocência que se a gente os entendesse e eles a nós, que seriam logo cristãos, porque eles não têm nem atendem a nenhuma crença, segundo parece. E, portanto, se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, fazerem-se cristãos e crerem na nossa santa fé, a qual, praz Nosso Senhor que os traga porque, na verdade, esta gente é boa e de boa simplicidade e gravar-se-á neles, ligeiramente, qualquer cunho que lhes queiram dar. E logo lhes deu Nosso Senhor bons corpos e bons rostos como a bons homiens. E Ele que nos por aqui trouxe, creio que não foi sem causa. E, portanto, Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na santa fé católica, deve intervir em sua salvação. E praza a Deus, que com pouco trabalho será assim.

Eles não lavram nem criam; nem há aqui hoi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha; nem nenhuma outra alimária que costumada seja ao viver dos homens; nem comem senão desse inhame que aqui há muito; e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si lançam. E, com tudo isso, andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos. Enquanto ali andaram, este dia,

sempre dançaram ao som de um tamborim nossô e bailaram com os nossos, de maneira que são muito mais nossos amigos que nós seus. Se a gente lhes acenava se queriam vir às naus faziam-se logo prestes para isso; de tal forma que se a gente os quisesse a todos convidar, todos viriam. Porém, não trouxemos esta noite às naus, senão 4 ou 5 a saber; o Capitão-mor, dois; e Simão de Miranda, um que trazia já por pajem; e Aires Gomes outro, também pajem.

Dos que o capitão trouxe eru, um deles, um de seus hóspedes, que a primeira vez, quando aqui chegamos, lhe trouxeram, o qual veio hoje aqui vestido com sua camisa; e com ele um irmão, os quais foram esta noite muito bem agasalhados, tanto de vianda como de cama de colchões e lençóis, para os mais amansar.

E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra com nossa bandeira e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul, onde nos pareceu que seria melhor chantar a Cruz, para ser melhor vista. E ali, onde marcou o capitão, fizeram a cova para a chantar. Enquanto a ficaram fazendo, ele, com todos nós outros, fomos pela cruz abaixo do rio, onde ela estava. Trouxemo-la dali, com esses religiosos e sacerdotes adiante, cantando, à maneira de procissão. Estavam já aí alguns deles, cerca de 70 ou 80 e quando assim nos viram vir, alguns deles se foram meter debaixo dela a ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia e fomos pô-la onde havia de ficar, que será do rio obra de dois tiros de besta. Ali andando, nisto vieram bem 150 ou mais. E, chantada a Cruz, com as armas e divisa de Vossa Alteza, que lhe pregaram primeiro, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, a ela, cerca de 50 ou 60 deles todos sentados ou de joelhos, assim como nós. E quando foi ao Evangelho, que nos erguemos, ficando em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco e alçaram as mãos, estando assim até terminar. Então voltaram a sentar-se como nós.

Quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram todos assim, como nós estávamos, com as mãos levantadas; e de tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão. E depois da comunhão, comungaram os religiosos e sacerdotes e o capitão e alguns de nós. Alguns deles, por o sol ser forte, estando nós comungando, levantaram-se; e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de 50 ou 55 anos, ficou ali com aqueles que ficaram. Aquele, estando nós assim, juntava os que ali ficaram e ainda chamava outros. Este, andando assim, falando entre eles, acenou-lhes com o dedo para o altar e depois mostrou o dedo para o céu, como que lhes dizia alguma coisa de bem e nós assim o tomamos.

Acabada a missa o padre tirou a vestimenta de cima e ficou na alva. E assim se subiu, junto ao altar, numa cadeira e ali pregou do Evangelho e dos apóstolos, cujo dia é hoje, tratando, no fim da pregação deste vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, que nos causou mais devoção. Esses que à pregação sempre estiveram estavam, assim como nós, olhando para ele. E aquele que digo chamava alguns, que viessem para ali; alguns vinham e outros iam-se. E acabada a pregação, trazendo Nicolau Coelho muitas cruces de estanho com crucifixos, que

lhe ficaram, ainda, da outra vinda, houveram por bem que lançassem a cada um a sua ao pescoço, pelo que se concordou. O padre Frei Henrique ao pé da Cruz ali, a um por um, lançava sua, atada em um fio, ao pescoço, fazendo-lha primeiro beijar e alevantar as mãos. Vinham a isso muitos e lançaram-nas todas, que seriam cerca de 40 ou 50. E, isto acabado, era já bem uma hora depois do meio-dia.

Vimos às naus a comer, onde o capitão trouxe, consigo, aquele mesmo que fez aos outros aquela mostrança para o altar e para o céu; e um seu irmão com ele ao qual fez muita honra; e deu-lhe uma camisa mourisca e ao outro uma camisa das outras. E segundo o que a mim e a todos pareceu, a esta gente não lhes falta outra coisa, para ser toda cristã, do que entender-nos, porque logo aprendiam aquilo que nos viam fazer, tal como nós mesmos. Por isso pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm.

E eu bem creio que se Vossa Alteza aqui mandar quem mais devagar ande entre eles, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza. E, para isso, se alguém vier, não deixe de vir logo clérigo para os batizar, porque, então, já terão mais conhecimento de nossa fé, pelos dois degredados que aqui ficam entre eles, os quais, ambos, também comungaram hoje. Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher moça, a qual esteve sempre à missa e a quem deram um pano com que se cobrisse e puseram-lho ao redor de si; mas, ao sentar-se não fazia memória de o estender muito, para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior quanto a vergonha. Ora veja Vossa Alteza que, quem em tal inocência vive, ensinando-lhes o que para sua salvação pertence, se se converterá ou não. Acabado isto, fomos, então, perante eles, beijar a Cruz e despedimo-nos. E viemos comer.

Creio, Senhor, que com estes dois degredados que aqui ficam, ficam mais dois grumetes, que esta noite se saíram desta nau, no esquife, para terra, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui, porque de manhã, prezendo a Deus, fazemos daqui nossa partida.

Esta terra, Senhor, me parece que da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem 20 ou 25 léguas por costa. Traz, ao longo do mar, em algumas partes, grandes barreiras, algumas vermelhas, algumas brancas; e a terra por cima é toda plana e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia rasa, muito plana e bem formosa.

Pelo sertão, pareceu-nos do mar muito grande, porque a estender a vista não podíamos ver senão terra e arvoredos, parecendo-nos terra muito longa. Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro nem prata, nem nenhuma coisa de metal, nem de ferro; nem as vimos. Mas, a terra em si é muito boa de ares, tão frios e temperados, como os de Entre-Douro-e-Minho, porque, neste tempo de agora, assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas e infindas. De tal maneira é graciosa que, querendo aproveitá-la dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente; e esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza nela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter aqui esta pousada para esta navegação de Calecute, bastaria, quanto mais disposição para se cumprir nela e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, ou seja: acrescentamento da nossa Santa Fé.

E desta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza notícia do que nesta vossa terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, que o desejo que tinha de vos dizer tudo, me fez assim por pelo miúdo. Pois que, Senhor, é certo que, assim, neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa, que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser, por mim, muito bem servida. A Ela peço que, para me fazer singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé, Jorge de Osório, meu genro, o que d'Ela receberei em muita mercê. Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro da vossa ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1.500.

## Pero Vaz de Caminha

G	L	O	S	S	Á	R	I	O																																													
<b>Abrigada</b> - Lugar abrigado, perto da costa, para se fundear navios	<b>Albarrada</b> - Jarro de louça ou barro	<b>Alcatifa</b> - Tapete grande	<b>Alimária</b> - Animal irracional	<b>Aljaveira</b> - Planta litosperma cujas sementes parecem pequenas pérolas	<b>Aljofar</b> - Pérolas miúdas	<b>Almadia</b> - Embarcação estreita e pequena	<b>Almêijoas</b> - Espécie de marisco comestível	<b>Amainar</b> - Recolher as velas, parar a navegação, fundear	<b>Apaulada</b> - Pantanosa	<b>Arribar</b> - Avançar	<b>Barrete</b> - Gorro usado por marinheiros	<b>Batel</b> - Pequeno barco, canoa	<b>Berbigões</b> - Mariscos comestíveis	<b>Botelho</b> - Planta aquática	<b>Braças</b> - Medida de distância equivalente a 2,20 m	<b>Braga</b> - Calças largas e curtas	<b>Caçar</b> - Recolher as velas e cabos das embarcações	<b>Calecute</b> - Cidade indiana visitada por Vasco da Gama em 1499	<b>Carapuça</b> - Barrete, gorro, cobertura para a cabeça	<b>Cascavel</b> - Chocalho	<b>Castelo de xadrez</b> - Torre do jogo de xadrez	<b>Cerradinhas</b> - Fechadas, densas	<b>Cevadouro</b> - Lugar onde se põe isca para caçar, pescar	<b>Chantar</b> - Fincar no chão	<b>Chinchorro</b> - Espécie de rede de pesca	<b>Coto</b> - Medida antiga, do coto-velo à mão	<b>Coxim</b> - Almofada grande	<b>Curado</b> - Sadio, sarado	<b>Degredado</b> - Condenado	<b>Espelho</b> - Tampa de odres de couro que serviam de frasco	<b>Esquife</b> - Pequena embarcação	<b>Fanada</b> - Aparada, cortada	<b>Farteis</b> - Doce, bolos	<b>Feto</b> - Folha de samambaia filifolha	<b>Folgar</b> - Divertir-se, brincar	<b>Fura-bucho</b> - Ave aquática	<b>Fuso</b> - Instrumento roliço utilizado em fiação ou tear	<b>Grumete</b> - Marinheiro de graduação inferior	<b>Légua</b> - Medida de distância, equivalente a seis quilômetros	<b>Louçania</b> - Elegância, garbo	<b>Manilhas</b> - Peça de adorno para os braços	<b>Marinhagem</b> - Arte de navegar	<b>Monteses</b> - Selvagens	<b>Nédio</b> - De pele lustrosa	<b>Singradura</b> - Navegação em linha reta	<b>Sombreiro</b> - Chapéu, cobertura para a cabeça	<b>Sobre-pente</b> - Por alto, de leve	<b>Solapa</b> - Parte do cabelo que cai sobre a testa e resto do crânio	<b>Tenção</b> - Intenção	<b>Tosquiados</b> - Cabelo cortado bem rente	<b>Toutiço</b> - Parte posterior da cabeça, nuca	<b>Vergonha</b> - Parte pudenda de homens e mulheres	<b>Vianda</b> - Alimento



*“Surge um novo tipo  
de preconceito: o lingüístico.*

*O que fazer para acabar com ele.*

*Surge nova polêmica na língua portuguesa.”*

# Como vencer o Preconceito lingüístico

ROMÁRIO SCHETTINO

O que fazer quando um comando paragramatical cruzar o caminho e ameaçar o jeito especial de falar e escrever do nativo nacional? Liberdade e criatividade para o léxico e a sintaxe do brasileiro! Pronto, está instalada a polêmica entre aqueles que defendem a necessidade de se preservar o uso da norma culta a todo custo e os que estão mais preocupados com a capacidade de comunicação (ler, falar e escrever) dos indivíduos, levando em conta, principalmente, as suas condições sociais e econômicas. A definição e a defesa de regras rígidas que pretendem dizer o que é certo ou errado ficam por conta do preconceito lingüístico, alimentado diariamente nos modernos sistemas de multimídia, na gramática normativa e nos livros didáticos.

O escritor Marcos Bagno entrou nesta guerra apontando suas armas (conceitos, teorias, pesquisas) contra o que resolveu chamar de “arsenal de livros, manuais de redação de empresas jornalísticas, programas de rádio e de televisão, colunas de jornal e de revista, CD-roms, consultórios lingüísticos por telefone e por aí afora”, ou seja, os comandos paragramaticais.

Enfim, uma saudável epidemia a que se refere o professor Arnaldo Niskier mas que, segundo Bagno, não tem nada de saudável, pelo menos enquanto “perpetuam velhas noções de que

brasileiro não sabe português e que português é muito difícil”.

Uma introdução a este tema é o que faz o pesquisador Marcos Bagno, no livro *Preconceito lingüístico*. Para entender o que significa cada uma dessas palavras, ou o conjunto delas, é preciso conhecê-las. Daí, a segunda afirmação de Bagno: *O que é, como se faz*.

O livro, de 130 páginas, publicado pelas Edições Loyola, é dividido em três partes: a mitologia do preconceito lingüístico, o círculo vicioso do preconceito e a sua desconstrução.

Desta forma, o autor fornece a base para o entendimento do que acontece com o povo brasileiro quando se fala em domínio da norma culta da língua portuguesa e sua relação com a autonomia política e econômica da nação, da sociedade como um todo.

Marcos Bagno começa por dizer que “tratar da língua é tratar de um tema político”. E explica: “Só existe língua se houver seres humanos que a falem. O homem é um animal político” (Aristóteles), portanto, a lingüística é uma atividade científica essencialmente politizada. E é exatamente isso, politizar a lingüística, o que vem fazendo o escritor, tradutor e estudioso Marcos Bagno, mineiro-brasiliense-recifense-paulista, um militante, a seu modo, das causas sociais.

Ao partir do princípio de que a língua é viva, o autor conclui que tudo aquilo que se contrapõe a esta condição está

morto. Por isso, a gramática e os gramáticos tradicionais são considerados por ele como "uma grande poça de água parada, um charco, um brejo, um igapó, à margem da língua". A língua é como um rio que se renova, enquanto a água do igapó, a gramática normativa, envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações. Com estas imagens Marcos Bagno constrói a diferença entre a dinâmica da língua/rio e o apego às normas/igapó da língua culta que são guardadas, preservadas e divulgadas de maneira conservadora, preconceituosa e prejudicial à vida social.

Para superar os preconceitos lingüísticos, o autor começa por lembrar, catalogar e dissecar alguns mitos consagrados: a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; brasileiro não sabe português, só em Portugal se fala bem; português é muito difícil; as pessoas sem instrução falam tudo errado; o lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão; o certo é falar assim porque se escreve assim; é preciso saber gramática para falar e escrever bem e, por fim, o domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.

Sustentar esses mitos, segundo Bagno, é sustentar todos os tipos de preconceito lingüístico de que se tem notícia, nocivos à auto-estima do povo, carregados de ideologia colonialista e imperialista, desrespeitoso e tudo o mais de ruim que uma pessoa dita "culto" possa fazer uso para dominar, humilhar a outra.

Dentre os mitos, há a corriqueira afirmação de que fala-se bem no Maranhão porque os maranhenses usam o pronome tu seguido das formas verbais terminadas em s: tu vais, tu queres, etc. Bagno acha isso uma bobagem porque "na maior parte do Brasil, devido à reorganização do sistema pronominal, o tu foi substituído há muito tempo por você". O tu é arcaico e, quando

é usado, vira terceira pessoa, como no Rio, Pernambuco, Rio Grande do Sul: tu fica, tu vai, tu acha? Tu quer... Agora, o que ninguém diz é que esse mesmo maranhense é capaz de pronunciar a seguinte frase: "Esse é um bom livro para ti ler", em vez de "tu leres". Ou seja, Bagno aponta ainda que esse *ti* tem a mesma função do *mim* em outras regiões do Brasil quando precedido da preposição *para* e seguido do verbo no infinitivo: isso é para mim fazer. Tudo isso é para dizer que não há uma variedade regional melhor ou pior que a outra. "Toda variação atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam", afirma Marcos Bagno.

O autor do livro descreve a existência de um círculo vicioso do preconceito lingüístico composto de três elementos: o ensino tradicional, a gramática tradicional e os livros didáticos. Na visão de Bagno, isso funciona assim, "a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores, fechando o círculo, recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias

sobre a língua". A maneira como o ensino é administrado tem sido estudada pelo Ministério da Educação e em textos oficiais admite-se que há "muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades-padrão e ao estigma associado às variedades não-padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são imediatamente reconhecidas e, quando são, são objeto de avaliação negativa..."

Da mesma forma que alguns preconceitos (de raça, de gênero, de sexo) passam despercebidos pela extrema regularidade com que são praticados, o lingüístico também resiste ao combate. É preciso reconhecer, entretanto, a efetividade dos movimentos negro, da mulher e dos homossexuais no combate aos preconceitos específicos. Mas a verdade é que poucas pessoas se dão conta de que estão sendo perigosamente preconceituosas quando reafirmam que a língua falada aqui "é toda errada", que "brasileiro não sabe português", etc.

É por isso que Marcos Bagno faz a seguinte pergunta: se a existência do preconceito é reconhecida, inclusive, pela autoridade máxima da educação, por que o círculo continua girando? A resposta: é porque os comandos paragramaticais estão funcionando a todo vapor com um arsenal invejável e com uma milícia bem preparada, bem posicionada no mercado editorial, pelo menos.

Bagno cita o professor Napoleão Mendes de Almeida, falecido em 1998, como o papa desta militância perversa. Este Napoleão, considerado "defensor intransigente da língua", foi



capaz de escrever num *Dicionário de questões vernáculas*, de 600 páginas, coisas do tipo: "Os delinquentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico 'quem faz a língua é o povo' verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário... cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores de nosso vocabulário".

Bagno fica horrorizado: "Cozinheiras, babás, engraxates... no mesmo nível que trombadinhas, vagabundos e criminosos". Um disparate! Mas não é tudo, tem mais. Para Napoleão, a literatura brasileira morreu com Machado de Assis, tudo que veio com o Modernismo e a modernidade é desprezível. Carlos Drummond de Andrade, nem pensar. Napoleão o condenou aos infernos só porque trocou o verbo **haver** pelo **ter** no verso "No meio do caminho tinha uma pedra".

Consideremos este Napoleão um ilustre desconhecido e inexpressivo. Mas, e os outros citados por Bagno? Há um Luiz Antonio Sacconi que escreveu o livro *Não erre mais!*, um verdadeiro best-seller, que já está na 23ª edição, com 420 páginas! Para a alegria de seu editor. Segundo ele, um festival de besteiras que é consumido com todo o tipo de preconceito lingüístico, político, social.

Eis algumas de suas pérolas:

"Costumo dizer que algarismo romano é como vizinho: devemos evitá-lo tanto quanto possível".

"Na Bahia, porém, na sempre formidável Bahia, as pessoas se acordam. O mais interessante é que se acordam e vão direto à praia".

"Hoje em dia existem pessoas que fazem curso superior em greves, formam-se no assunto e mostram-se tão competentes no ofício que decidem em nome de toda a classe que representam: pela continuidade da greve!"

"Recentemente, todavia, um comentarista de futebol, membro do PT, corintiano, resolveu dizer, no ar, mais asneiras do que comumente diz sobre aquilo que diz entender: futebol".

E por aí vai. Parece mais um livro de piadas, de mau gosto, claro. Mas o problema, segundo Bagno, se estende à imprensa. Ele destacou uma coluna da professora Dad Squarisi, que escreve no "Correio Braziliense" as *Dicas de Português*, e analisou. É preciso reconhecer a capacidade da professora Dad e a utilidade dela no resultado final do jornal em que trabalha.

Coincidência ou não, Bagno escolheu aquela publicada em 22.6.96, e republicada no "Diário de Pernambuco" em 15.11.98, referindo-se à viagem do presidente Fernando Henrique Cardoso a Portugal, quando acusou os brasileiros de serem todos caipiras. O texto, com o título *Português ou Caipirês?*, foi motivo de uma avaliação rigorosa e nada lisonjeira.

Bagno radicalizou na crítica, não aceitou sequer o tom irônico utilizado pela autora para falar do espírito capiau do brasileiro e de uma certa "iluminação" do presidente. O texto de Bagno aponta todos os preconceitos praticados pela autora da coluna contra o povo brasileiro. As ironias têm esse defeito, quando não muito explicitadas, geram mais confusão do que esclarecimento. Problemas políticos à parte, o debate esquenta quando Bagno entra na questão gramatical.

Dad afirma que o brasileiro, caipira, jeca-tatu, capiau, matuto, "sem nenhum compromisso com a gramática portuguesa... não faz concordância em frases como *Vende-se carros*". Bagno sobe nas tamancas, mata a cobra e mostra o pau: "A questão da partícula *se* em enunciados do tipo *vende-se casas* vem sendo investigada há muito tempo nos estudos gramaticais e lingüísticos brasileiros. O que todos os estudiosos concluem é que, na língua falada no Brasil, no português brasileiro, ocorreu uma reanálise sintática nesse tipo de enunciado, isto é, o falante brasileiro não considera mais esses enunciados como orações passivas sintéticas. O que a gramática normativa insiste em classificar como sujeito, a gramática intuitiva do brasileiro interpreta como objeto direto".

Marcos Bagno informa ainda que os lingüistas Manuel Said Ali, Antenor Nascentes e Joaquim Mattoso Camara Jr. reconhecem o fenômeno, e que em todas as classes sociais o brasileiro escreve o verbo no singular e põe o

substantivo no plural. Está consagrado. Ele mostra também que em Portugal os anúncios de jornais expõem este mesmo "defeito" gramatical. Há outras explicações, mas é preciso recorrer ao livro.

E agora, quem tem razão? Bagno quer dizer, com esse exemplo, que as normas cultas são variáveis e mudam de acordo com o uso da língua. A rigidez na defesa de certos dogmas pode não apenas reforçar preconceitos como expor os especialistas a uma situação indesejável.

O que fazer, então, para acabar com o preconceito lingüístico? Primeiro, de acordo com Bagno, é preciso reconhecer a crise existente no ensino da língua portuguesa. Muitos professores já estão recorrendo a outras fontes além da gramática. Depois, é preciso admitir que a norma culta, por razões de ordem política, econômica, social, cultural, é um bem reservado a poucas pessoas no Brasil.

Depois, tomada a consciência, deve-se mudar de atitude. Marcos Bagno propõe que cada um precisa elevar o grau da própria auto-estima lingüística: recusar veementemente os velhos argumentos que visem menosprezar o saber lingüístico individual; parar de acreditar que brasileiro não sabe português; recusar todas as afirmações preconceituosas, autoritárias e intolerantes emanadas dos já conhecidos comandos paragramaticais, utilizar-se apenas das informações úteis.

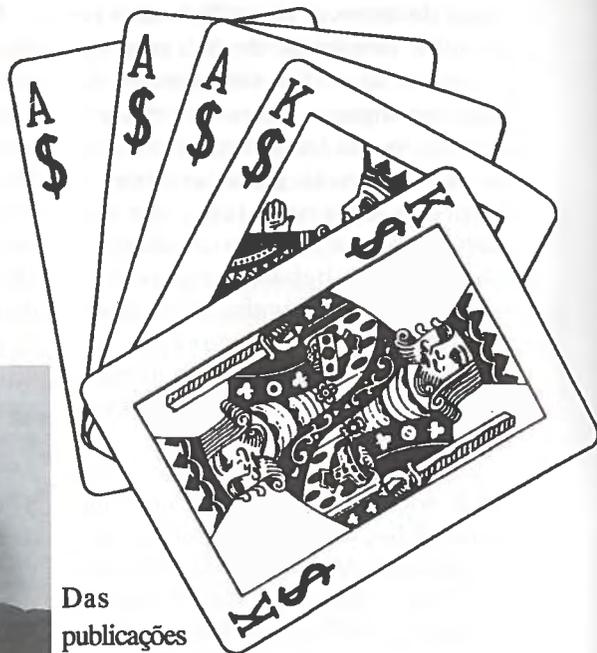
O brasileiro não será mais o mesmo depois que tomar conhecimento destas verdadeiras dicas de português. O livro chama a atenção para um aspecto muito pouco lembrado nos debates: o uso da língua como elemento de dominação das classes mais ricas (letradas) sobre as mais pobres (analfabetas). E mais, alerta para a utilização do conhecimento como forma de menosprezar e subjugar vastos contingentes populacionais. Nossos mestres da língua portuguesa precisam ler *Preconceito lingüístico* e *A língua de Eulália*, novela sociolingüística, do mesmo autor, cheios de reflexões humanistas sobre o povo brasileiro e sua língua pátria.

#### SERVICO

**Preconceito lingüístico. O que é, como se faz.** Marcos Bagno. Edições Loyola, São Paulo. 135 páginas. Aquisição pelo e-mail: [loyola@ibm.net](mailto:loyola@ibm.net)

# Pôquer

e C r ô n i c a s



Márcio Cotrim. Escritor? Jogador? Cronista. Quem o conhece certamente não discordaria de pelo menos uma característica. Cotrim é um homem de muitas paixões. Entre tantas, duas se destacam. Uma delas é o pôquer, que ele joga fielmente há 25 anos, em campeonatos organizados por ele mesmo e alguns amigos. Outra, e esta vem acima de tudo, são as crônicas, escritas a partir do inesperado ou do excêntrico. “São flagrantes do cotidiano, relatados sempre com otimismo e bom humor”, define.

E o volume dessas crônicas é tão grande que só de publicações no “Correio Braziliense”, todos os domingos, há 16 anos, são quase mil. As últimas, cerca de 70, foram publicadas em livro, em abril, pela Editora Arte Capital, em parceria com a Verano. É o oitavo livro de Márcio Cotrim. O título *Tambores e clarins* é o mesmo de uma de suas crônicas, criada a partir da história de um escritor norte-americano atormentado pelo vizinho, que todos os dias pede sugestões de título para seu primeiro livro.

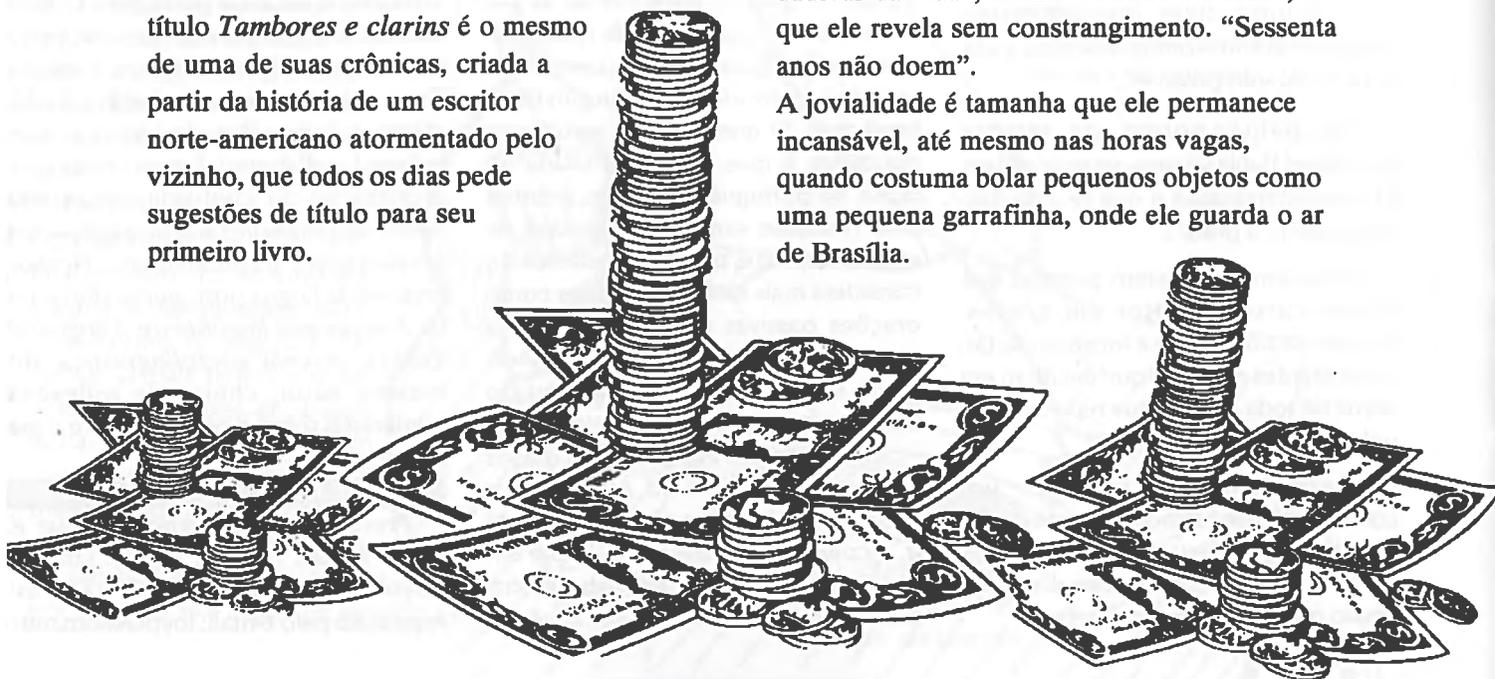


Das publicações anteriores, vale destacar *O perfil do monstro*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, em 1991, e *Miolo de pão*, que traz frases e idéias de pessoas famosas. Os outros cinco são de

crônicas. “Escrever para mim é vital”, garante. Tão vital que, embora tenha se formado em Direito no Rio de Janeiro, onde nasceu, nunca exerceu a profissão. Desde que chegou a Brasília, em 1972, trabalhou como jornalista. Foi também secretário de Cultura do Distrito Federal.

Cotrim é hoje diretor executivo da Fundação Assis Chateaubriand. “O trabalho é uma das dádivas da vida”, afirma. A outra é a idade, que ele revela sem constrangimento. “Sessenta anos não doem”.

A jovialidade é tamanha que ele permanece incansável, até mesmo nas horas vagas, quando costuma bolar pequenos objetos como uma pequena garrafinha, onde ele guarda o ar de Brasília.





*Lílian Diniz interpretou monólogos e canções de Cazuzza*

# Escritores



*Diversos poetas como Marta Peres (foto) declamaram seus versos na sessão*

## Homenageados na Câmara Legislativa

Em movimentada sessão, a Câmara Legislativa comemorou, na manhã de 19 de abril, o 20º aniversário do Sindicato dos Escritores do DF e o Dia Mundial do Livro. A homenagem foi proposta pela deputada Lúcia Carvalho (PT), que disse ser surpreendente o fato de que, num cenário tão adverso, tenham surgido tantas pessoas que se dedicam à cultura.

Escritores, poetas, músicos e políticos participaram da solenidade, entremeada de intervenções artísticas. A primeira delas foi feita por Lílian Diniz, que apresentou monólogos e canções de Cazuzza para res-

*Amargedon  
homenageou grandes  
autores brasileiros  
com um poema  
dedicado à  
língua portuguesa*



## Guimã-rosa

Língua! Por(tu)guesa errante

Lusídica rosa personalizada

Experimentalizo la langue

Nas ancas filo-lógicas do verso

Contrapasso-lhe no umbigo:

Baianauta barroco Gregório

Riobaldorim Casmurro Borba

Policarpideiro Caminha Drummond

Matias Aires, Bernardim Vieira

Machado! Motor-serra textual

Álvaro Ricardo Alberto metalingual.

Santa Cecília cancioneira

Murilo, Jorges, Sousândrade

Andrades, Campos, Bandeiras,

Serafim Ponte Grande Mira o Mar

Guimã-Rosa do Povo: Bossa Nova: Tropicália.

Cobra Cabral Macunaíma... Lima Barreto Jobim...

Rosa de Hiroshima.

Rosa das Minas.

Embaixador do Ser Tao.

**AMARGEDON**

salvar a importância do conhecimento e do aprendizado.

**Palmatória** – O deputado Jorge Cauhy, representando seu partido, o PMDB, disse que estudou pouco, mas quando o fez foi “sob o trauma da palmatória”. Sua principal escola, segundo ele, foi a vida.

Também o deputado Pastor Aginaldo de Jesus (PFL) contou que os livros onde estudou não foram de papel, e sim as cabeças brancas de seus pais, onde recolheu a experiência e os ensinamentos pelos quais sempre se pautou.

Recitando os versos de “Irene”, de Manuel Bandeira, o deputado Rodrigo Rollemberg (PSB) falou da paixão contagiante de seu pai por Bandeira e outros poetas, e das reuniões familiares que ele fazia para passar aos filhos o amor aos livros.

**Coletivo de Poetas** – Diversos poetas presentes à sessão declamaram seus versos ou os de autores brasileiros. Entre eles, o ex-senador Áureo Melo, Giselda Moura, José Prates, Luís Turiba, Newton Rossi, Maria Luiza Mattos Marques e Bic Prado.

Durante a sessão seria feito o lançamento do CD com o Hino Oficial de Brasília, de autoria da compositora Neusa França, mas o evento foi adiado em razão do atraso na remessa de mil discos encomendados para distribuição às escolas e órgãos públicos.

Presentes à sessão, entre outros convidados, o presidente do Sindicato dos Escritores de Brasília, Gustavo Amargedon, que dividiu com Lúcia Carvalho a idéia de realização da sessão.

## CLAMOR

NEWTON ROSSI

Brasil dos sonhos de outrora,  
 Dos desenganos de agora,  
 Onde está o teu valor?  
 Desfralda o verde pendão  
 Que o pulsar do coração  
 Vai ser o grande clamor.

As esperanças perdidas,  
 As crianças esquecidas,  
 Os velhos abandonados.  
 Oh! Brasil dos excluídos,  
 Ninguém ouve os teus gemidos  
 Na dor dos desempregados.

Riquezas espoliadas  
 Em vergonhosas jogadas  
 Favorecendo os banqueiros.  
 Os salários congelados,  
 Cobram dos aposentados  
 Para dar aos estrangeiros.

Sobe o juro... sobe o imposto...  
 Aumenta mais o desgosto  
 E o desencanto é geral.  
 Não existe mais civismo  
 E o nosso capitalismo...  
 Já não tem mais capital.

Venderam tudo por nada,  
 Nossa dívida aumentada,  
 E a nossa reputação?...  
 Um Congresso acovardado,  
 Com o seu plenário calado,  
 Sem força e sem reação.

Uma Justiça morosa,  
 Que é muito dispendiosa,  
 Pelo pouco que produz.  
 Voltamos à escravidão,  
 Vivemos na escuridão  
 Sem esperança... sem luz.

Chega de tanto sofrer,  
 Um povo para viver,  
 Tem que ser alimentado  
 De corpo, de alma e da mente,  
 Tem que ser forte e valente  
 Para não ser humilhado.

Que a corda de Tiradentes,  
 Acorde os inconfidentes,  
 Salvando a soberania.  
 Brasil, desvenda a verdade,  
 Reconquista a liberdade,  
 Antes que seja tardia.

# Lúcio Costa, para sempre



**JOSÉ PRATES**

Neste momento em que abres todas as janelas  
Rumo ao Círculo de Fídias, Le Corbeau e JK  
Sua viagem às estrelas, já que és uma delas,  
Eu começo a compreender e ensaio desenhar.

Desta majestosa Brasília que criaste com esplendor  
Fico imaginando a trajetória de tua vida privilegiada  
Um gesto próprio dos espíritos da Casa do Senhor  
Sempre a serviço da beleza mais pura e iluminada.

Imagino, pleno de cores, um coração que arde  
Tua contestação, inteligente e corajosa, ao formal  
A associação de teu traço e memória à liberdade  
Do esquema primário à evolução, sempre genial.

Sentindo-me parte da fantasia, a linda realidade,  
Também sinto-me "bem maior que o sonho"  
Privilegiado por viver nesta encantadora cidade  
Onde cada tarde é fulgor, cada alvorecer, risonho.

Lúcio, lúcido, mestre, gênio, eterno sonhador  
Eu te agradeço por fazer, com Oscar e Juscelino,  
Para nossos filhos, este espaço belo e acolhedor  
E realizar, para eles, o que sonhei, quando menino.

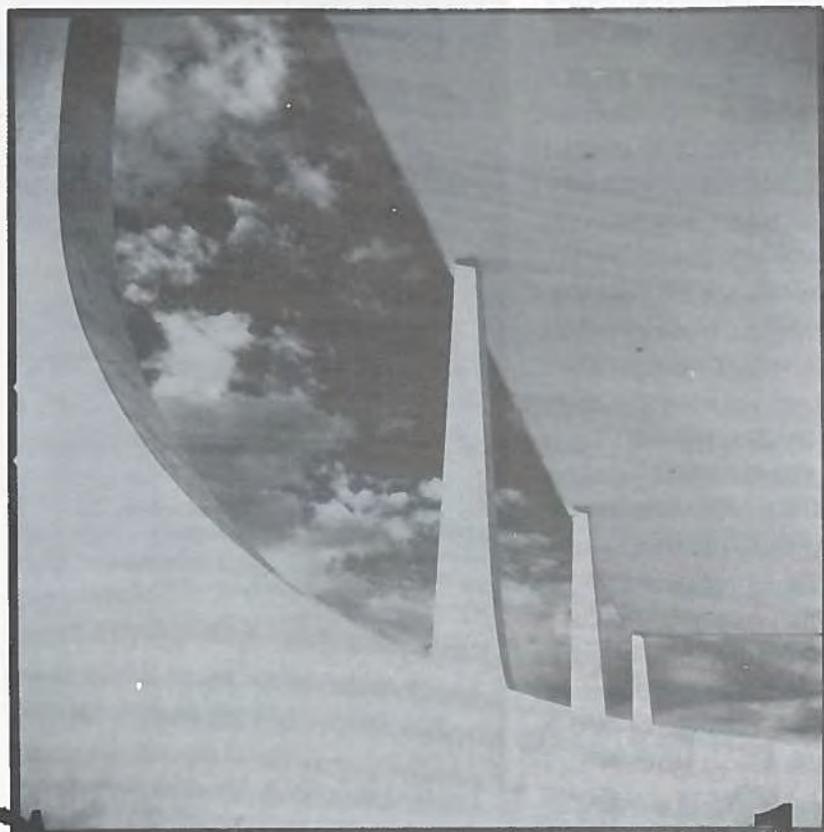
Agradeço-te por revisitar Brasília, de outras vidas  
Daquele Círculo de Estrelas, urbe da maravilha.  
A quem a desrespeita, mandando cartas atrevidas  
E aconselhando-a como quem o faz a uma filha.

Sofrendo, por saber que ainda deve-se lutar  
Contra uma realidade, que dificulta e impede  
Que ela seja mais bela que hoje expressa e se mede  
Pelas linhas curvas e retas de teu irmão Oscar.

Falaremos aos nossos filhos que a vimos nascer  
E ao embalarmos Brasília, renascíamos a cada dia  
Cuidando com carinho e orgulho, vendo-a crescer  
Fazendo e refazendo cada pedacinho com alegria.

Sempre que nos afastarmos dela por qualquer razão  
Diremos que o coração ficou saudoso de sua luz  
Que lemos cuidadosamente na palma da nossa mão  
O traço do mestre, o esquema simples do sinal da cruz.

Contaremos e cantaremos com deslumbramento  
Que inconclusa a entregaste dizendo: te abençoô!  
Exortando-nos a todos, para o acabamento:  
Sua alma livre, bela, justa, para o longo vôo...

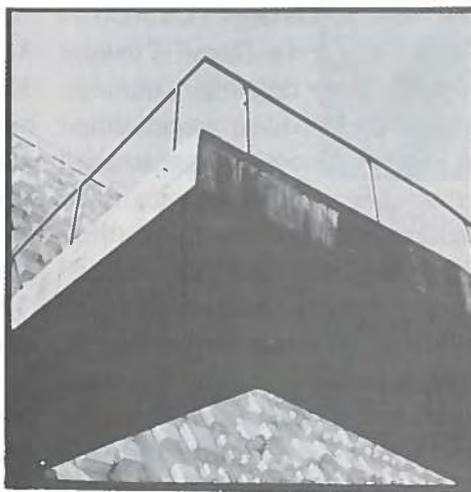


# O Cerrado

## e o Planalto Central

### Transfigurações

PAULO BERTRAN



Ensaio fotográfico  
de Rinaldo Morelli

**N**autas do Sertão. Até hoje alguns goianos, brasilienses primevos e tocantinenses antigos dizem coisas como “por lá navega a estrada”, “navega a serra do nascente ao poente”, expressões tatuadas na língua, que de alguma forma expressam da gesta quinhentista das grandes navegações. Arcaico nome para navegar-se os mares de ondulações do Planalto Central.

Brasil Central e Ocidental. O reino das montanhas sensuais com os corpos entremeados das mesetas retilíneas das chapadas – as savanas

brasileiras, ditas do cerrado, que são no entanto uma vegetação toda aberta – e cuja denominação vem de cerro, altitudes onde se mostra em todo seu suave e raro encanto.

Von Martius em 1820 denominou-o de “Regio Montano-Campestris”, o reino dos campos entre montanhas, cujas ninfas protetoras, na cabeça de Martius, eram as Oréades. Mais modernamente têm sido poeticamente denominados de jardins japoneses de bonsais e pedras, por figurarem muitas vezes, em sua tortuosidade e em seus campos rupestres, quase um cenário dos jardins zens. Estendem-se os cerrados como se fossem a coluna vertebral ambiental do continente: desde o Maranhão e Piauí, rompendo pelo centro de São Paulo e norte do Paraná. E todo o centro do Brasil, evidentemente.

As rochas sobre as quais se assentam são muito antigas, variando de um a quatro bilhões de anos, ou seja, na última marca, quase a idade de formação do planeta. Não há pois no Planalto Central as magníficas penedias da Serra do Mar e das montanhas centrais de Minas, pois a erosão de milhões de anos geológicos as arrasou em formas elípticas atenuadoras – que tanto inspiraram Niemeyer nos palácios de Brasília. São prolegômenos de luxúrias amorosas, do encontro, raro no país, do relevo aniquilado com os 180 graus do planisfério curvo.

O Sertão. Não aquele do semi-árido nordestino glorificado por Euclides da Cunha na Canudos das caatingas - mato branco em tupi - de tão rala a vegetação espinhosa que dá para ver o claro do chão por entre as urzes.

O Sertão Central e Ocidental é outro. É o do cerrado, muito diferente da caatinga. O sertão dos cerrados de João Guimarães Rosa, de Bernardo Élis, de Afonso Arinos (o velho), de Carmo Bernardes, de Cora Coralina e de Manoel de



“Agora conheço tua geografia  
a pele macia cidade menina  
teu sexo, teu lago, tua simetria  
até qualquer dia te amo Brasília.”

Alceu Valença

Barros. Uma biodiversidade florística pasmante, maior talvez do que a amazônica. Os botânicos modernos distinguem uma dúzia de fitofisionomias do cerrado. Os índios Caiapós, segundo Darell Posey, distinguem mais de vinte, variando desde a mata fechada (parecidíssima com a Mata Atlântica), até os campos abertos – primeiro nome por que se designavam os sertões do Distrito Federal nos anos de 1700 – onde árvore alguma sobrevive às queimadas, às vezes nem mesmo arbustos, e tão-somente as gramineas, que neste caso flocem da própria cinza, com indescritível variedade de formas e de cores. Completando o ciclo do fogo, o capim permanecia verde na seca,

mantendo, antigamente, grandes rebanhos de cervídeos... Território indígena de caça. E por isso, de índio caçador.

O cerrado, segundo o notável Ab'Saber, começou a formar-se há 35 milhões de anos e, para o botânico Mário Ferri, é a vegetação *mater* dos outros ecossistemas brasileiros. A Amazônia, por exemplo, constituía-se predominantemente de cerrados (ainda existem “ilhas” de savanas lá dentro). Só mudou depois da última deglaciação (cerca de 30-35 mil anos antes do presente), tendo-se derretido enormes geleiras nos continentes e na Antártica que fizeram subir as águas dos oceanos em 20 ou 30 metros, recuando a plataforma

continental brasileira, que se estendera antes por, às vezes, mais de 50 km, em relação à atual linha do litoral.

O principal beneficiário (?) foi o rio Amazonas, então estreito e raso, mas que pela verdadeira barragem de águas que lhe fez o oceano Atlântico na foz, ostenta hoje 90 metros de profundidade em frente a Manaus. O regime de chuvas mudou drasticamente. Surgiram os igarapés e a impressionante e frágil floresta amazônica, erguida sobre solos pobres, expulsou o cerrado de que se originava para os solos e climas mais escassos e secos do Brasil Central.

Não se conhecem os limites mais antigos da presença do homem no interior do Brasil. Talvez 30, 40 mil anos, a serem ainda confirmados nas escavações de São Raimundo Nonato, no Piauí. Mas na faixa de 10-12 mil anos atrás surgiram nos cerrados aquilo que chamo as "gerações douradas" (os arqueólogos chamam de tradição Itaparica), índios dotados de grande pendor artístico e artesanal, ocupantes sazonais de fantásticos abrigos pintados. Vão-se descobrindo seus indícios assim antigos em toda a savana brasileira. Não se estabeleceram, todavia, com exatidão, as conexões entre as "gerações douradas" e os índios Jês encontrados pelos bandeirantes e colonizadores do Brasil Central nos séculos de 1600 e 1700.

Era o império Jê, o império Tapuia do cerrado. Um índio bravo, eminentemente caçador, raramente seduzido pelos colonizadores, aos quais assediou ferozmente durante 50 anos de lutas. De língua, de etnia, de costumes diferentes dos Tupi-Guaranis do litoral brasileiro. Eram índios Goyases - de onde o nome do estado - os Crixás, os Acroás e outros, extintos. E reduzidas comunidades sobreviventes deles: os Caiapós e Xavantes confinados no Xingu, os Xerentes com reservas

em Tocantins, os Xacriabãs no norte de Minas, e os Carajás no vale do Araguaia.

Os Caiapós são notabilíssimos por plantarem cerrados na pré-amazônia paraense. Derrubam setores estéreis da floresta e, por meio do fogo e do plantio direto de espécies do cerrado, aos poucos recompõem a flora do meio ambiente do qual foram expulsos há 200 anos.

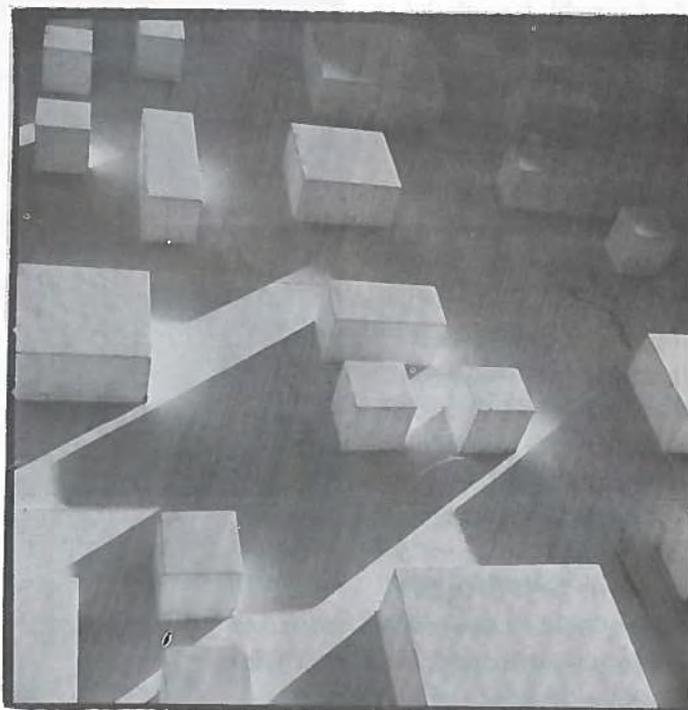
Já os Carajás atuais estão descaracterizados: envolveram-se muito com as comunidades mestiças do rio Araguaia. No passado, em seu médio curso, estiveram de tal forma encapsulados - durante, parece, uns mil anos - que nesse tempo desenvolveram línguas e costumes a tal ponto diferentes dos outros Jês, que velhos antropólogos os acreditavam de outra etnia. Antigamente, o homem e a mulher Carajá, cada qual falava uma linguagem sutilmente diferente, e no mato tinham caminhos diferentes para andar. Na preparação do ato sexual, a índia surrava bastante o índio antes de ir para a conjunção no mato... Estranho povo?

Mas eis que o cerratense primitivo eclipsou-se na história. Os bandeirantes paulistas vindos do sul e os padres jesuítas vindos do Grão-Pará incomodaram os indígenas do Araguaia/Tocantins, mas não deixaram marcas no território.

Estas vieram com os mineradores, com os ga-

rimpeiros donos de legiões de escravos. A conquista foi rapidíssima: Cuiabá (1719), Vila Boa de Goiás (1726), Pirenópolis (antiga Meia Ponte, 1731), Niquelândia (São José do Tocantins, 1735), Natividade-TO (1738), Paracatu - MG (1744), última grande mineração de Minas Gerais, já no cerrado. Eis que, em pouco mais de 20 anos em seus extremos, os cerrados auríferos de Goiás, Tocantins, os dois Mato Grosso, o Distrito Federal, o noroeste de Minas e o Triângulo Mineiro foram devassados e precariamente povoados...

Ao lado das minas de ouro instalam-se as sesmarias de fazendas. A capitania de São Paulo pariu seus filhos: nos livros dos notários da cidade bandeirante acotovelam-se, às vezes, de folha verso a reverso, sesmarias de Goiás às dos Campos



“O nosso sol era a cidade que todos nós íamos construindo, levantando, erguendo, e o sol já existia em nosso desejo e em nossa esperança.”

Juscelino Kubitschek

de Viamão, às do Cuiabá, às do noroeste paulista.

Em 1749 criam-se as capitanias de Goiás e do Mato Grosso. Fora a maior e mais rápida expansão territorial contínua da história da colonização luso-brasileira. Um terço do território nacional incorporara-se à coroa portuguesa e ao Estado do Brasil: 2 milhões de km<sup>2</sup> em uma vintena de anos! Houve depois, ao longo dos séculos 18 e 19, a descoberta de pequenos *placers* de ouro. Mas a última grande mineração de ouro do Brasil antigo foi a de Santa Luzia – atual Luziânia – em 1746, a pouca distância de Brasília. A mesma Santa Luzia que, em 1872, ganhava um primeiro prêmio na Exposição Internacional de Philadelphia - USA - pela excelência de seu doce de marmelo. A partir daí, caríssimas, suas caixinhas de marmelada – ainda hoje fabricadas em pequena escala – não podiam faltar nas melhores mesas da Corte Imperial e do Paço de Pedro II. O mesmo com a celebríssima cachaça de Paracatu e o fumo de rolo de Jaraguá de Goiás.

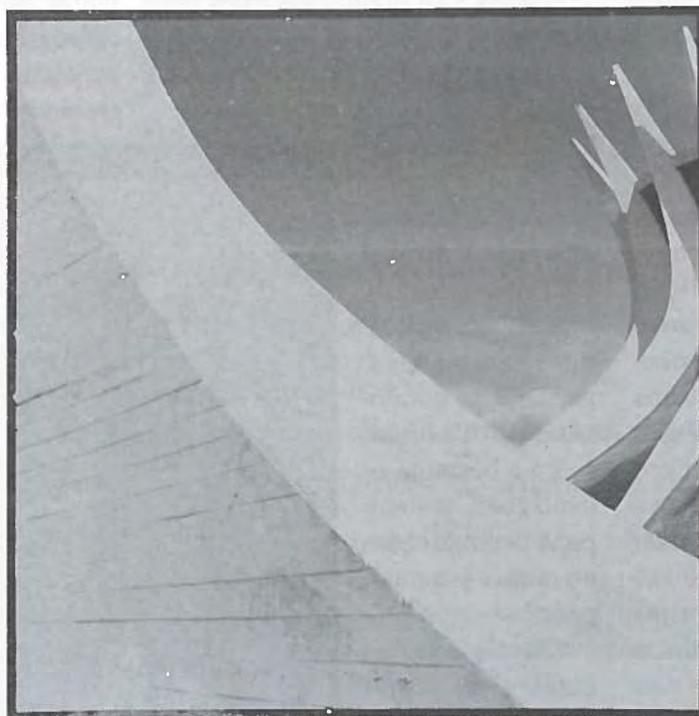
Arrebentara-se a linha de Tordesilhas entre a Espanha e Portugal.

Batida pelos fatos consumados, a Espanha conformava-se com as enormes perdas do Tratado de Madrid: o Brasil Central e Ocidental.

O ouro jorra menos de um século. Primeiro, exuberante, depois mornamente, depois raramente. Ainda em tempo do governo em Goiás do Barão de Mossâmedes (1772), ouvira o mandatário meia dúzia de óperas no giro que fizera pelos arraiais da Capitania. Em Mato Grosso, onde os diamantes recusavam-se a cessar, um governador

mais tardio e devasso ornamentou seu palácio do Guaporé – Vila Bela da Santíssima Trindade, fronteira com a Bolívia – com tetos pintados com motivos amorosos, sensuais. Contrabando do ouro português pela prata espanhola. Agora desaba o circo. Assim como o bandeirante paulista vai dar – Monteiro Lobato avisa – no Jeca Tatu pálido, o minerador empobrecido vai derramar no roceiro criador de porcos e galinhas, às vezes no criador de gado, às vezes no negociante ocioso deitado sobre o balcão de um comércio desalentado.

Desmoronam-se outrora belos povoados: São Félix, Traíras, Anta...



“*Brasília nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz.*”

Lúcio Costa

Outros adelçam-se em míseras magrezas. A capital Vila Boa de Goiás não cresceu um palmo em um século. Vila Bela do Mato Grosso encolheu tanto que mudaram a capital para Cuiabá: nem o contrabando rendia mais.

A sócio-economia da mineração cedera para a nova vida rural. A enxada e a foice ocupam o lugar dos velhos ferros dos varejões, almocafres e marretas, rasgadores dos filões de ouro.

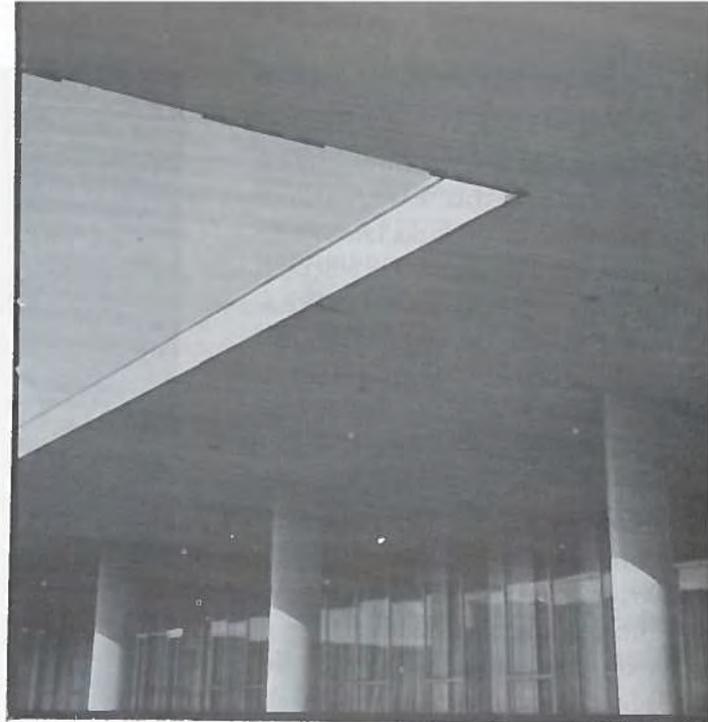
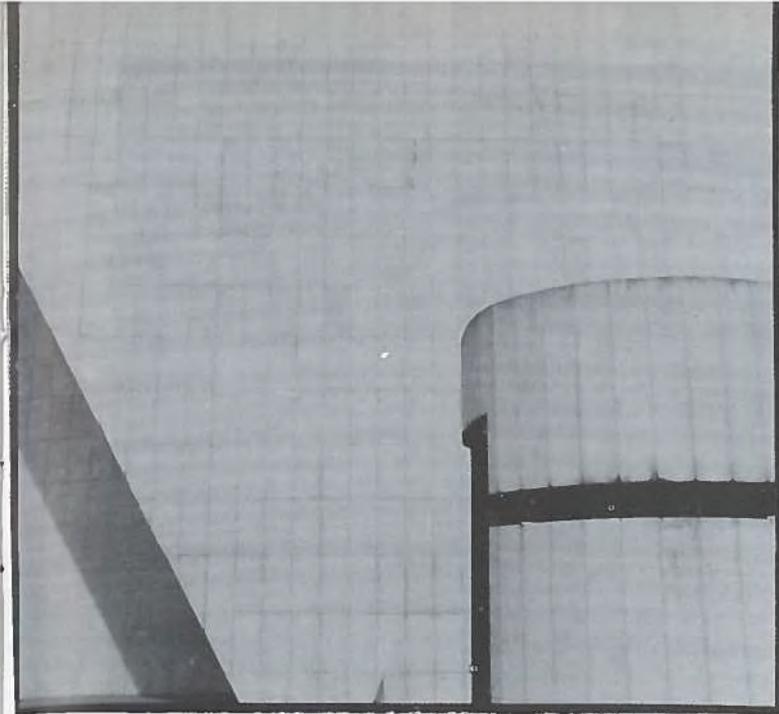
Na lavra do riacho aurífero agora brota milho, algodão, cana, banana, a mamona para o óleo de iluminação.

A escravaria míngua – é cara – trabalha e sofre mais do que no tempo do ouro, quando o senhor avaro e empobrecido, soltava livre o escravo pelos córregos, vendia-lhe a liberdade a prestação, a troco de uma oitava de metal na semana. Uma aliança de ouro delgada, de metal escasso.

No fim vai-se o escravo e o dinheiro e o crédito para comprar outros.

Move-se a máquina cruel e ardilosa do patriarcalismo. O casal fornicava não mais de prazer. De necessidade sim: 10,15 filhos plantados para cuidar das futuras roças e da precoce aposentadoria do fazendeiro, que talvez ainda sonhasse – pompa pobre – com o título de alferes da Guarda Nacional do Império do Brasil. E a mulher transfigura-se em matriarca quase à maneira turca, de porta adentro a economia doméstica, senhora dos filhos, genros e noras...

Os que além de fazenda tinham vulto no comércio tropeiro sertanejo, esses vestiam os mantos de Comendadores Imperiais da Ordem de Cristo, da Ordem da Rosa...



**“Eu enxergava dentro das profundezas das montanhas e das reentrâncias das planícies. Tinha sob os olhos as riquezas incomparáveis desses países, as quais um dia serão descobertas.”**

Dom Bosco

Enquanto seus primos pobres nas roças proliferavam e a cada geração - nas heranças - eram menores as terras, mais pobres as lavouras, maior o número de filhos servis e prolíficos, em busca da linha da miséria absoluta.

Antes porém que a pobreza relativa a tudo inundasse, houve famílias que tentaram novos ares.

Tão só da arruinada Vila de N. Sra. do Pilar de Goiás - reduto de famílias paulistas - já na escassez dos engenhos de cana, já de muito esquecido o ouro, passaram-se para o Mato Grosso os Dutras, onde nasceu o futuro presidente da República, Eurico Gaspar Dutra. Da mesma Pilar o P<sup>e</sup> Bernardo Cardoso, bisneto do Anhangüera, tendo adestrado na caligrafia o filho tido com uma negra do povoado, envia Manoel com recomendação ao Bispo, que o empregasse de amanuense ou escrivão nos cartórios de Goiás. Era Manoel Cardoso de Oliveira, trisavô do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Ao tempo, um tronco goiano dos Fleury Curado enviava para além do Rio Grande os primeiros Fleurys de São Paulo. Paracatu, princesinha dos cerrados de Guimarães Rosa, desde há tempos exportava Mello Francos para Coimbra e o Rio de Janeiro...

O homem do cerrado, se culto e ilustrado, solto no mundo, vira, ou bem o cão chupando manga, ou bem o gato das botas de sete léguas. Viu-se esse recentíssimo Henrique Meirelles, presidente mundial do Bank of Boston? De lá mesmo de onde nasci: Santana das Antas, vulgarmente Anápolis - Goiás.

Vide na República Velha, Mato Grosso exportando Murtinho e Goiás exportando Bulhões, os mais longevos ministros da Fazenda da História do Brasil em razão da sua miserabilidade. Um sucedendo ao outro: homens do cerrado vestidos de fraque. A moderação pobre do Sertão Ocidental controlando com mesquinhasias os cadeados do Tesouro Nacional.

Que se danasse a República, mas não o poder de compra de sua

economia. Endividamentos públicos proibidos. Câmbio fixo, salários fixos.

Mimético com o solo pobre, a economia frugal do cerratense desenvolve o talento dos cálculos financeiros. Toda a República Velha assenta-se naqueles dois duradouros ministros da Fazenda.

Isolado no fundo do país, limitado pelas distâncias e pelas próprias carências do cerrado, o seu homem criara uma cultura material que não diferia muito da indígena. Trabalhava quando devia e quando as chuvas, regradas, o mandavam para o eito da roça, indispensável no sobreviver. Depois trabalhava quando queria.

No cavalo ajaezado saía para os pousos de uma dezena de Folias do Divino Espírito Santo, engrossava as caravanas das romarias de Muquém, Barro Preto e Água Suja.

Se conduzindo tropa comercial ou boiada lá ia também fecundando as donas do sertão. Casamento? Sim: "casado é quem casa com fé"...

As sacudidas e ruidosas festas dos

santos padroeiros. Festeiros sim. Rezadores, em horas de aflição. Um bispo de Goiás, tridentino roxo, quis acabar com festas e romarias. Expulsaram-no da prelazia. Daí talvez a permanência daquelas tradições populares coloniais. A funérea Semana Santa de Goiás Velho, tirada de um quadro de Hyeronimus Bosch. As Cavalhadas de várias cidades históricas - Pirenópolis, Corumbá, Jaraguá - tiradas de alguma liça medieval da reconquista de Portugal aos mouros.

Novos tempos no Planalto Central. A Primeira Guerra Mundial trouxe a ferrovia. Espalham-se estradas de rodagem pelas áreas mais povoadas. Afluem milhares de migrantes, do Brasil e do exterior.

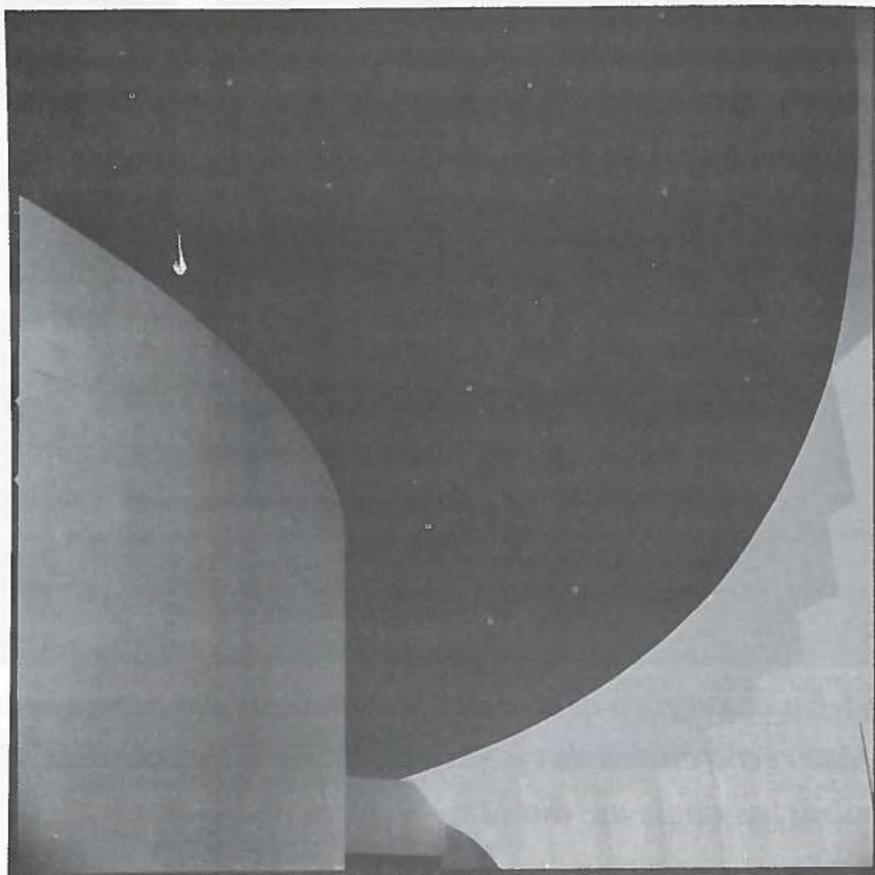
Revolução de 1930, Estado Novo ditatorial. O Dr. Pedro Ludovico Teixeira - o homem que nunca riu - em ato de força muda a capital da bicentenária Cidade de Goiás para a Goiânia *art-nouveau*. A capital do Anhangüera passa a designar-se pejorativamente "Goiás Velho".

Sucumbem as poucas terras de cultura do Planalto Central. Durante uma escassa geração, até o esgotamento do solo, foi o celeiro de grãos do país. Depois só restaram as invernadas e terras das glórias bovinas: reino do zebu, do gir, do nelore. À custa de muita adubação e defensivos as chapadas do cerrado tornaram-se, mais modernamente, intermináveis sojais. Os rios e córregos mínguem. O cerrado se extingue.

Marcha para o Oeste, aponta o dedo de Vargas. Milhares de pessoas mal alojadas na puta pátria-mãe abalam-se. Dezenas de povoados, futuras cidades, salpicam no mapa escassamente povoado.

Segunda Guerra Mundial. Goiás exporta níquel para o III Reich. Tocantins, cristais de rocha para os aliados, até que uns navios brasileiros vão a pique, atingidos por mísseis alemães.

Acaba a guerra, cai Vargas. Velhos



“Céu de Brasília,  
traço do arquiteto,  
gosto tanto dela assim.”

militares entendidos em geopolítica coçam as dragonas: desde a Inconfidência Mineira, o cônego Luís Vieira lembrava de quando o pirata Dugay Trouin tomou e saqueou o Rio de Janeiro e instava com os companheiros de infortúnio pela interiorização da capital do país.

Em 1892 um dos primeiros ditames da recém-editada Constituição da República foi mandar uma Comissão Científica ao Planalto para demarcar o futuro Distrito Federal.

E agora, perguntavam-se os velhos militares - pasmos com a possante máquina de destruição emergida da Segunda Guerra - que defesas tinha o Rio de Janeiro ou qualquer cidade litorânea para defender-se contra porta-aviões, submarinos, *destroyers*? Por acaso o Forte de Copacabana, obsoleto

desde o dia em que se inaugurou na baía de Guanabara?

Mandam continuar os estudos para a mudança da capital, na esperança da viragem dos ventos da História, nublados...

Houve então quem os entendeu, o homem talhado para estadista. Nonô Pé de Valsa, para os simpatizantes. Juscelino Kubitschek de Oliveira, mineiro risonho da musical Diamantina - pelo norte de seus cerros - quase o portal onde começavam o cerrado e o Sertão Ocidental. JK não tinha medo de sertão nem de distâncias. E afinal, aviões e automóveis existiam para quê?

O homem, com sua testada e eficiente equipe nos governos de Belo Horizonte e Minas, arregaça as mangas, monta um esquema paralelo - que lhe permite governar sem ser tolhido pelo próprio Estado que presidia - sacode o país todo. Pela primeira vez em 450 anos de História, o Brasil veria sua face obscura, a vastidão de seu corpo ondulado nos chapadões centrais, um frêmito vigorante de identidade de Nação.

É possível que nunca antes, em toda a história da humanidade – em exíguos cinco anos – jamais tenha existido uma ação tão fulminante quanto a construção de Brasília. E seguramente, na história brasileira, não houve.

Chama Oscar Niemeyer, dá-lhe carta branca. Oscar, o primeiro gênio – talvez o único – da escultura arquitetural curvilínea entra em transe. Os cânones gregos voam para o espaço. Desenha loucuras. Mostra para o engenheiro calculista Joaquim Cardozo, talvez tão ou mais gênio do que ele. – Funciona, Joaquim? Não cai? E Joaquim Cardozo, que também era excelente poeta, varava as noites na régua de cálculo. Surgiram os palácios esculturais e a mais bela praça – conquanto em escala não humana – que a arquitetura de século XX legará ao futuro da História da Arte – aquela dos Três Poderes.

Dizem que se o xerife geral da obra, Israel Pinheiro, levasse a JK algum empecilho de monta, respondia-lhe: – Façamos o supérfluo. O essencial alguém terá que fazer um dia...

Cuidava porém dos detalhes. Convidou o maestro Antônio Carlos Jobim e o poeta Vinícius de Moraes para se hospedarem no seu palácio de tábuas de Brasília – o Catetinho – enviou-lhes uma caixa de *scotch whisky* e a encomenda de comporem uma sinfonia para a nova capital. A sinfonia, sofrível. Talvez fosse ruim o *whisky*?

Convidou, no mundo inteiro, intelectuais e políticos, os mais importantes da época, para visitar as obras. Durante cinco anos a imprensa nacional não falou senão de Brasília. Os miseráveis funcionários federais que quisessem vir para a nova capital ganhariam em dobro – a famosa “dobradinha” – e ainda moradia de graça...

São Paulo chiava? Acostou-lhe ao pólo industrial as montadoras estrangeiras de automóveis. A

“A nova capital abre novos horizontes à pátria, desvenda as nossas inexploradas riquezas, integra o Brasil em si mesmo.”  
Ernesto Silva

bancada nordestina estrilava? Encheu-lhes as indústrias açucareiras de incentivos...

Nonô tinha ao seu lado o povo brasileiro, curioso de ver no que ia dar tamanho rebuliço nacional. No asfalto novinho das azuis estradas brasileiras, pela primeira vez as classes médias passeavam em lindos carros Alfa-Romeo, de *design* italiano, no popular fusquinha ou nos DKW alemães, todos “made in Brazil”.

Constatados os poderes de JK, sua sedução, sua obsessão incoercível de inaugurar Brasília em 21 de abril de 1960, o Rio de Janeiro ainda deu uns vagidos de dor, lambeu seus palácios decadentes, deitou seus biquínis no novo bairro de Ipanema, relaxou, gozou. Era a Cidade Maravilhosa, universalmente reconhecida.

Enquanto isso Israel Pinheiro, com punho de ferro, erguia Brasília. E um outro herói olímpico, como um deus grego – engenheiro Bernardo Sayão – tomou de peito rasgar a estrada decisiva daquela nova brasilidade: a da Belém amazônica à Brasília cerratense – aquela que já do há muito esquecido Tratado de Tordesilhas – trilhava justo sua coordenada, como que de vingança histórica...

Mas foi a floresta que se vingou. Uma gigantesca árvore, boida em suas raízes pelos tratores, caiu sobre a tenda de Sayão, arrebentou-lhe o corpo, matou-o. No outro dia, Brasília inteira acompanhou-lhe o

féretro e, soçobrada em lágrimas, inaugurou o Campo da Esperança, a necrópole brasiliense. Recentemente, segundo notícia de jornal, zeladores do cemitério, ao reconstruir seu túmulo, teriam encontrado o corpo incorrupto, por certo pelo formol que lhe injetaram em Belém.

Termina aqui a Brasília que chamaria de heróica, de empolgante, de catártica, o fato digno de menção especial na história moderna do Brasil. Homens do campo do país inteiro transformaram-se, em um passe de mágica, em peões da construção civil. No auge das obras, havia dias de 170 internações por acidentes no canteiro formigante.

Brasília, Planalto Central, capital da Nação e do cerrado. O que há de brotar aqui?

Já se sabe, não é a síntese do Brasil, nem em matéria de etnias ou de culturas. É outra coisa muito diferente, dilacerada nas quadras inorgânicas do seu displicente urbanista. Dilacerada por distantes bairros periféricos igualmente obtusos, mas já detectado seu sotaque próprio desde os anos de 1970, segundo o estudo de uma filóloga brasiliense.

Mas, sabe-se, Brasília cria-se e inventa-se. Podem morrer as flores loucas do cerrado – mas não morrerão suas figuras estéticas. Adotaram aqui os luais havaianos – festas nas luas cheias, à beira dos gramados e piscinas de Brasília. A gente que habita Brasília permanentemente pouco tem a ver com os poderes federais, que de cinco em cinco anos passam por lá sem deixar saudades.

Inventam Brasília descosida aquelas moças e moços que estudam literatura brasileira em um *studio* do tipo de Saigon, lufando nos ares padrões florados das ilhas de Madeira, antigo vestibulo do paraíso em vida.

(Palestra proferida no Auditório do IHG-DF, em 20/05/98.)

## ABL-DF publica poema de Cecília Meireles

A edição nº 15 da Revista da Academia Brasiliense de Letras, editada pelo poeta Antônio Carlos Osório, também presidente da instituição, traz dois poemas inéditos, no Brasil, de Cecília Meireles. A apresentação dos poemas é feita pelo professor americano Fred F. Ellison, da *University of Texas* (Austin), e a tradução do texto é do próprio Antônio Carlos Osório.

DF Letras destaca o importante serviço prestado à literatura brasileira pela revista e republica aqui o poema "Mexican List and Tourists", que foi originalmente escrito em português por Cecília Meireles, e também trecho da apresentação.

Se você deseja conhecer a revista da Academia Brasiliense de Letras, com 311 páginas e excelentes informações e textos de escritores de Brasília, ligue para (061) 326-4603.

**Apresentação** - A maioria dos biógrafos da poetisa brasileira Cecília Meireles lembra o fato de que no verão de 1940 ela deu cursos sobre a cultura e literatura brasileiras na Universidade do Texas, em Austin. Ela, portanto, ajudou também na implantação do programa de língua portuguesa e literatura luso-brasileira da Universidade. Pessoas que ainda moram no Texas recordam-se de Cecília Meireles como uma professora carismática e uma encantadora pessoa humana. Durante sua estada ela escreveu pelo menos dois poemas, que vamos examinar com algum detalhe: o primeiro, um curioso poema sem título escrito em inglês, em ligação com uma conferência sobre assuntos internacionais, na Universidade do Texas; e o segundo, com um título em inglês, mas escrito em português, com uma mistura de termos mexicanos, "Mexican List and Tourists", descreve sua visita a um restaurante de Austin e foi publicado em "Vaga Música" (1942).

## Mexican list and tourists

### A Virginia e Bessie

#### CECÍLIA MEIRELES

Oh! "El Charro" com seus *sarapes*,  
com seus *sarapes* de listas!  
Jardins com ternuras árabes  
para os senhores turistas...  
(*Tacos.*)

Pela fresca das seis horas,  
as mesas estão floridas.  
Pelos canteiros, abóboras.  
Pelas mesas, mãos unidas.  
(*Tacos y tortillas.*)

Isto é uma estranha comida,  
e não te digo que comas...  
Ouve a canção da voz úmida.  
"Gavilanes y palomas..."  
(*Tacos, tortillas y enchiladas.*)

Esta jovem de turbante,  
e o seu noivo, sem casaco,  
falam-se, riem-se, curvam-se,  
mastigando um amor e um taco.  
(*Tacos, tortillas, enchiladas y tamales.*)

E o cantor dobra a cantiga,  
com voz de cana rachada,  
de boa cana romântica,  
toda de amor desmanchada...  
(*Tacos, tortillas, enchiladas, tamales y chile com carne.*)

Canção, pimenta, abacate,  
flores, crepúsculo – tudo  
é inútil, ó poema, acaba-te!  
Este mundo é surdo-mudo...  
(*Tacos, tortillas, enchiladas, tamales, chile com carne y peanuts.*)

REVISTA  
DA ACADEMIA  
BRASILIENSE  
DE LETRAS



Ano XVI - Nº 15 - Brasília - 1998

Surdo-mudo, sim, senhores,  
que estes noivos casarão,  
e, estimem-se, amem-se, adorem-se,  
vai ser em vão:  
cada um tem sua moda...

- ele irá mascando goma,  
ela tricotando lã...  
Nenhum sabe o que é *paloma*  
nem tampouco *gavilán*...

Ai, *tacos, tamales y frijoles*  
*fritos*!  
Ai, ai, café, *peppermint* e canções  
de "El Charro"!  
Abóboras sonhando nos canteiros  
tão bonitos,  
e *tortillas* quentes no prato de  
barro!

Ai, que os turistas, com seus  
dedos esquisitos,  
riscam fósforos nos pés e  
acendem o cigarro!

# Simples cidade

RENATO RIELLA

O Pan-  
teão é a  
face incli-  
nada do nada.  
Mas a Catedral,  
não! É monumental.

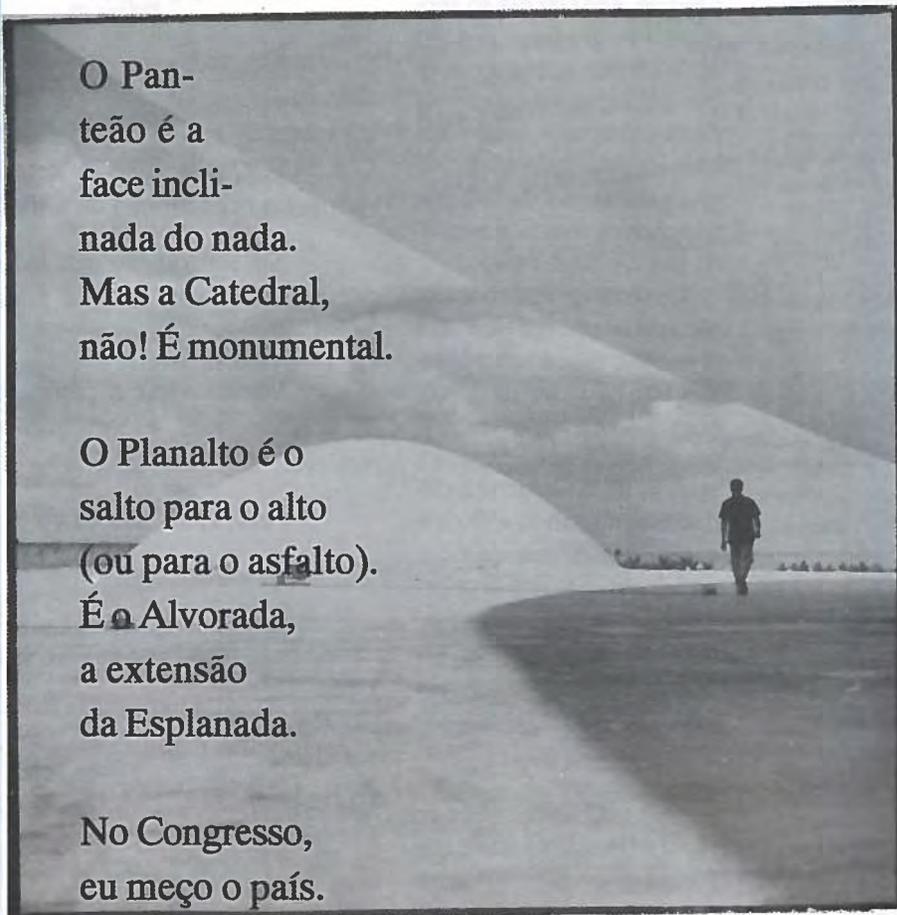
O Planalto é o  
salto para o alto  
(ou para o asfalto).  
É a Alvorada,  
a extensão  
da Esplanada.

No Congresso,  
eu meço o país.

E no Eixão,  
atropelo  
o coração.

Simples cidade  
da humanidade,  
patrimônio da pátria,  
Brasília.

Só faltou o mar.  
Lúcio e Oscar,  
porque o Lago  
é um mero afago  
onde me afogo,  
no escuro do futuro.



“O céu é o mar  
de Brasília”  
Lúcio Costa

**Câmara Legislativa do Distrito Federal**

**Presidente:** Edimar Pireneus  
**Vice-Presidente:** Gim Argello  
**1º Secretário:** Wasny de Roure  
**2º Secretário:** Daniel Marques  
**3º Secretário:** Benício Tavares

**Conselho Editorial**

Francisco Gustavo de Castro Dourado,  
Afonso Ligório Pires de Carvalho,  
Margarida Patriota, João Henrique  
Serra Azul, José Ferreira Simões,  
Mauro Cunha Campos de Moraes e  
Castro, José Prates, Gracia  
Cantanhede, José Geraldo Pires de  
Mello, Luiz Gonzaga Rocha, Diniz  
Felix dos Santos, Romário Schettino,  
João Vianney C. Nuto, Marco Túlio  
Lustosa de Alencar

**Coordenador de Editoração e  
Produção Gráfica:** Randal Junqueira

**Assistente da Coordenadoria:**  
Wellington M. Oliveira

**Editor DF Letras:** Luis Turiba

**Programação Visual:** Marcos Lisboa

**Editoração Eletrônica:**

Apolo Guanđalini

**Capa:** Equipe da DF Letras

**Fotografia:** Fábio Rivas, Silvio Abdon,  
Carlos Gandra e Rinaldo Morelli  
**Revisão:** Anamaria Silva Pinheiro,  
Glória Iracema D. F. Alencar, José  
Afonso de Sousa Camboim e Vania  
Maria Rego Codeço

**Digitação:** Gilberto Lucas, Chrissoula  
Pappas e Sérgio Cáceres

**Chefe da Seção de Editoração:**  
Valéria Castanho

**Equipe:**

Ana Caçador, Antônio Eufrauzino,  
Cláudio de Deus, Claudio Gardin,  
Dino Souza, Hélio Araújo, Marcelo  
Perrone, Márcia Machado, Marizete  
Amaro, Nelci Stein, Oscar  
Monterrojas e Teobaldo André

**Chefe da Seção de Produção Gráfica:**

Pedro Victor de Senna Rodrigues

**Equipe:**

Abimael Amorim, Adeilton Godoy,  
Antônio A. dos Santos, Antônio Carlos  
Pereira, Carlos A. de Macedo, Celso  
Santana, Cláudio Quilici, Denilson  
Caldas, Edson de Lima, Francisco C.  
Bezerra, Glacy Barrozo, Irani de S. P.  
Araújo, Ivanildo de A. Silva, Jonatas  
Martins, José C. de Sousa, José de  
Jesus, José Bergamaschi, José de  
Albuquerque, Lázaro Tolentino, Luiz  
Fidyk, Nicanor F. Ricardo, Raimundo  
Nonato T. Carvalho, Reinaldo  
Andrade, Silvio R. Fohseca e Vicente  
Lima

**Tiragem:** 5 mil exemplares

Esta edição compreende os números 59/62,  
meses de janeiro a maio/1999.

Os autores das matérias publicadas não  
recebem qualquer valor pecuniário e é de sua  
inteira responsabilidade o conteúdo das  
mesmas.

**Redação: CEPG**

Fones: (061) 348-8412 e 348-8959

Fax: (061) 348-8413

**Câmara Legislativa do Distrito Federal**

SAIN - Parque Rural

CEP 70086-900 - Brasília-DF

Fone:(061) 348-8000

**Alma de rua**

Meu querido amigo  
Newton Rossi:

Estou em falta com você:  
após a oferta de seu livro de  
poemas *Alma da rua*, só ago-  
ra venho agradecer. E devo  
fazê-lo, com alegria, a come-  
çar pela generosidade da  
dedicatória, que muito me  
honra e, principalmente pelo  
encantamento da leitura,  
que mostra uma rica e varia-  
da sensibilidade poética.

Os sentimentos, contudo,  
são apenas possível base para  
o poema, que é uma cons-  
trução, não um derrama-  
mento. Você supera e ultra-  
passa a riqueza do coração,  
através de uma factura cui-  
dadosa, moldando e discipli-  
nando os ímpetos da alma,  
principalmente nos excelen-  
tes sonetos, com rara segu-  
rança de metro e ritmo. Vá-  
rios deles merecem desta-  
que, mas permita que apon-  
te em especial o "Trecho de  
carta".

Muito obrigado, meu caro  
Newton Rossi, pelo belo pre-  
sente e pelo prazer da leitura.  
**Antonio Carlos Osorio-DF**

**Prosperidade**

Caro Editor, agradeço-lhe  
o envio da DF Letras, que  
merece os meus parabéns  
pela qualidade dos textos elab-  
orados por escritores e po-  
etas da melhor estirpe. Não  
somente a qualidade da re-  
vista deve ser ressaltada, tam-  
bém a contribuição que  
vocês estão dando à cultura  
brasileira.

Na condição de editor do  
jornal "Poesia etc.", aqui do  
Rio, sentimo-nos honrados  
em divulgar a existência da  
DF Letras. Colocamos nosso  
trabalho à disposição de  
vocês, para um futuro exa-  
me (poemas, contos, crítica,  
etc.).

Brasília, 29 de dezembro de 1998.

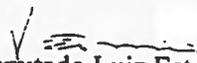
**Prezado Escritor**

Em todas as atividades que participei e de  
maneira especial na Vice-Presidência da Câmara  
Legislativa, apoiei sempre e incondicionalmente a  
CULTURA, por sabê-la um dos instrumentos mais  
valiosos na construção de um novo tempo.

No senado, ao seu lado, a luta vai continuar,  
por entender que, os que fazem a Cultura, fazem o  
mundo melhor.

Vamos virar a página do século, não apenas  
aguardando, mas, escrevendo o capítulo de um novo  
milênio.

Feliz 1999, são os votos de

  
**Deputado Luiz Estevão**

Vice-Presidente da Câmara Legislativa do DF

Meus votos de prosperi-  
dade e permanência em be-  
nefício das letras brasileira  
e brasileira.

**Emil de Castro-RJ**

**Cassiano Nunes**

I - Amigos da Redação, é  
sempre um prazer receber  
a DF Letras. No mais recen-  
te exemplar recebido, salien-  
to o ensaio de Cassiano  
Nunes sobre a admiração  
que Monteiro Lobato tinha  
por Euclides da Cunha e a  
crônica "Conselho de Ami-  
go", de Danilo Gomes.

A DF Letras precisa con-  
tinuar divulgando e honran-  
do as letras brasileiras.

Saudações à equipe.

**Anita Costa Prado-SP**

II - Prezado Jornalista, muito  
agradeço mais um número,  
o nº 57/58, Ano V, novem-  
bro e dezembro/98, da DF  
Letras. Destaco o ensaio

"Monteiro Lobato, admirador  
de Euclides da Cunha", de  
Cassiano Nunes. Li-o com  
prazer, com proveito. Teve  
inclusive o mérito de me le-  
var a reler "A Barca de  
Gleyre", de Monteiro Lobato.  
Um abraço

**Acrísio Tórres-DF**

III - Caro Sr. Editor, cum-  
primento a DF Letras pela qua-  
lidade dos trabalhos nela pu-  
blicados, importante contri-  
buição para a divulgação da  
cultura do Brasil Central e  
do país como um todo. Es-  
pero que essa publicação  
continue a perseguir seus  
objetivos por muitos anos.  
Destaco em seu número  
mais recente (57-58) o bri-  
lhante ensaio do professor e  
poeta Cassiano Nunes, sobre  
Monteiro Lobato e Euclides  
da Cunha. Em agosto último,  
mestre Cassiano nos honrou  
com a apresentação daque-

**E-mail:**

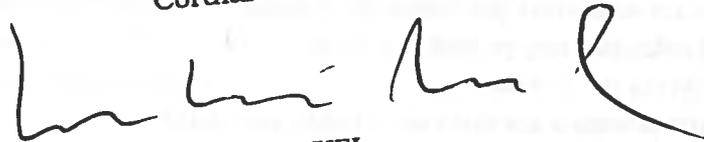
[df-letras@cl.df.gov.br](mailto:df-letras@cl.df.gov.br)

*Luiz*  
Jorn. Luis Turiba,

Recebi seu instigante poema "Língua de fora não se manifesta" e fiquei muito entusiasmado ao saber que a revista **DF Letras** dedicará especial atenção aos preparativos das comemorações do Quinto Centenário do Descobrimento.

Por favor, não deixe de me enviar suas sucessivas edições.

Cordial abraço



MARCO MACIEL  
Vice-Presidente da República

le trabalho em Taubaté, terra natal de Lobato. A reprodução da conferência nesta revista traz-lhe a merecida repercussão. Parabéns.

Cordialmente,  
**Antonio B. S. Filho-SP**

## Novo endereço

Senhores Editores, acostumada que estava a receber a DF Letras desde sua primeira edição, estou agora sentindo-lhe a falta. Aposentei-me no primeiro semestre de 98 e vim morar algum tempo aqui no sul de Minas. Gostaria de continuar recebendo essa valiosa publicação que tanto tem enaltecido as letras de Brasília.

Continuo com apartamento aí em Brasília, onde vou matar saudades; afinal foram 24 anos de trabalho no DF, onde desenvolvi minha carreira literária, trabalhei, fui feliz, fiz amigos. Sei que os laços que me prendem a Brasília são muito fortes e o recebimento da DF Letras em meu novo ende-

reço me fará muito feliz.

Grata pela atenção,  
**Hilda M. da Silva-MG**

## Faculdade

Prezado Editor, acusamos o recebimento da revista DF Letras v. 5, nº 57/58. Nesta oportunidade, esclarecemos que o assunto da mesma é mais pertinente à biblioteca da Faculdade de Letras. Caso queiram continuar enviando a revista, enviem-na para o endereço abaixo:

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras - Biblioteca - Caixa Postal 905, 30161-970 BH/MG

Atenciosamente,  
**Edna-MG**

## Inteligente

Há pouco chegou-me às mãos o novo número dessa revista inteligente e bem cuidada revista cultural, o nº 57/58, trazendo excelentes textos de entrevistas (com esclarecedoras informações sobre os entrevistados), artigos e ensaios (entre estes o do velho amigo Cassiano

Nunes e seu sólido conhecimento acerca de Lobato), poesias, etc. Faço votos de que ventos contrários não soprem para interromper tão importante iniciativa na área cultural (sempre tão carente de estímulo e apoio!). Realmente todos os Estados precisariam manter um órgão como esse, onde pudessem ser veiculadas informações das várias regiões do país e, inclusive, ser estimulados os escritores, poetas, ensaístas, etc. a produzir, por saberem que teriam um órgão difusor.

Parabéns a todos!

**Nelly Novaes Coelho-SP**

## Cultura

Caros amigos da DF Letras, é com imenso prazer que acuso recebimento do terceiro exemplar da revista, e quero parabenizar a todos da equipe, pois é realmente um excelente trabalho o que ela nos transmite: as entrevistas, os artigos, enfim, tudo o que diz respeito à cultura brasileira.

Vai aqui um pouco do meu trabalho; se possível, eu

gostaria que fosse publicado.

## Incentivo

É tempo para pensar...  
É tempo para raciocinar...  
É tempo para mostrar o

talento  
que temos para que todos possam admirar.

Tente, invente, faça diferente,  
para que todos vejam e admirem

o seu talento: na pintura como na poesia, seja no que for, fazendo alegria do seu dia-a-dia.

Um forte abraço  
**Flavio P. Gomes-PA**

## Sucesso

Prezado Senhor, acuso o recebimento da revista de nº 57/58 e fico grato pela atenção da equipe. A DF Letras é um ótimo órgão cultural que todo literato que almeja ser grande deve conhecer.

Fico daqui aguardando notícias e desejando sucesso neste ano de 99.

Atenciosamente,  
**Juca da Silva-RJ**

# Round Midnight

: todos morremos um pouco por volta da ½ noite  
 tocando jazz, soul, samba  
 morremos todos um pouco por volta da ½ noite  
 o amor morre um pouco por volta da ½ noite  
 as mães morrem um pouco por volta da ½ noite  
 todos os sinos  
 atabaques, tambores, tantões  
 todos os ritmos  
 choram seus sons por volta da ½ noite  
 há fantasmas nos porões das luas  
 por volta da ½ noite  
 há um poema a ser feito acordando seus latidos  
 por volta da ½ noite  
 há crianças de olhos vermelhos  
 dos pés das calçadas da ½ noite  
 há bares, putas, veados, negros e brancos  
 viajando na ½ noite  
 há lençóis amassados limpando suores  
 no rosto da ½ noite  
 a vida escorre lenta o seu enorme relógio  
 põe corações em chamas  
 bronquites, babas, febres, espasmos  
 sempre e sempre e cada vez mais sempre  
 por volta da ½ noite  
 : todos morremos um pouco por volta da ½ noite.

TANUSSI CARDOSO

## Espermatozóides

Hitler  
 Gandhi  
 Idi Amin  
 Nelson Mandela  
 Imelda Marcos  
 Irmã Dulce  
 Pinochet  
 Pablo Neruda  
 Médici  
 Chico Buarque  
 Bush  
 Fidel Castro  
 Rosane Collor  
 Fernanda Montenegro  
 Napoleão  
 John Lennon  
 Sadam Hussein  
 Raul Seixas  
 Baby Doc  
 Charlie Chaplin

Meu Deus!  
 Como os  
 espermatozóides  
 são contraditórios!

SÉRGIO VAZ



Lembras,  
Do que, no Passado, previas,  
Ser nosso controle-Futuro?  
Passado já é. (Nem sentias,  
Enquanto "brincavas", no escuro...)

Saibas,  
Que, agora, é que vem o mais duro.  
Sorrirás, teu ar constrangido,  
De quem (crê) fez "sexo seguro",  
E se ergue da cama... "perdido".

**DINIZ FELIX DOS SANTOS**

## Meninos de rua

Menino imundo  
menina do mundo  
meninos de rua.

Lutar ou morrer  
roubar e correr  
para ter o que comer.

Meninos ingratos  
lhe dou o meu prato  
ainda quer me bater.

Correm e brincam  
trabalham e pulam  
até a polícia aparecer.

Polícia que bate  
explora e humilha  
polícia que bate.

Meninos da fome  
cidadãos da noite  
nem mesmo tem um nome.

Meninos porreta  
dormem na sarjeta  
sem esperança do amanhecer.

Meninos de rua  
qual culpa é a sua?  
... ser meninos de rua.

**PAULINO RODRIGUES**

## O Aposentado

O trabalho  
traça o trilho  
do homem  
na vivenda da vida.  
A labuta  
condena ou liberta  
o homem  
diante dos desafios  
do mundo.  
A consciência coletiva  
é a bússola  
que define o destino  
do homem  
na comunidade.  
O trabalho é dever.  
O lazer é direito.  
Aposentadoria é conquista  
de vida  
legitimamente alcançada  
na lida.  
O aposentado  
é legatário  
da sociedade.

**BOANERGES ARAÚJO**

## A Velhinha Centenária

A velhinha centenária  
tem muita névoa nos olhos  
e não lembra quase nada.  
Já nem mesmo reconhece  
a própria filha diletta,  
que a seus cuidados dedica  
as horas todas do dia.

Porque não a reconhece,  
a velhinha centenária  
só vê, na doce criatura,  
alguém que a oprime. Por isso,  
não se cansa de xingá-la,  
usando até palavrões,  
nunca antes ditos por ela.

## Perto da Perfeição

Plante  
semente de alegria  
em todos os corações.  
Tudo que doamos  
aos nossos semelhantes  
retorna para nós.  
Retorna multiplicado  
de forma admirável.  
Deus em sua infinita  
genialidade  
está constantemente  
renovando  
as suas criaturas  
tornando-as  
cada vez  
mais perto  
da perfeição.  
Então você pode  
buscar constantemente  
a melhoria de si mesmo.

**MIRA ALVES**

Quando, entretanto, vencida  
pelo cansaço, se inclina  
a moça sobre o sofá,  
ou sobre a cama, e adormece,  
a velhinha centenária  
senta em frente, na poltrona,  
e dali ninguém a tira.

O indicador sobre os lábios,  
em pedido de silêncio  
e serena beatitude,  
explica que assim procede  
por ter de velar aquele  
anjo do céu, que é tão lindo,  
e ali dorme, a seus cuidados.

**ROMEU JOBIM**

# Língua que se manifesta

LUIS TURIBA

## Para Antônio Houaiss

Ó órgão vernacular alongado  
Hábil áspero ponteadado  
Móvel Nobel ágil tátil  
Amálgama lusa malvada  
Degusta deglute deflora  
Mas qual flora antropofágica  
Salva a pátria mal amada.

Língua Língua Língua Língua!

Língua-de-trapo Língua solta  
Língua ferina Língua douta  
Língua cheia de saliva  
Saravá Língua-de-fogo e fósforo  
Viva & declinativa  
Língua fônica apócrifa  
Lusófona & arcaica  
Crioula iorubaica.

Língua-de-sogra Língua provecta  
Língua morta & ressurrecta  
Língua tonal viperina  
Palmo de neolatina  
Poema em linha reta  
Lusíadas no fim do túnel  
Caetano não fica mudo  
Nem "Seo" Manoel lá da esquina.

Por ti  
Guesa Errante, afro-gueixa  
O mar se abre o sol se deita  
Por Mários de Sagarana  
Por magos de Saramago  
Viva os lábios! Viva os livros!  
Dos Rosas Campos & Netos  
Os léxicos Andrades, os êxtases  
Toda a síntese da sintaxe  
Dos erros milionários  
Desses malandros otários  
Descartáveis, de gorjetas.

Língua afiada a Machado  
Afinal, cabeça afeita  
Desafinada índia-preta  
Por cruzas - mil - languageiras  
A coisa mais Língua que existe  
É o beijo da impureza  
Desta Língua que adeja  
Toda brisa brasileira

**Por mim,  
tupi,  
Portuguesa.**

